

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MASCULINIDADES EM TEMPOS DE DESENCANTO:
USOS E DESUSOS DA HISTÓRIA MEDIEVAL NAS REDES SOCIAIS
DA INTERNET NO BRASIL (2018-2022)

Thaís Monique Costa Moura

São Cristóvão
Sergipe – Brasil
2023

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

M929m	Moura, Thaís Monique Costa. Masculinidades em tempos de desencanto: usos e desusos da história medieval nas redes sociais da internet no Brasil (2018-2022) / Thaís Monique Costa Moura; orientador Bruno Gonçalves Álvaro. - São Cristóvão, SE, 2023. 123 f. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2023. 1. Idade média. 2. Masculinidade. 3. Redes sociais on-line. 4. Internet – Aspectos sociais - Brasil. I. Álvaro, Bruno Gonçalves, orient. II. Título. CDU 94(100):004
-------	---

THAÍS MONIQUE COSTA MOURA
MASCULINIDADES EM TEMPOS DE DESENCANTO:
USOS E DESUSOS DA HISTÓRIA MEDIEVAL NAS REDES SOCIAIS DA
INTERNET NO BRASIL (2018-2022)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial obrigatório para a obtenção do título de Mestre em História na Área de Concentração Cultura e Sociedade. Linha de Pesquisa: Relações Sociais e Poder.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Carlos de Oliveira Malaquias
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Guilherme Queiroz de Souza
Universidade Federal da Paraíba

SÃO CRISTÓVÃO
SERGIPE - BRASIL
2023

Dedicado à Maya, minha cachorrinha antifascista, que de alguma forma sempre manifesta sua repulsa latindo toda vez em que a palavra "fascismo" é mencionada.

AGRADECIMENTOS

Eu sei que isso pode soar meio egocêntrico da minha parte, mas a primeira pessoa em que eu queria agradecer ao final dessa dissertação sou eu mesma. Não foi fácil chegar até aqui, muita coisa aconteceu durante a produção desse trabalho. Iniciei essa pesquisa ainda no final de 2020, em meio a pandemia de covid-19, um conturbado final de graduação e de uma luta constante para não surtar. Mas, aos trancos e barrancos, eu posso dizer que consegui chegar até aqui e isso é algo muito importante para mim.

Mas nem de longe cheguei até aqui sozinha. Fui muito bem amparada por minha família e meus amigos. Para eles, meus mais sinceros agradecimentos. Primeiramente à minha mãe e ao meu pai, que muitas vezes não conseguiam entender os processos do mestrado, mas sempre estavam ali para me dar todo o apoio aos meus sonhos. À Greyce, minha irmã e companheira, que sempre dava um jeito de falar em público que eu estava fazendo mestrado na UFS, dizendo que eu deveria me achar por ter chegado até aqui. Amo todos vocês do mais fundo do meu coração.

Quero agradecer a Vitor, por acompanhar em pista premium vip os meus surtos diários, as minhas reclamações e as minhas sinceras risadas com absurdos lidos na internet durante a produção deste trabalho. Te amo.

Sou extremamente grata também a todos os meus amigos que fiz nessa universidade. Um agradecimento a Hiago por quem partilhei, por vezes diariamente, todos os adoecimentos que a vida acadêmica pode gerar, mas também com quem compartilhei várias e várias alegrias; Júlia, que faz uma saudade tremenda por estar em outra cidade, mas sempre que podemos nos juntamos para falar sobre a vida e a loucura da docência; a Luísa minha gêmea de jornada, de experiência, de nervoso, de livros de gosto duvidosos e de felicidade; e a Maria da Conceição de quem nem sempre estou presente fisicamente, mas toda vez que a vejo é como se estivéssemos ainda naquele escolar conversando sobre a vida. Amo todos vocês demais e espero que saibam disso.

Quero manifestar meu agradecimento também a todos do Dominium – Estudos sobre Sociedades Senhoriais. Cada uma das colocações de vocês está presente aqui. Um agradecimento especial para Aylla, Bruna, Cassiano, Ives, Leonardo, Lívia e Rafael. Obrigada por todo o aprendizado e por sempre me lembrarem da delícia que é estudar o que se gosta.

Agradeço de coração também aos professores Carlos de Oliveira Malaquias e Guilherme Queiroz de Souza por todas as indicações e apontamentos. Muito do que foi apresentado pelos senhores na qualificação foi incorporado aqui. Muito obrigada pela paciência de me mostrarem formas de melhorar o que foi escrito.

Gostaria também de agradecer a Capes-CNPq por ter conseguido uma bolsa ao final dos dois anos de mestrado, algo que muito me ajudou na minha permanência no mestrado.

E aqui vai um agradecimento especial para Bruno, meu orientador. Ser “orientador” é algo muito belo e foi exatamente o que você fez. Não tenho palavras para descrever o quanto sou grata. Obrigada por me ajudar no direcionamento desse caminho enevoado que é a pesquisa histórica. Obrigada pelo apoio, pela ajuda e por me acalmar nas diversas vezes em que mandei um e-mail metade acadêmico, metade surtado. Muito obrigada, de verdade.

RESUMO

Masculinidades em tempos de Desencanto:

Usos e desusos da História Medieval nas Redes Sociais da Internet no Brasil (2018-2022)

O manuseamento e a recriação do passado são fontes de mobilização social por governos autoritários em diversos períodos da história. No que se refere no Brasil contemporâneo aos grupos da extrema direita, notamos um uso político-partidário do período medieval e a produção de conteúdos midiáticos que encontram alguma relação com a Idade Média na política nacional. Esses usos do imaginário medieval sem qualquer compromisso com o período histórico, mantém a “estética” medieval a fim de gerar propagandas políticas embasadas de reivindicações contemporâneas. Estas aplicações sustentam a mesma ambivalência que outras vezes a Idade Média foi retratada, ora sendo um período positivo, ora sendo negativo. Nesse sentido, esta dissertação se destina a analisar como a História Medieval foi utilizada como pulsão de mobilização nas redes sociais de grupos da extrema direita brasileira contemporânea. Para compreendermos a conjuntura de tal manipulação do passado, buscamos nos dedicar a entender outros contextos de utilização da Idade Média como fonte de mobilização social, para melhor compreendermos as especificidades do uso do passado medieval em terras brasileiras. No que se refere ao nosso corpo documental da pesquisa, nos dedicamos a analisar as fontes imagéticas, audiovisuais e textuais de grupos da extrema direita contemporânea brasileira (2018-2022) vinculados na Internet. Nos dedicamos a demonstrar que as manipulações do passado da Idade Média possuem especificidades no território brasileiro graças a mudanças políticas e sociais contemporâneas, que culminam em um terreno fértil para estas produções e almejamos entender de que modo estes grupos entendem o período medieval e os homens medievais. Desta forma, percebemos que tais usos da história se mostram como uma forma de buscar no passado aspirações para um futuro glorioso, em resposta a um presente em que estes homens se sentem pertencentes a um desencanto coletivo.

Palavras-chave: Usos da História Medieval; Masculinidades; Redes sociais brasileiras; Medievalismo; Extrema direita brasileira.

ABSTRACT

Masculinities in times of Disenchantment:

Uses and disuses of Medieval History on Internet Social Networks in Brazil (2018-2022)

The handling and recreation of the past is a source of social mobilization by authoritarian governments in different periods of history. In contemporary Brazil, we note a partisan political use of the medieval period and the production of media content that finds some connection with the Middle Ages in national politics. These uses of medieval imagery without any commitment to the historical period, maintain the medieval “aesthetics” to generate political advertisements based on contemporary claims. These applications sustain the same ambivalence that the Middle Ages were portrayed at other times, sometimes being a positive period, sometimes being negative. In this sense, this dissertation is intended to analyze how Medieval History was used as a mobilization impulse in the social networks of groups of the contemporary Brazilian extreme right. To better understand the context of such management of the past, we seek to dedicate ourselves to understanding other contexts of the use of the Middle Ages as a source of social mobilization, to understand the specificities of the use of the medieval past in Brazilian lands. Concerning our research documentary body, we dedicated ourselves to analyzing the imagery, audiovisual and textual sources of groups of the Brazilian contemporary extreme right (2018-2022) linked on the Internet. We are dedicated to demonstrating that the manipulations of the Middle Ages past have specificities in the Brazilian territory thanks to contemporary political and social changes, which culminate in a fertile ground for these productions and we aim to understand how these groups understand the medieval period and medieval men. In this way, we perceive that such uses of history are shown as a way of seeking aspirations for a glorious future in the past, in response to a present in which these men feel they belong to a collective disenchantment.

Keywords: Uses of Medieval History; Masculinities; Brazilian social networks; Medievalism
Brazilian extreme right.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – A HISTÓRIA MEDIEVAL COMO UM EXEMPLO HISTÓRICO.....	27
1.1. Do ontem.....	29
1.1.1. Em Portugal, da compreensão de uma <i>perfeita</i> Idade Média à sátira retirada de circulação.....	30
1.1.2. Na Espanha, o constante uso do passado medieval.....	33
1.1.3. A Alemanha e todo seu serviço de propaganda nazista.....	37
1.2. Do hoje.....	43
1.2.1. Da França, o discurso nacionalista embebido do medievo.....	43
1.2.2. Ucrânia e sua luta contra a “barbárie medieval”	45
1.2.3. Os Estados Unidos e suas intempéries medievais.....	46
CAPÍTULO II – HOMENS DESENCANTADOS COM A SOCIEDADE QUE OS CERCA: O BRASIL EM UM CAMPO DE COMBATE DE IDENTIDADES MASCULINAS.....	54
2.1. Os Estudos sobre Masculinidades.....	55
2.2. Descrevendo esses grupos.....	62
2.2.1. Preconceito com o “distinto”: Racismo, LGBTQIA+fobia, ódio ao Feminismo e as mudanças sociais no século XXI.....	62
2.2.2. Religiosidades no Brasil: Conservadorismo e pautas cristãs.....	69
2.3. Nacionalismo: pulsão de revolta.....	74
2.4. A overdose de anticomunismo.....	75
2.5. Extrema-direita e Bolsonarismo: Bolsonaro como a figura mítica no campo do social e do imaginário das fontes imagéticas.....	77
CAPÍTULO III: O CONTRA-ATAQUE DOS HOMENS MEDIEVAIS BRASILEIROS.....	81
3.1. A organização <i>subpartidária</i> Lux Brasil.....	85
3.2. Brasil Paralelo.....	90
3.2.1. Uma empresa privada de entretenimento que busca resgatar os “bons valores”	91

3.2.2. Brasil: Uma última Cruzada?	92
3.2.3 Varnhagen – Colonialismos e visões sobre a “origem” do Brasil.....	99
3.2.4. Recepção das produções da Brasil Paralelo.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS	111

INTRODUÇÃO

*Patriotas, venho de longe em sagrada missão. [...] Vamos resgatar nosso país, nossa bandeira. ORDINEM ET PROGRESSUS, VENIT AD LUX!*¹

No dia 3 de março de 2020 foi disponibilizado na Internet um vídeo de um homem vestido de cavaleiro medieval convocando patriotas para a manifestação do dia 15 de março de 2020, em apoio ao então Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. Iniciando o enquadramento do vídeo com a bandeira brasileira e utilizando-se do som da marcha do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, ele cavalga em direção a câmera, onde é possível ver seus cabelos longos e sua armadura envolvendo uma cruz no peito. No dorso do cavalo há a bandeira de uma organização chamada Lux Brasil, responsável pela criação do vídeo e sua divulgação na Internet.

O cavaleiro, que clama ter vindo de longe em uma sagrada missão, chama os patriotas para a manifestação contra os comunistas e traidores da pátria e diz ter como objetivo resgatar o Brasil e a bandeira verde e amarela. Finaliza o chamado com um “*Ordin et progressus*”, numa tentativa de latinização do lema positivista *Ordem e Progresso* estampado no centro da bandeira brasileira. Posteriormente grita “*Venit ad Lux*”, clamando que o expectador “venha até a luz” e consequentemente uma luz surge na ponta da bandeira que ele carrega.

A respeito do impacto do vídeo, mais de 60 mil pessoas viram essa produção no *Youtube*.² Mesmo que a maioria dos comentários mais populares no canal do *YouTube* seja em tom de sátira, sabe-se que a mensagem foi viralizada³ pelas redes sociais. O que chama atenção da obra é seu conteúdo imagético: mesmo que o dito seja comum em peças políticas midiáticas recentes, aqui a figura do cavaleiro entendido como medieval é utilizada como componente fundamental na propagação da mensagem.

¹ LUX BRASIL. O cavaleiro da Lux convida você!... **YouTube**, 3 de março de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JTQMu4TzoG4>. Acesso em: 20 de setembro de 2022.

² O *YouTube* é uma plataforma de compartilhamento de vídeos criada em 2005.

³ Quando algo viraliza na Internet significa que tal coisa foi compartilhada por um número grande de pessoas em um período curto de tempo, conseguindo se espalhar rapidamente entre elas.

No que se refere à imagética e potência narrativa, não há como negar que a Idade Média desponta como um forte expoente de figuras conhecidas e conceitos pré-definidos. Desde figuras historicamente reconhecidas como cavaleiros, bruxas, donzelas, reis e rainhas, até outras imaginárias como dragões, ogros e animais fantásticos, muito do que se é produzido no mundo fantasioso e surreal contemporâneo tem como fonte um imaginário pulsante em torno do período medieval.

Porém, mesmo sendo um solo fértil para produções do gênero ficcional da fantasia, a Idade Média ainda é fortemente enxergada enquanto uma época estanque. Algumas vezes, para o senso comum, o cenário que se compõe quando se pensa nesse período histórico remonta mais aos séculos posteriores do que ao seu próprio tempo de existência. Ainda que, ironicamente, tais séculos atualmente sejam estudados como pertencentes à Idade Média, do Humanismo italiano dos séculos XIV e XV se ergueu a visão do Medievo enquanto um período obscuro, atrasado, o outro do qual não se deve aproximar.⁴

Além disso, o contexto da Idade Média pós-Revolução Francesa (1789-1799) sempre foi muito disputado. Cravada entre a Antiguidade Clássica e o surgimento da dita Modernidade, o que se percebe é uma história conceitual de idas e vindas para o considerado bem e mal.⁵ A expressão "Idade Média" (*medium aevum*), cunhada pelo poeta Francesco Petrarca (1304-1374), foi criada no século XIV e tinha como finalidade se constituir como uma antítese do que seria o Mundo Moderno:

[...] o conceito de idade média pode também ser entendido como uma estratégia de periodização realizada historicamente, uma performance teórica, política e cultural de construção e de delimitação de fronteiras cronológicas capazes de definir um “outro” temporal, com usos ideológicos e políticos que podem ser observados na sua apropriação no século XIX ou mesmo nas releituras dos séculos XX e XXI.⁶

Mesmo sendo parcialmente execrada nos séculos seguintes, o período medieval ainda permaneceu com um forte apelo imagético em torno de seu tempo. Alguns séculos a frente, é no século XIX que a História Medieval é vista pela historiografia como um sonho idílico. Nesse espaço são colocados todos os desejos, aspirações, devaneios e fascínios. Por esse motivo, no século novecentista jaz um clímax da ojeriza sobre a Idade Média ao passo da mais bela fantasia

⁴ CÂNDIDO DA SILVA, M. Uma História Global antes da Globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. **Revista de História**, [S. l.], n. 179, p. 1-19, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.160970. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/160970>. Acesso em: 27 set. 2022.

⁵ FRANCO JR, H. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

⁶ AMARAL, C; BERTARELLI, M. Discursos sobre a Divina Comédia ou temporalizações de Dante Alighieri? A construção do conceito de Idade Média e uma análise por meio da teoria do medievalismo. **Revista Signum**, v. 21, n. 2, p. 37-62, 2020. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/561>. Acesso em: 22 set. 2022, p. 38.

envolta no período. De cavaleiros honrosos, amores cortes medievais que tomam a literatura e o imaginário sobre a época durante o século, há também o outro lado: a ideia de um tempo atrasado, imutável, forçosamente religioso e por isso tortuoso, completamente oposto à modernidade.⁷

No século XIX também se iniciam as discussões sobre as origens das Nações e do Estado.⁸ Sendo incorporado aos líderes políticos a necessidade de remontar ao passado (certamente glorioso) para reafirmar o presente da nação, há o processo de justificação de suas ações em prol de um tempo antigo ou medieval que corrobora com os ideais de sua propagação política. Esse costume se estende também ao século XX, diretamente influenciado e influenciando as várias revoluções e guerras que acontecem no século.

É interessante notar que a Idade Média foi sendo utilizada enquanto um período de legitimação histórica contemporânea, mantendo sua suposta dicotomia nos discursos: por vezes sendo representada como algo bondoso, outras vezes como algo maléfico. Patrick Geary aponta que:

Pouco habituados a estar no centro da disputa política, os historiadores dedicados à Alta Idade Média se dão conta de que o período histórico que estudam é o pivô de uma disputa política pelo passado, e que suas afirmações estão sendo usadas como base para reivindicações para o presente e o futuro.⁹

Da mesma forma, surgem novos usos do imaginário medieval sem qualquer compromisso com o período histórico, mas que mantém a “estética” medieval com o intuito de gerar propagandas políticas embasadas de reivindicações contemporâneas. Estes usos sustentam a mesma ambivalência que outras vezes a Idade Média foi retratada, ora sendo positivo, ora sendo negativo. E é nesse limiar que esta pesquisa se insere.

Medievalismo ou Neomedievalismo: O estudo dos usos do tempo medieval

Dentro da área de estudos medievais, há uma corrente que recentemente tem tomado força chamada *medievalismo*. A corrente tem como estudo os usos do período medieval que são posteriores à Idade Média. Ou seja, procura se debruçar em utilizações do período medieval que não datam dos séculos V-XV, mas que se entendem por medievais. Nesse contexto:

Assim como a ideia de “pós-colonial” [postcolonial] – em oposição a simplesmente “após a colonização” [post-colonial] – transgride, no nível da teoria, a ideia de que o pós-colonial está predominantemente preocupado com

⁷ OLIVEIRA, T. A historiografia francesa dos séculos XVIII e XIX: as visões iluminista e romântica da Idade Média. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 21, p. 175-185, 1999. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/4205>. Acesso em 10 set. 2022.

⁸ GEARY, P. *O Mito das Nações: A invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

⁹ Idem, p. 19.

o que aconteceu depois do colonialismo, o medievalismo pode ser visto, na realidade, não meramente em termos de como a Idade Média foi construída depois que tinha, para todos os efeitos, acabado, mas sim como uma empreitada teórica e metodológica crucial que nos ajuda na reconciliação com as formas de periodização dominantes no discurso histórico do Ocidente por séculos, e, possivelmente, por milênios, isto é, desde quando existiu alguma noção de Ocidente – e isso pode inclusive nos levar à época de Heródoto.¹⁰

Este campo de estudos detém em si uma possibilidade de pensar o medievo de forma plural, sem se desassociar dos estudos medievais e proporcionando uma reflexão aos modos de se pensar a Idade Média. O termo *medievalismo* foi cunhado simultaneamente no ano de 1979 nos Estados Unidos por Leslie Workman (que buscava sistematizar os estudos voltados para as apropriações da Idade Média em períodos pós-medievais criando o periódico *Studies in Medievalism - SIM*) e na Áustria por uma conferência sobre a recepção da poesia medieval que resultou em uma publicação intitulada *Mittelalter-Rezeption*.¹¹

Medievalismo, seria, em sua definição, o campo de estudos que se debruça para todo tipo de uso do passado medieval em tempos não medievais. Ele busca compreender como se dá as aplicações em campos culturais e políticos e quais seriam os interesses dos que utilizam de tal modo o tempo histórico. Principalmente após o século XVIII já se despontavam usos da Idade Média que não correspondiam ao representado nas fontes, mas sim inspirados na época e de itens que transmitiam a sensação de serem medievais, mas que não existiam, como por exemplo os dragões.

Por isso, na década de 70 havia a percepção que se precisaria de um espaço para se pensar as apropriações, recepções e interpretações pós-medievais sobre o que seria a Idade Média. Em sua proposta o *medievalismo* viria como um modo de se pensar a recepção do medievo em produções culturais como a literatura, arquitetura, mídia etc. Mesmo que o conceito tenha sua origem na língua inglesa, ele carrega em si a potencialidade de se pensar a interpretação da Idade Média europeia em espaços que não são europeus, vindo a dialogar com os estudos Pós-Coloniais e Decoloniais.

Já o *neomedievalismo*, segundo Maurício da Cunha Albuquerque:

Popularizado por Umberto Eco em seu ensaio “Dreaming in the Middle Ages” (1986), o neomedievalismo consiste numa apropriação presentista da Idade Média, que se dissocia da história transformando-a em um produto

¹⁰ BERNIS, U.; JOHNSTON, A. Medievalism: A Very Short Introduction. *European Journal of English Studies*. Volume 15, 22 jul. 2011. Tradução GUERRA, L. TEMPONI, E. v. 11 n. 3 (2020): Edição 31 - **Temporalidades**, Belo Horizonte, Vol. 11, n.3, 2019, p. 495.

¹¹ BERRIEL, M. Pour un autre moyen age au Brésil: a perspectiva decolonial na busca de uma episteme para a compreensão dos medievalismos brasileiros. *Antíteses*, v.13, n. 26, p. 68-96, 2020. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/40347>. Acesso em: 15 set. 2022, p.71.

comercializável, adequado para o consumo em larga escala. Algumas de suas principais características são 1) a autoconsciência – o produtor não desconhece o passado, mas opta por ficcionalizá-lo para, assim, atender a demandas sociais e comerciais do grande público, utilizando geralmente de um mínimo denominador comum; 2) a repetição – uso de clichês, anacronismos, pastiches, bricolagens, e outras estratégias de composição que ocasionam na reiteração de temas e modelos “consagrados” do gênero; e 3) a refração – fenômeno comum na adaptação de obras (especialmente literárias) para um outro sistema cultural, suporte e/ou linguagem, em que o produto final perde parte de suas características originárias e ganha novas atribuições.¹²

Dessa forma, nossa pesquisa está no bojo das produções brasileiras que buscam entender ecos do período medieval em tempos contemporâneos, mas que não necessariamente possuem interesse de obter uma representação fidedigna do passado medieval. Para a pesquisa, a compreensão da constituição desses usos é uma problemática profícua que se mantém e que serviu como um pertinente laboratório para a análise. Não buscamos, durante o processo do estudo e produção dessa dissertação, pensar uma *Idade Média Brasileira* ou a presença de *medievalidades brasileiras* ou sequer uma *tradição medieval no Brasil*. Mas, de tentar entender melhor como e por que de 2018 até 2022¹³ a Idade Média tem sido manuseada por alguns grupos específicos, com objetivos que nos parecem claramente políticos. Por este motivo, entendemos a nossa investigação como um estudo sobre o Brasil contemporâneo, que reflete o impacto do imaginário que envolve a Idade Média para compreender movimentações políticas e populares da sociedade brasileira dos últimos anos. Nesse contexto, analisar os usos da Idade Média pela Internet nos serve como uma forma de entender diversas disputas políticas sobre a história e suas implicações diretas para a sociedade brasileira.

Internet como terreno de disputas políticas sobre o passado

No que se refere aos usos das redes de comunicação, desde o início do século XXI houve grandes mudanças na forma do cidadão se comunicar com a sociedade. Anteriormente ao final

¹²ALBUQUERQUE, Mauricio da Cunha. **Por Trás da Capa e da Espada: o neomedievalismo em “Príncipe Valente”, de Hal Foster (1939 – 1940)**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgh/files/2019/06/Por-Tr%C3%A1s-da-Capa-e-da-Espada-O-Neomedievalismo-em-Principe-valente-de-Hal-Foster-1939-1940.pdf>. Acesso em: 27 set. 2022.

¹³ O espaço temporal selecionado convém de ser explicado. Partimos da compreensão de que desde 2013 a Internet vem sendo um ponto decisivo das decisões políticas no país. Em 2013 o Brasil vivenciou as Jornadas de Junho quando a partir da Internet foram sendo destituídas as pautas das manifestações. Em 2016, com o golpe a ex-presidenta Dilma a Internet se tornou um espaço cada vez maior para trocas de opiniões, e, com as eleições presidenciais de 2018 sendo consagrado definitivamente como um espaço formador de opiniões e votos. Com isso, partindo de 2018 até 2022, o ano em que as eleições presidenciais no Brasil resultaram no ganho de Luís Inácio Lula da Silva (candidato do PT – Partido dos Trabalhadores) e no fim do governo Bolsonaro, foi se constituindo diversos casos dignos de pesquisa histórica e de relevância social dos quais buscamos analisar.

da década de 1990, no Brasil, era por meio da TV ou do rádio que se poderia obter de forma mais rápida acesso as informações sobre seu município, estado ou país. Já havia donos de celulares, mas tal uso ainda não havia se popularizado. Após a virada dos anos 2000 e nos anos seguintes, grandes transformações ocorreram na comunicação, com a popularização da Internet e sua chegada a um grande número de casas brasileiras.

Ainda em seu início, havia divergências sobre o que poderia se tornar a Internet. Testemunho da democracia? Ou desgraça? Os historiadores Peter Burke e Asa Briggs relatam que:

Havia abordagens muito contrastantes sobre o futuro da Internet. Assim como nas ferrovias, ela reuniria estranhos: você nunca sabia quem iria encontrar. Semelhante à mídia — e pela mídia —, ela oferecia informação, entretenimento e educação. Ao contrário de tudo isso, porém, cresceria a partir de baixo, sem direcionamento por parte do governo.¹⁴

Com o advento da Internet e o avanço da tecnologia, a mudança na comunicação aconteceu de forma muito rápida, e, em poucos anos, o celular passou a ocupar um espaço importante nos lares brasileiros, levando comunicação e informação de forma muito mais prática. Assim, o que se precisaria aguardar para receber uma resposta, passou a ser ágil, na palma da mão. Novas profissões surgiram com esse advento, como por exemplo, *digital influencers* (jargão utilizado para descrever influenciadores digitais, pessoas que influenciam outras por meio de suas opiniões na Internet). Por essas mudanças, o processo de comunicação se transformou por inteiro, e, cada vez mais, tornou-se pungente a necessidade de estar em constante mudança. Paralelamente, o uso desenfreado da Internet e das redes sociais que se popularizaram no mundo inteiro gerou um grande problema para a sociedade: a disseminação de informações falsas (*Fake News*).

No Brasil, no final da primeira década e no início da segunda década do século XXI, foi surgindo nas redes sociais um comportamento de utilização da Idade Média na produção de *memes*¹⁵ cuja temática principal é a política brasileira. Assim como a peça política descrita no início dessa introdução, a História Medieval é utilizada como um nicho visual e midiático para descrever sentimentos que são despertados pelo imaginário do período. Por este motivo, se tornou comum encontrar nas redes sociais como o *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *WhatsApp*¹⁶

¹⁴BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Tradução: DIAS, Maria Carmelita Pádua. Revisão técnica: VAZ, Paulo. 2 a. Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 303.

¹⁵ O *meme* é uma expressão das redes sociais que se refere as postagens de imagens ou vídeos que são popularizadas na Internet e geralmente possuem conteúdo humorístico.

¹⁶ O *Facebook* é uma rede social que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias. Já o *Twitter* é uma rede social e um serviço de microblog, que possibilita aos usuários enviar e receber atualizações de outros contatos, em poucos caracteres. O *Instagram* é uma rede social online de compartilhamento

montagens de políticos contemporâneos em desenhos de cavaleiros, carregados de muitas espadas e escudos.

É importante destacar que esses usos da Idade Média não são exclusivos do Brasil. Após as eleições em 2016 nos Estados Unidos da América do candidato republicano da extrema direita Donald Trump (presidente de 2017 a 2021), houve uma mudança no estilo de produção de propaganda eleitoral, ou, pelo menos, a popularização de um novo estilo: as redes sociais despontaram como principal forma de elo entre os candidatos e seus eleitores. Por isso, a rapidez da compreensão da mensagem, ou o humor contido no *meme* se tornaram focos de atenção para os grupos políticos.

Simultaneamente a esses acontecimentos, iniciou-se a emergência de uma pós-verdade na produção dessas mensagens políticas corriqueiras. Com isso, passa-se a não importar a verdade na disseminação de notícias, mas sim o quão contundente essa verdade criada pode soar. Segundo Seixas, essa pós-verdade surge, pois:

Na medida em que o sujeito ama os seus próprios valores e, conseqüentemente, odeia os valores contrários, estabelece-se a tendência de acreditar, sem maiores sacrifícios e esforços intelectuais e reflexivos, em todo discurso no qual se vislumbrem os mesmos valores subjacentes.¹⁷

Dessa forma, na busca pelo espelho de seus valores e convicções, perante a notícia política, os embates em torno da verdade parecem surgir de forma cada vez mais contundente. O que para os historiadores se torna cada vez mais perigoso, quando não vale mais uma visão salientada em anos de estudo sobre determinado acontecimento ou fato, e sim como ela é validada por seu espectador, que é quem decide se o que foi falado é verdade ou não. Para Seixas:

[...] os sujeitos parecem interagir, na era da pós-verdade, pelo critério da familiaridade. Apenas o que é familiar, leia-se, o que possui identidade aos meus valores e, conseqüentemente, o que incita paixões comuns entre os iguais, será passível de ser acreditado. Estabelece-se, aqui, o próprio pressuposto da distinção de códigos retóricos que impossibilitariam o diálogo e a persuasão.¹⁸

Para os grupos políticos da extrema direita, os usos envoltos na Idade Média são muito presentes, geralmente prevalecendo uma imagética heroica e honrada do tempo histórico. Por

de fotos e vídeos entre seus usuários e o *WhatsApp* é um aplicativo de mensagens instantâneas e de chamadas de voz para smartphones. O forte apelo dessas redes sociais são as possibilidades de comunicação rápida entre diversas pessoas por meio da Internet.

¹⁷ SEIXAS, R. A retórica da pós-verdade: o problema das convicções. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 18, p. 122-138, abr.2019. DOI dx.doi.org/10.17648/eidea-18-2197. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2197>. Acesso em 13 set. 2022, p. 136.

¹⁸ Idem, p. 136.

isso, no que se refere a esses casos que foram analisados nessa dissertação, o uso da Idade Média e de acontecimentos históricos como as Cruzadas parece vir dotado de uma visão estereotipada sobre as sociedades medievais. Enxergadas como representantes de um período predominantemente cristão, branco e especialmente europeu, essas sociedades são representadas por meio de um problemático imaginário sobre a Idade Média, uma vez que tais características são vistas como benéficas para os grupos que as utilizam.

Para o historiador e medievalista Paulo Pachá, da UFRJ, em entrevista ao *Pública – Agência de Jornalismo Investigativo*:

Essas ideias de Cruzada e de Idade Média têm a ver com uma visão bastante idealizada e bastante parcial do que foi o período. O que atrai esses grupos é pensar que foi um tempo patriarcal, branco e cristão. Essa Idade Média nunca existiu, mas tem esse papel no pensamento desses grupos.¹⁹

No que se refere à nossa pesquisa, entender como o imagético histórico medieval e o político contemporâneo colidem nas redes sociais é o nosso propósito. A utilização problemática em torno da criação dessa Idade Média viril, masculinizada e branca e não uma Idade Média diversificada, que está adentrando a historiografia e as salas de aula, nos aponta para um caminho de compreensão de um específico imaginário acerca ao tempo medieval. Desse modo, os estudos sobre o Imaginário surgem como uma importante teoria para o contexto. Contudo, entendemos que há uma ampla bibliografia sobre o conceito que não conseguiremos nos aprofundar no decorrer deste trabalho, mas entendemos que um debate teórico específico é crucial para pesquisas como a nossa.

O campo do Imaginário em debate e suas reflexões

Em relação ao campo de produção historiográfica, no processo de produção e popularização da historiografia da Escola dos Annales, houve uma estigmatização da História Política. Isso nasce pela compreensão de historiadores da época que entendiam que não somente da História Política deveria partir as produções historiográficas, como também havia uma miscelânea de oportunidades de pesquisa histórica a serem desbravadas. Não que a História Política tenha deixado de ser central nas produções de cunho histórico, mas passou-se a perceber sua necessidade de modificação. Somente após um tempo, a História Política obteve

¹⁹PACHÁ, P. *Deus vult*: uma velha expressão na boca da extrema direita. Entrevista concedida a Ethel Rudnitzki, Rafael Oliveira. **Pública – Agência de Jornalismo Investigativo**. Disponível em <https://apublica.org/2019/04/deus-vult-uma-velha-expressao-na-boca-da-extrema-direita/>. Acesso em: 24 out. 2020.

um espaço para sua renovação, ampliação de temáticas e um alargamento de fontes que possibilitavam a produção do campo.²⁰

Nesse ínterim, houve a possibilidade de se pensar que o campo político – seja na forma de sua construção ou em seu uso – também se relaciona com o imaginário social, quando opera para que todas as forças políticas correspondam a uma finalidade desejada, imaginada, dona de força política definida, ainda que para algumas pessoas ela aja de forma inconsciente, a tornando extremamente eficaz.

Desta forma, o inconsciente, para Pierre Bourdieu, é também um espaço onde as produções simbólicas são constituídas enquanto instrumento de dominação da cultura dominante, nas palavras dele:

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções.²¹

O campo de estudos sobre o imaginário propõe um formidável espaço de análise da atuação das forças políticas e a compreensão de à que serviço elas reagem ao longo da história. Além da Idade Média, o campo de reflexão sobre o imaginário foi um espaço para as pessoas que pensavam o social, sendo ela ansiada ou ojerizada como ferramenta de mobilização coletiva para aquelas sociedades. Nesse contexto, o uso de símbolos ditos como medievais são manipulados como instrumentos de mobilização por soarem como algo familiar e próximo de quem o ouve, tornando-se propícios para o seu manuseamento. Segundo Pesavento:

Estar-se-ia, pois, diante de um novo ingrediente: o da manipulação, que jogaria com os sonhos coletivos e com as forças da tradição herdadas de um cotidiano imemorial, forjando mitos, crenças, símbolos. Não se quer reduzir, em hipótese alguma, o imaginário social à ideologia, nem opor a este jogo de intenções e socialização de ideias deliberadas o potencial libertador e subversivo da utopia. [...]

Mas, sem dúvida alguma, é importante que se tenha em vista que intervêm no processo de formação do imaginário coletivo manifestações e interesses precisos. Não se pode esquecer que o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva, normatizando condutas e pautando perfis adequados ao sistema.²²

²⁰ REMOND, R. **Por uma História Política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

²¹ BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa/Rio de Janeiro: Bertrand/Difel, 1989, p. 10.

²² PESAVENTO, S. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 15, nº 29, 1995, p. p. 9-27. Disponível em: https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3770 Acesso em: 4 abr. 2021, p. 23.

Deste modo, o caráter de manipulação desse imaginário coletivo em torno da Idade Média é responsável por um controle e manejo de sonhos de determinados grupos (em nossa pesquisa, grupos pertencentes à extrema direita) em prol de uma movimentação política. Por isso, na concepção de Backso, o poder político e o imaginário coletivo possuem uma grande relação, sendo sua interpolação uma possibilidade de exercício direto do poder político:

[...] Não será que o imaginário colectivo intervém em qualquer exercício do poder e, designadamente, do poder político? Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência “real”, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efetiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio. Os bens simbólicos, que qualquer sociedade fabrica, nada tem de irrisório e não existem, efectivamente, em quantidade ilimitada. Alguns deles são particularmente raros e preciosos. A prova disso é que constituem o objecto de lutas e conflitos encarniçados e que qualquer poder impõe uma hierarquia entre eles, procurando monopolizar certas categorias de símbolos e controlar as outras. Os dispositivos de repressão que os poderes constituídos põem de pé, a fim de preservarem o lugar privilegiado que a si próprios se atribuem no campo simbólico, provam, se necessário fosse, o carácter decerto imaginário, mas de modo algum ilusório, dos bens assim protegidos, tais como os emblemas do poder, os monumentos erigidos em sua glória, o carisma do chefe, etc.²³

Dessa maneira, entendemos que o campo simbólico também possui parte de sua força erigida em seu caráter imaginário. Para isso, entendemos que o campo simbólico é pertencente de uma cultura política nacional. Cultura política compreendida como um:

[...] conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro.²⁴

Logo, os usos da construção desse imaginário entendido como medieval despontam como um exemplo da comunicação da cultura política no Brasil pertencente à extrema direita brasileira, por meio de seu manejo do campo simbólico.

O desencanto que cativa: o discurso nostálgico no Brasil

Há também um conceito interessante de ser dialogado com a constituição do imaginário e do poder simbólico. Esse é o conceito de *Nostalgia*, no qual nas contribuições de Svetlana Boym, poderiam ser divididas em dois modos: a Nostalgia Reflexiva e a Restauradora.²⁵ A

²³BACZKO, B. A imaginação social. In: Leach, Edmund et Alii (org.). **Anthropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 298-299.

²⁴MOTTA, R. **Culturas Políticas na História**: Novos Estudos. Editora Fino Traço, 2009, p. 21.

²⁵BOYM, S. Mal-estar na nostalgia. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017. DOI: 10.15848/hh.v0i23.1236. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1236>. Acesso em: 27 set. 2022, p. 159.

Nostalgia Reflexiva seria mais próxima ao sentimento da saudade, a felicidade de sentir novamente um cheiro que lembra a infância. Ao passo que a Nostalgia Restauradora seria ligada a vontade de se reconstruir uma história perdida, estando ela fortemente unida ao movimento de compreensão de um passado glorioso frente a um presente devastado e, por isso, a diversos movimentos político-religiosos.

Estes pontos se interligam no processo de interpretação dos usos do passado medieval como a projeção de um passado nostálgico, desejado, tranquilo, patriarcal, cristão, feliz.²⁶ Por isso, o manejo dessa nostalgia serve para a construção de um desencanto social do presente e a aspiração do passado enquanto algo positivo, muito mais imponente do que o presente se apresenta.

Com isso, na produção e propagação desses usos do tempo medieval que nos debruçamos na pesquisa, há uma presença imponente da ideia de “desencanto” com a situação social contemporânea. Esse uso, que parte de uma suposta experiência em um Brasil “desolado” nos últimos anos, se faz presente na produção de diversos discursos conservadores, em uma clara oposição aos anteriores anos de governo do PT – Partido dos Trabalhadores (2003-2016). Foi no uso dessa narrativa que esteve centrada grande parte das falas do até então candidato Jair Messias Bolsonaro em 2018, e, mesmo após sua eleição, ainda permaneceu como uma força presente em seus discursos.

Essas sensações de desencanto frente à suposta perda de controle de grupos até então donos de diversas lógicas de poder, como homens cis, brancos e héteros, frente às mudanças da sociedade (como o avanço dos Movimentos LGBTQIA+, dos Movimentos Negros e dos Movimentos Feministas) são frutíferas nas produções de discursos políticos conservadores contemporâneos. E é a partir dessa perspectiva que alguns grupos ganham espaço e apoiadores, nessa busca de mostrar “o outro lado da História” ou um lado “glorioso” do passado que supostamente não se é mais evocado.

Ao longo de nossa pesquisa buscamos mostrar que a visão de um passado glorioso e nostálgico que precisa ser remontado é característica vital de diversos discursos da extrema direita em variados espaços e tempos e que a Idade Média substancialmente se faz presente nessa constituição gloriosa do passado. Desse modo, no tópico a seguir iremos apresentar a metodologia empregada em nossa pesquisa.

²⁶ Vale ressaltar que assim como a Idade Média, o período do Brasil Imperial também é bastante revistado pela extrema direita brasileira. Como uma exemplificação sobre a temática, indicamos o texto: KRAUSE, Thiago. PACHÁ, Paulo. Nostalgia do Império é fantasia reacionária do bolsonarismo, dizem historiadores. **Folha de S. Paulo**, São Paulo: 18 jul 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/07/nostalgia-do-imperio-e-fantasia-reacionaria-do-bolsonarismo-dizem-historiadores.shtml>. Acesso em 01 jul. 2023.

Metodologia e extração de fontes

Nossa metodologia empregada parte de uma análise de “small data”, ou seja, na definição de Guillaume Latzko-Toth, Claudine Bonneau e Mélanie Millette:²⁷

Por small data, entendemos um conjunto de dados composto por uma coleção relativamente pequena de pontos de dados ou casos, de modo que sua análise possa ser realizada por meio de codificação humana e com pouca ajuda algorítmica, em contraste com as estratégias de Big Data em que é necessário suporte computacional.²⁸

Nesse sentido, conforme tratam os autores, por meio da análise de nossa “small data” feita com auxílio da codificação humana e sem a utilização de um tracejamento de dados de forma computacional, temos uma análise dos dados de forma qualitativa. Ao contrário das chamadas “big datas”²⁹, a “small data” proporcionaria uma melhor análise em eventos, casos e interferências socioantropológicas e suas terminações subjetivas. Por isso, ainda que estejamos analisando ao longo do trabalho casos *específicos* e *recortados* de usos do tempo medieval, a partir dele conseguimos ter uma maior análise e dimensão de uma gama de outros usos e intenções.

Nesse sentido, a extração das fontes foi feita pelos sites <https://www.google.com.br>, <https://www.facebook.com/> e <https://www.youtube.com>, acessados com a ajuda do navegador de internet Microsoft Edge Versão 113.0.1774.50, entre outubro de 2020 até novembro de 2022. Não foram utilizados nenhum tipo de código de programação com o propósito de realizar uma simulação do uso de uma pessoa leiga no assunto, mas durante a pesquisa foi utilizado um recurso chamado “Navegação InPrivate”, que funciona como um modo de navegação autônoma que não grava históricos de navegação na internet ou informações salvas na memória do computador. Além disso, com exceção das fontes retiradas no site Facebook que exige o login e senha na conta para acessar ao site, todas as outras fontes foram retiradas em páginas públicas sem ter o login da autora.

²⁷ LATZKO-TOTH, G.; BONNEAU, C.; MILLETTE, M. Small data, thick data: thickening strategies in trace-based social media research. In: SLOAN, L.; QUAN-HAASE, A. (ed.). **The SAGE handbook of social media research methods**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/313240983_Small_Data_Thick_Data_Thickening_Strategies_for_Trace-Based_Social_Media_Research/link/5db2daf4a6fdccc99d9c1558/download. Acesso em: 24 mai. 2023.

²⁸ Do original: By small data we mean a dataset composed of a relatively small collection of datapoints or cases, so that their analysis can be performed single-handedly via human coding and with little algorithmic assistance, in contrast to Big Data strategies where computational support is required. (Ibid., p. 4.)

²⁹ A definição de “big data” seria referente a dados que contêm maior variedade e volume de informações.

Inicialmente, a pesquisa partiu de um vídeo publicado no YouTube chamado “O cavaleiro da Lux convida você!...”, graças a esse vídeo foi compreendido o uso de algumas palavras chaves na busca das fontes para a produção desse trabalho. Dada a pesquisa no canal do YouTube e a busca pelo Google, mais dados foram encontrados sobre a empresa produtora no vídeo, quando chegamos ao Facebook que foi o principal site de encontro de memes que utilizassem a Idade Média como pano de fundo para um discurso político. No Facebook passamos a realizar o seguinte modo de busca:

Primeiro, no campo de busca do site, digitou-se palavras-chave como “cavaleiros”, “medieval”, “templários” e foi feita uma breve análise das redes sobre quais páginas ou grupos de conversação tinham um fundo de discussão histórica ou política. Em seguida, passou a se realizar pesquisas mais restritas com mais de uma palavra no campo de buscas como, por exemplo, “templários brasileiros”, “Brasil medieval”, “Deus vult”, com o propósito de realizar pesquisas mais limitadas as temáticas estudadas em nosso trabalho. Após essa pesquisa prévia, olhamos inteiramente todo o campo de postagens de imagens e vídeos de cada página encontrada que havíamos selecionado previamente. Mesmo que nosso recorte temporal partisse de 2018, caso a página tivesse sido criada antes dessa data também seriam lidas as suas publicações anteriores. Isso nos deu um maior senso de “início” das formas de criação dos memes analisados, bem como uma maior compreensão de quais temas se repetiam e se diferenciavam.

Durante esse trabalho, salvamos a imagem e tiramos um *print screen*³⁰ de cada página e imagem acessada, e juntamente a isso, salvamos em um arquivo no computador em uma tabela a imagem, a data de acesso, a URL³¹ de acesso de cada imagem e a data de publicação completa

³⁰ O print screen é uma forma de se criar uma cópia em imagem da tela do computador, geralmente fácil acessado pelo botão PrtSc do teclado.

³¹ URL significa *Uniform Resource Locator* (tradução literal: Localizador Uniforme de Recursos) e é o endereço que o usuário da internet digita ao entrar em um site.

de cada imagem. Toda imagem em nosso trabalho terá um link de acesso que levará ao espaço na internet em que achamos a fonte.



FIGURA Nº 1 – Captura de tela³²

No computador, foram salvas em pastas separadas imagens e as capturas de tela selecionadas. Apesar só listarmos cerca de trinta imagens no decorrer do texto desta dissertação, em nossa pesquisa foram encontradas cerca de duzentas e vinte imagens que versavam sobre política da extrema direita e utilizavam-se da Idade Média como pano de fundo da narrativa. Optamos por apresentar no decorrer do texto as imagens mais emblemáticas em termos de narrativa e que apresentavam discussões que se repetiam em outras imagens. Como por exemplo a imagem apresentada acima (FIGURA Nº 1): ela melhor representaria a presença do preconceito com a comunidade LGBTQIA+, embora houvessem outras imagens que também denotariam o mesmo contexto.

³² TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Proteja seus filhos e netos dos ataques do mundo [...]. Rio de Janeiro, 24 set. 2021. **Facebook:** TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/TemplariosDaPatria/photos/a.201069717390959/1050792672418655/>. Acesso em: 27, out. 2022.

Em nossa pesquisa também acessamos outras fontes cibernéticas. Um exemplo disso são os vídeos como já citado anteriormente da Lux Brasil e a Brasil Paralelo, que melhor analisaremos em nosso terceiro capítulo. Para o acesso desses vídeos seguimos a mesma forma de acesso listado anteriormente: em modo de navegação anônima e coletando capturas de tela dos comentários realizados no vídeo.



FIGURA Nº 2 – Captura de tela³³

Trabalhando com redes sociais, tomamos o cuidado de nunca apresentar o nome das pessoas que comentam nas postagens que utilizamos como fontes em nosso trabalho. Preservar o anonimato é extremamente importante para nós. Isso ocorre porque não temos a intenção de abordar os motivos do uso da Idade Média para cada pessoa em particular, mas sim de uma coletividade. Os nomes mencionados em nosso trabalho são provenientes de notícias que envolvem figuras públicas. As outras pessoas que apareceram em nossa pesquisa que não são públicas, optamos por remover seus nomes nas imagens utilizando o software de edição de imagens chamado Photoshop. Para melhor mostrarmos o papel de nossa metodologia na aplicação da pesquisa, no tópico a seguir iremos demonstrar a estrutura de nossa dissertação.

³³ BRASIL: a Última Cruzada. Produtora: Brasil Paralelo. **YouTube**, 20 set. 2017-09 abr. 2018. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXyQeAaMSn62T86Zzq336k8rF>. Acesso em: 9 nov. 2021.

Sobre a estrutura da dissertação

Optamos por dividir esta dissertação em três capítulos que se interconectam. No primeiro deles, almejamos apresentar de quais formas a Idade Média foi utilizada enquanto discurso político de figuras da extrema direita ao longo do início do século XX e XXI. Por isso, iremos apontar, mediante selecionados exemplos, diversas utilizações imagéticas e discursivas do tempo medieval na construção de um aparato imaginário acerca do poder político. Para isso, elegemos os casos de estudo: Salazar durante o Salazarismo (1933-1974), Franco durante o Franquismo (1939-1975), Hitler e sua propaganda nazista (1920-1945) e mais contemporaneamente o caso da Família Le Pen na França, as eleições estadunidenses e o mandato de Donald Trump (2017-2021)³⁴ e a fala da Vice-ministra de Defesa da Ucrânia Hanna Maliar durante o presente conflito russo-ucraniano (2022-2023).

No segundo capítulo é feita a apresentação e caracterização de conceitos importantes para os usos da Idade Média por essa extrema direita que temos pesquisado. Para isso, analisaremos alguns eixos conceituais importantes para a constituição desse grupo político e suas particularidades enquanto brasileiro. Assim, versaremos sobre nacionalismo, os estudos de gênero e em especial os de masculinidades, anticomunismo, aversão às mudanças sociais e a ascensão do neoliberalismo, utilizando como eixo norteador desse debate *memes* postados nas redes sociais da Internet brasileira.

Ao final, no terceiro capítulo buscamos nos debruçar em usos “não orgânicos” da Idade Média com o auxílio proveniente da análise de *think tanks*³⁵ brasileiras, ou seja, empresas que são criadas com a intenção de gerar reflexões intelectuais sobre política, cultura e história, e se utilizam da narrativa da Idade Média para propagar ideais sobre o presente político brasileiro. Por isso, focaremos na produção de uma organização autointitulada *subpartidária* chamada Lux Brasil e no episódio chamado Brasil: A última Cruzada da Brasil Paralelo e suas implicações no contexto social nacional.

Por fim, procuramos ressaltar nessa pesquisa que, nesse contexto de utilizações da história, a Idade Média desponta, diversas vezes, como um período histórico muito aberto, como um espaço que pode ser abarrotado de diversas formas. Às vezes, ela vem a ser utilizada para descrever um período no qual a nação histórica deve mirar e se inspirar; outras vezes o contrário. No século XXI, essas falas passam a tomar um caráter cada vez mais imagético. Tais usos se transformam em discursos, obras de artes ou *memes*. Eles vão tomando uma forma mais

³⁴ Tendo seu período de propaganda eleitoral (também por nós analisado) em 2016.

³⁵ Tradução literal: Tanque de reflexão.

estruturada de remeter ao passado histórico para buscar legitimidade no presente. Para chegarmos até o *meme* enviado no *WhatsApp* em 2023 com alguma pintura digital de um cavaleiro medieval e um rosto de um político atual, há uma longa tradição de usos que remeteram à Idade Média nos séculos anteriores, e, por isso, há a necessidade de se entender suas construções e legados e suas capacidades de mobilização social.

CAPÍTULO I

A HISTÓRIA MEDIEVAL COMO UM EXEMPLO HISTÓRICO

*A NOVA ERA COMEÇOU. É TUDO NOSSO. DEUS VULT!*¹

A frase redigida no *Twitter* por Filipe G. Martins, assessor internacional do presidente da república Jair Messias Bolsonaro em 31 de dezembro sinaliza o tom midiático tomado antes e após as eleições presidenciais em 2018. A forte propaganda de uma mudança colossal dos tempos graças à ascensão da autointitulada “nova política” da extrema direita marcou os tons que definiram os processos eleitorais e a vitória de Jair Bolsonaro. Na frase por nós citada acima, o emprego da expressão *Deus Vult!* chama atenção por sua antecedência.

A expressão possui um significado histórico e político religioso: significando “Deus quer”, ela foi invocada, segundo fontes medievais e uma variedade de estudos, no Concílio de Clermont (1095), após o discurso do papa Urbano II (1088-1099), como uma resposta da aristocracia e do povo, consoante ao surgimento da Primeira Cruzada para Jerusalém.² Expressões como *Deus Vult!* recentemente vêm sendo utilizadas por diversos grupos políticos da extrema direita como uma forma de recordar um passado glorioso, supostamente representado pelo período medieval.

Com a ascensão da extrema direita no Brasil, a Idade Média se tornou figura cativa nos discursos políticos brasileiros. Sendo recordada para alguns como um passado comum da sociedade, mediante homens vestidos de cavaleiros templários em

¹ MARTINS, F. A nova era chegou. É tudo nosso! Deus vult!. 31 dez. 2018. **Twitter**: @filgmartin. Disponível em: <https://twitter.com/filgmartin/status/1079923922760540160>. Acesso em: 22 ago. 2022.

² DERMURGER, Alain. **Os Cavaleiros de Cristo – Templários, Teutônicos, Hospitalários e outras Ordens Militares na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

DERMURGER, Alain. **Os templários – Uma cavalaria cristã na Idade Média**. Lisboa: DIFEL, 2007.

RUNCIMAN, Steven. **História da Cruzadas: A Primeira Cruzada e a Fundação do Reino de Jerusalém**. Rio de Janeiro: Imago, 2003. 3v. V. 1.

TYERMAN, Christopher. **A guerra de Deus: Uma nova História das Cruzadas**. 2 Volumes. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

manifestações brasileiras³ ou pela presença das Cruzadas nos discursos,⁴ a Idade Média se tornou presente nas declarações diretas a respeito da política nacional. Entretanto, a utilização do passado medieval para legitimação política não é exclusiva da extrema direita contemporânea.

Muito antes, ainda no século XIX, se fortaleceram as discussões de Estado e Nação na Europa (debates estes que iniciaram no final do século anterior). Os líderes das nações europeias chegaram a fomentar a produção e a pesquisa histórica, buscando criar “histórias oficiais” a respeito de seus países, com o intuito de fortalecer a legitimação política de seu governo. Este comportamento acontecia em meio ao processo de grandes mudanças que o continente europeu estava passando, simultaneamente ao afloramento de discussões a respeito da nacionalidade dos países. Esses embates sobre nacionalismo se popularizaram ao final do século XIX e, durante o século XX, com a ascensão de grandes líderes e regimes totalitários, a história passou cada vez mais a ser esticada, distorcida e alterada conforme a necessidade do discurso a que ela estava buscando servir. Patrick Geary aponta que:

O processo específico pelo qual o nacionalismo emergiu como uma forte ideologia política variou de acordo com a região, tanto na Europa como em outras partes. Em regiões carentes de organização política, como na Alemanha, o nacionalismo estabeleceu uma ideologia com o fim de criar e intensificar o poder do Estado. Em Estados fortes, como França e Grã-Bretanha, governos e ideólogos suprimiram impiedosamente línguas minoritárias, tradições culturais e memórias variantes do passado em prol de uma história nacional unificada e língua e cultura homogêneas, que supostamente se estendiam a um passado longínquo. Em impérios multiétnicos, como o dos otomanos ou o dos Habsburg, indivíduos que se identificavam como membros de minorias oprimidas lançavam mão do nacionalismo para reivindicar o direito não apenas à independência cultural, mas também, como consequência, à autonomia política.⁵

No que se refere aos usos da história em contextos políticos, a Idade Média passou a despontar, diversas vezes, como um período histórico prestes a ser preenchido de variadas formas. Às vezes, ela vem a ser utilizada para descrever um tempo do qual a

³ Para exemplificar tal situação, citamos o caso do autointitulado anarcocapitalista Paulo Kogos, que costuma aparecer em manifestações em São Paulo vestido de personagens do período medieval e entende que os Templários tinham como ideais “defesa da fé, dos fracos, dos pobres, da Justiça e do bem”. SAMPAIO, Paulo. 'Nunca namorei na vida', diz Paulo Kogos, influencer com 126 mil seguidores. **TAB Uol**, 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/11/05/nunca-namorei-na-vida-diz-paulo-kogos-influencer-com-116-mil-seguidores.htm>. Acesso em 06 out. 2022.

⁴ MARTINS, F. Está decretada a nova cruzada. Deus vult!. 28 out. 2018. **Twitter**: @filgmartin. Disponível em: <https://twitter.com/filgmartin/status/1056685470971805704?s=19>. Acesso em 06 out. 2022.

⁵ GEARY, P. **O Mito das Nações: A invenção do nacionalismo**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005, p. 25.

nação histórica deve mirar e se inspirar, sendo utilizada para definir a origem histórica de um povo, o nascimento honrado. Outras vezes o completo oposto.

Nos séculos XX e XXI, essas falas tomam caráter cada vez mais imagético. Tais utilizações se transformam em discursos, obras de artes ou *memes*. Vão tomando uma forma mais estruturada de remeter ao passado histórico para buscar legitimidade no presente em meio à acelerada comunicação. São esses padrões produzidos que iremos discutir em nosso primeiro capítulo. Nosso objetivo será demonstrar os usos da Idade Média durante o século XX e o XXI de forma episódica atrelados à funcionalidade política, apoiados na figura de um Estado que o ampara. Entendemos que não é possível abarcar todos os casos, nem mesmo seria necessário, uma vez que a intenção será demonstrar como o tempo histórico medieval foi e continua sendo utilizado constantemente em prol de construções políticas em diversos espaços e contextos.

Inicialmente nossos exemplos partirão do continente europeu. Tal escolha se faz de forma consciente de sua centralidade em eixo europeu, mas o fazemos por entender que, sendo o imaginário medieval dotado de simbologia proveniente da Europa, entendemos que isto possui uma “raiz” europeia, que produz efeito nos casos contemporâneos brasileiros. Tais práticas possuem uma longa tradição. Ao alcançarmos o *meme* compartilhado diversas vezes nas redes sociais que se utiliza do passado histórico medieval para suscitar uma discussão contemporânea sobre política, há um contínuo trajeto de usos que remeteram à Idade Média nos séculos anteriores, e, por isso, iremos demonstrar alguns casos.

1.1 Do ontem...

No início do século XX houve uma série de ascensões de governos autoritários em diversas partes do mundo. Para além da militarização da sociedade, parte do processo de estabilização de um governo autoritário depende de uma grandiosa máquina de divulgação e propaganda de uma bonança social para a população imaginar e assim, aprovar diversos comportamentos duvidosos e excludentes dos líderes. Além disso, o manuseamento do passado é uma importante fonte de mobilização social.

Dos contextos que selecionamos, no caso de Portugal a visão sobre o passado medieval se mostra um tanto dúbia, enquanto que para os países da Espanha e Alemanha, o período medieval desponta como uma época de bem-estar social da qual a sociedade deve aspirar um retorno. Para melhor entendermos alguns nuances dos casos citados, nos aprofundemos neles.

1.1.1. Em Portugal, da compreensão de uma *perfeita Idade Média* à sátira retirada de circulação

Para o agrupamento sócio-político Integralista Lusitano (IL) criado em 1914 e existente até 1932, a Idade Média era vista como a fase mais perfeita da sociedade. O grupo formado por civis, partia de seu escopo de reação ao anticlericalismo movido pela Primeira República Portuguesa. Em resposta a essa mudança social no território português:

O IL fundou uma corrente intelectual baseada em numerosos estudos históricos sobre a identidade nacional portuguesa, reinventando a “tradição” de uma sociedade orgânica e corporativa de que Portugal medieval teria sido paradigma e que o liberalismo do século XIX, produto de “importação”, veio destruir. Para tal apoiaram-se nos esquecidos teóricos do pensamento contrarrevolucionário português do século XIX, ligados à corrente legitimista de D. Miguel.⁶

Desse modo, para o IL a Idade Média despontava como esse período importante para a história portuguesa, contendo em si fortes aspirações nacionais e romantizadas sobre a época. Tal interpretação do tempo medieval provinha de um descontentamento com as mudanças que Portugal vinha passando desde o século XIX e que vinha se tornando mais forte com as mudanças políticas internas (a Revolução Republicana em 1910 com a derrubada da monarquia constitucional) e externas (como a Primeira Guerra Mundial e ascensão do fascismo na Itália no início da década de 1920) ao país.⁷ Desse modo, cabia aos movimentos políticos, na visão de grupos como o IL, a atividade de reavivar a tradição medieval existente no país.

Alguns anos após a adoção do republicanismo, Portugal vivenciou uma crise em seu sistema recém implantado. Em 1928 há o golpe e a tomada de poder dos militares do sistema político português. António de Oliveira Salazar (1889-1970) surge inicialmente como Ministro das Finanças, e, com o “sucesso” de sua função, consegue conduzir Portugal à mais longa ditadura europeia de 1928 à 1974.⁸

Já em fevereiro de 1932, ano considerado o final das atividades do IL, um grupo de estudantes fascistas criou em Lisboa um jornal acadêmico intitulado *A Revolução*, em

⁶ PINTO, António. **Os Camisas Azuis – Rolão Preto e Fascismo em Portugal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Recife: EDUPE, 2016, p. 18.

⁷ Ibid., p. 17.

⁸ SILVA, Júlia de Matos. **História da Ditadura Portuguesa: Salazar versus Humberto Delgado (1952-1965)**. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/14800/2/Julia_Matos_Silva.pdf. Acesso em: 22 set. 2022.

que quase todos os integrantes também pertenciam ao setor estudantil do Integralismo Lusitano. O grupo, com aspirações declaradamente fascistas obteve contato com células fascistas de outros países, como as italianas e a *Action Française* em território francês.⁹ Com a ascensão de Salazar, os integrantes do grupo viram com desconfiança o ditador inicialmente, porém chegaram até mesmo a inspirar a criação e a permanência de algumas instituições do fascismo europeu em território português.

Durante o período salazarista, algumas ligações com a Idade Média existiram. No tempo do festejo de oito séculos de “fundação” de Portugal por D. Afonso Henriques (1139) e da Restauração (1580-1640), quando se festejava a libertação de Portugal do domínio espanhol, Salazar pediu para criar monumentos falsos que remetiam a construções medievais para exaltar o patriotismo português.¹⁰ Como retratam Cardoso e Santos:

Paradoxalmente, a vontade de desenvolvimento e modernidade que haviam estado no espírito dos revolucionários de 1926 foi progressivamente esquecida: em muitos aspectos o Estado Novo foi renitente ao progresso e às configurações de modernidade, fruto da mentalidade retrógrada e misoneista de Salazar, o seu líder. O sentimento quase romântico de nostalgia por um tempo medieval presumivelmente perfeito nos seus valores morais levou a um certo imobilismo ucrónico em Portugal por essa época. Promovendo a cristalização de valores mais tradicionalistas e ruralistas associados a um tempo passado, os ideais salazaristas apresentavam-se de algum modo fora do seu próprio tempo. Salazar considerava que, frente ao estado de decadência total a que havia chegado Portugal, lhe competia enquanto líder da nação orientar o estabelecimento de um novo rumo, fomentando a obra regeneradora do Estado Novo. Mediante um discurso nacionalista, Salazar tentou legitimar a sua posição e a do regime, apelando à unidade nacional e do império português, ao tradicionalismo conservador e nacionalista, e ao corporativismo e defesa dos valores morais católicos.¹¹

Apesar de buscar reafirmar os valores morais católicos e nacionalistas e ser tomado por uma visão quase romântica do período medieval, sua associação com um homem medieval não era vista como algo positivo. Em 1935, um postal ilustrado foi retirado de circulação pela censura salazarista. O motivo era a não vista com bons olhos “associação” de Salazar com um cavaleiro, mesmo que o postal houvesse sido produzido em tom elogioso. No postal é possível ver o rosto do ditador em um corpo de cavaleiro

⁹ PINTO, op. Cit., p.17-18.

¹⁰ NUSBICKEL, Alex. **Antigo Portugal no Estado Novo: Como um governo cooptou a história nacional**. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.17615/pc5d-bw45> Acesso em: 21 ago. 2022.

¹¹ CARDOSO, L; SANTOS, J. Estado Novo Português e Estado Novo Brasileiro: afinidades e divergências nas relações com o patrimônio arquitetônico (décadas de 1930 e 1940). In: **Encontro Internacional ArquiMemória**. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/20221>. Acesso em 22 set. 2022, s/p.

medieval, com um escudo escrito “Tudo pela nação, nada contra a nação” e o nome de Salazar em caixa alta à esquerda do postal, com os dizeres “Salvador da Pátria” logo abaixo. Na parte posterior há a frase “*Ditosa Pátria que tais filhos tem*”:



FIGURA Nº 1¹²

O postal foi retirado de circulação pela alegação de não ser apropriado o uso da figura de Salazar desse modo, pelo receio de que o fosse considerado um desrespeito com a figura do ditador. Assim, a sátira não deveria cair nas mãos do público. Para a divulgação da face de Salazar havia a preferência da propaganda em torno de sua imagem enquanto professor ou economista. No entanto, essa censura chama a atenção por dois motivos: 1) Mesmo com a aproximação e a simpatia de Salazar pelo período medieval, não era considerado de bom tom sua aproximação com a figura do cavaleiro combatente, pois deveria prevalecer a visão do ditador enquanto uma figura séria; 2) A própria produção do postal em primeiro plano demonstra uma proposta de reviver uma “cultura imagética” unindo a figura de Salazar enquanto um homem íntegro “salvador da pátria” e a associação direta com o cavaleiro medieval, uma comparação que demonstra um pano

¹² Imagem disponível em: http://www.malomil.blogspot.com/2012/03/este-postal-ilustrado-de-1935_23.html. Acesso em 10 ago. 2022.

de fundo de interpretação do combatente enquanto uma figura histórica que simbolizasse os ideais que buscavam ser associados com a figura de Salazar.

1.1.2. Na Espanha, o constante uso do passado medieval

Durante o Franquismo (1939-1975), o regime político ditatorial construído na Espanha aos moldes fascistas e liderado por Francisco Paulino Hermenegildo Teódulo Franco y Barramonde, ou simplesmente Francisco Franco (1892-1975), também houve uma busca pela retomada das ideias e de momentos históricos medievais durante o período ditatorial.

Um caso da utilização do ideário do tempo medieval presente na época é o mural *Alegoria de Franco e a Cruzada*, pintado por Arturo Reque Meruvia (1906-1969) entre 1948-1949 presente no Arquivo Histórico Militar de Madrid.¹³ No mural, há centralmente a figura de Francisco Franco retratado com uma armadura que remete ao período medieval, sendo rodeado por uma contraluz que se assemelha a uma auréola. Cercado de elementos e pessoas que representavam forças e grupos importantes para ele, podemos destacar: um frade em preces ao ditador (na parte inferior da pintura à direita), o apóstolo Santiago montado em um cavalo acima de Franco, militares espanhóis armados e um homem fazendo uma saudação nazista (a direita da pintura no meio). A escolha de Franco de permitir essa produção do mural sintetiza a versão oficial da guerra civil espanhola, uma vez que o cenário erguido no mural representa uma série de arquétipos sociais do regime e aponta que Franco seria o responsável pela proteção nacional.¹⁴



FIGURA Nº 2¹⁵

¹³ GÓMEZ MORENO, Angel. El Cid y los héroes de antaño en la Guerra Civil de España. **eHumanista: Journal of Iberian Studies**, vol.14, 2010, p. 210-238. Disponível em: https://www.academia.edu/1300574/_El_Cid_y_los_h%C3%A9roes_de_anta%C3%B1o_en_la_Guerra_Civil_de_Espa%C3%B1a_en_e_Humanista_14_2010_pp_210_238. Acesso em 11 ago. 2022, p. 216.

¹⁴ GARCÍA MARTÍN, Pedro. El Quijote en el nuevo orden del franquismo, **eHumanista: Journal of Iberian Studies**, vol.28, 2014, p. 759-789, p. 764

¹⁵ Disponível em: <http://www.saint-jacques.info/panneaufranco.htm>. Acesso em 10 out. 2022.



FIGURA Nº 2 - Ampliada¹⁶

Além do mural, dentre variados acontecimentos, apresentaremos o caso de aproximação e reavivamento do uso da história do guerreiro *El Cid* para exemplificarmos as utilizações do medievo para a identidade nacional espanhola durante o Franquismo.

Rodrigo Díaz de Vivar, conhecido como O Cid, El Cid ou Campeador, “[...] nasceu, provavelmente, na terceira ou quarta década do século XI na aldeia de Vivar, a poucos quilômetros ao norte de Burgos, na época, território pertencente a coroa de Castela e Leão”,¹⁷ território atual da Espanha. Tendo falecido em Valencia com 56 anos em 1099,¹⁸ a imagem que emerge do Cid para as futuras gerações é de um cavaleiro medieval idealizado, tornando-se representação de características como: valentia, lealdade, justiça e piedade. Sendo até mesmo considerado o primeiro de todos os guerreiros da nação espanhola.¹⁹ Contudo, o Cid histórico possui relatos e retratos que vão de encontro a essa representação.

¹⁶ Alegoría de Franco y la Cruzada (1948 - 1949), de Arturo Reque Meruvia “Kemer”. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/8449304@N04/18203931295>. Acesso em 08 ago. 2022.

¹⁷ ALVARO, Bruno Gonçalves. **A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII: Um Estudo Comparativo do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2008, p. 15.

¹⁸ COUTO, L. M. A. Rodrigo Díaz de Vivar: reflexões entre o Cid literário e o histórico em Castela. **Revista Espacialidades**, [S. l.], v. 12, n. 01, p. 01–16, 2018. DOI: 10.21680/1984-817X.2017v12n01ID17652. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17652>. Acesso em: 8 out. 2022, p. 7.

¹⁹ GÓMEZ MORENO, op. cit., p. 210.

Para o contexto da ditadura franquista, a representação do guerreiro El Cid “[...] receberá uma nova significação, será o responsável pela unificação cristã do território espanhol durante a medievalidade”.²⁰ O combatente então passar a ter sua história requisitada durante a Guerra Civil Espanhola, tendo sua memória alçada pelo ditador espanhol Francisco Franco.²¹

Para demonstrar tal vontade de reviver a memória do passado espanhol e a importância que El Cid tomou durante a ditadura franquista, ilustraremos o caso do filme *El Cid* (1961) dirigido por Anthony Mann (1906-1967). No filme, lançado em 1961, porém com produção prévia que remete aos dez anos anteriores,²² houve a consultoria dos historiadores Ramón Menéndez Pidal (1869-1968) e Gonzalo Menéndez Pidal (1911-2008).²³ Na obra é narrada a história de El Cid (interpretado por Charlton Heston) em sua longa jornada para conseguir unir os católicos e os mouros (como os muçulmanos são apresentados no filme) do seu país contra um inimigo comum: o emir Ben Yussuf (interpretado por Herbert Lom). Simultaneamente a sua jornada, enquanto El Cid é apresentado como um herói lendário para a Espanha, ele permanece tendo suas características como um homem simples sendo também ressaltadas.

A produção do filme contou com o apoio incondicional do governo de Franco, pois o ditador se encontrava, nas palavras de Barrio:

[...] entusiasmado com a perspectiva de rodar filmes de grande orçamento na Espanha e com projeção internacional em mitos patrióticos como El Cid. Não devemos esquecer que Franco se sentiu identificado ao longo de sua vida com a figura de El Cid como salvador da Espanha, já em 1936, no primeiro ano da guerra, declarou aos alemães seu desejo de "ser considerado não só o salvador da Espanha, mas também o salvador de Europa da expansão do comunismo". Até durante os dias anteriores à libertação do cerco do Alcazar de Toledo, Franco pensou que poderia se tornar "um mito semelhante às lendas atribuídas ao Cid". Após a rebelião militar de julho de 1936 e o início da guerra civil, Franco e seus companheiros forjaram uma lenda obsessiva que o igualou aos grandes guerreiros medievais como Pelayo ou El Cid. Ideia recebida por Franco no final dos anos vinte por um

²⁰ ALBARRAL, Érica Viana. **Do cantar de Mio Cid ao El Cid em quadrinhos: as representações do cavaleiro medieval em sala de aula**. 2017. Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Programa de Pós-graduação em História Ibérica, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2017. Disponível em: <http://bdtd.unifal-mg.edu.br:8080/handle/tede/1088>. Acesso em 28 set. 2022, p. 30.

²¹ Vale ressaltar que a memória do El Cid já era presente no território espanhol, sendo presente até mesmo em cantigas infantis no ensino básico espanhol. Contudo, a figura de Cid passou a ter ainda mais força para a sociedade espanhola durante o franquismo, passando a ter mais presença cada vez mais notável na cultura e identidade espanhola proposta por Francisco Franco.

²² BARRIO, Juan Antonio Barrio. *El Cid de Anthony Mann, a través del cine histórico y la edad media*. In: UROZ, José (ed.) **Historia y Cine**. San Vicente del Raspeig: Publicaciones de la Universidad de Alicante Campus de San Vicente, 1999. p. 6

²³ BARRIO, op. cit. p. 6.

padre asturiano local que previu para ser o continuador dos feitos de El Cid e Don Pelayo. [...]

Esta imagem providencial emergiu de uma imagem religiosa, repete no filme *El Cid* quando Rodrigo recebe de um religioso o presságio de seu glorioso destino como Salvador de Espanha. Sendo esta visão do Cid como salvador da Espanha uma das mais repetidas ao longo do filme, produzindo assim uma simbiose e um paralelismo entre o herói medieval castelhano e o ditador espanhol. (tradução nossa)²⁴

No filme, há uma utilização excessiva do termo Espanha e uma visão do território atualmente espanhol fortemente distorcido e anacrônico.²⁵ Para isso, *El Cid* deixou de ser um personagem histórico de Castela ou Leão para se tornar um personagem histórico que representa os ideais do território espanhol, aos moldes do cinema histórico épico que procura oferecer uma “história” de um herói sem fissuras.²⁶

Nesse contexto, a aproximação de Franco com a figura de El Cid demonstra uma utilização bastante presente do passado medieval (e nacional) em discursos políticos. Dessa forma, busca-se assemelhar o legado histórico do considerado herói espanhol com a possibilidade e força do general Francisco Franco. Buscando colar os diferentes agentes históricos.

Por conta do espaço limitado que temos para apresentar os variados usos do período medieval por diversas nações, esses são apenas dois casos que buscamos apresentar para exemplificar as aproximações de Franco a Idade Média. Contudo, há diversos momentos que podemos citar, porém sem aprofundamento. Estes são: a apresentação de Franco como novo cruzado (resultado do serviço de propaganda do Regime Franquista e da benção de Pio XII em 14 de dezembro de 1936 para a luta contra

²⁴ Do texto original: [...] entusiasmado con la perspectiva de rodar en España películas de gran presupuesto y con proyección internacional sobre mitos patrios como El Cid (nota 161). No hay que olvidar que Franco se sintió identificado durante toda su vida con la figura del Cid como salvador de España (nota 162), ya en 1936 en el primer año de la guerra declaró a los alemanes su deseo de «que le considerasen no sólo el salvador de España sino también el salvador de Europa de la expansión del comunismo» (nota 163). Incluso durante los días previos a la liberación del asedio del Alcázar de Toledo, Franco pensaba que podría convertirse «en un mito semejante a las leyendas atribuidas al Cid» (nota 164). Tras la rebelión militar de julio de 1936 y el inicio de la guerra civil, Franco y sus conmitones forjaron una leyenda obsesiva que le equiparaba a los grandes guerreros medievales como Pelayo o el Cid. Idea recibida por Franco a finales de los años veinte por un párroco local asturiano que le auguraba ser el continuador de las hazañas de El Cid y don Pelayo. [...]

Esta imagen providencialista surgida de un religioso, se repite en la película *El Cid* cuando Rodrigo recibe de un religioso el presagio de su destino glorioso como Salvador de España (nota 166). Siendo esta visión del Cid como salvador de España una de las que más se repite a lo largo del filme, produciéndose de esta forma una simbiosis y un paralelismo vital entre el héroe medieval castellano y el dictador español (BARRIO, op. cit., p. 12 e 13).

²⁵ BARRIO, op. cit., p. 33.

²⁶ SAMPERE, Isabel. La recreación de la biografía en el cine de Samuel Bronston. El caso de la preproducción de *El Cid*. In: CAMARERO, Gloria (ed.). **La biografía fílmica: actas del Segundo Congreso Internacional de Historia y Cine**. Madrid: T&B editores, 2011, pp. 628-645 Disponível em: <http://hdl.handle.net/10016/11363>. Acesso em 10 out. 2022. p. 7.

a República Espanhola)²⁷ e toda a propaganda no entorno do mito das Cruzadas,²⁸ as constantes associações ao período medieval frente aos conflitos separatistas espanhóis entre outros.

1.1.3. A Alemanha e todo seu serviço de propaganda nazista

Durante o período do nazismo, pode-se observar uma ampla utilização da história, em versões muitas vezes manipuladas, com o intuito de influenciar a opinião pública de forma significativa. Recheados de usos e apropriações do passado, da cultura e da arte para moldar a consciência social e a percepção da população sobre o presente, durante o nazismo foi buscado tornar a propaganda e o discurso político com uma forte carga antissemita e anticomunista.²⁹

No que se refere às utilizações do tempo medieval, há um vasto terreno que podemos destacar. Por isso, por questões de espaço, selecionamos apenas alguns usos. A imagem abaixo é o quadro *O porta estandarte* do pintor austríaco Hubert Lanziger (1880-1950) e é uma obra que se encontra atualmente em exposição no Centro de História Militar do Exército dos Estados Unidos. Nela é possível ver Hitler em uma armadura prateada a segurar a bandeira do partido nazista. O autor da pintura, segundo os pesquisadores, buscava dar luz ao que deveria se tornar um “monumento relíquia” capaz de readequar o passado e conectá-lo ao presente.³⁰

²⁷ GÓMEZ MORENO, op. cit. p. 215.

²⁸ GARCÍA MARTÍN, op. cit., p. 763-775.

²⁹ ALBUQUERQUE, M.; BOTAFOGO, F.; MANSAN, R. Minha honra se chama lealdade: a mítica cavaleiresca no imaginário nacional socialista - usos propagandísticos de um passado lendário (1933 – 1945). **Temporalidades – Revista de História**, Ed. 24, v. 9, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5860>. Acesso em: 12 set. 2022, p. 280.

³⁰ LANZIERI JÚNIOR, Carlile. **Cavaleiros de cola, papel e plástico: Sobre os usos do passado medieval na contemporaneidade**. 1. ed. Campinas, SP: D7 Editora, 2021, p. 81.



FIGURA Nº 3: *O porta estandarte*. Hubert Lanzinger (1880-1950), óleo sobre madeira, c. 1934-1936³¹

O quadro, quando descoberto pelos soldados aliados,³² já ao final da II Guerra Mundial, tinha uma marca de esfaqueamento logo abaixo do olho de Hitler e assim permaneceu sem restauração.³³ A produção do quadro não foi a única aplicação da História Medieval pelo nazismo. O trabalho dos pesquisadores Mauricio da Cunha Albuquerque, Fernando de Oliveira Botafogo e Rafael Oliveira Mansan ressalta alguns usos da “estética” medieval pelo imaginário Partido Nacional Socialista, partido nazista. No artigo, os autores destacam que “O objetivo primário desta propaganda era radicalmente reestruturar a sociedade alemã, para que a classe dominante, bem como as lealdades sectárias, pudesse aceitar uma nova consciência nacional”.³⁴ E aí que a mítica cavaleiresca surge para promover os ideais de nacionalismo, força e honra histórica que então vão se inserindo na imagética nazista. Segundo Álvaro Alfredo Bragança Júnior para o partido nazista:

Suas características morais traziam consigo o código de comportamento dos cavaleiros medievais: honra (Ehre) e fidelidade (Treue) eram seu lema. As noções de povo, império e governo adornavam não só as mentes, como também as fivelas dos cintos dos novos guerreiros germânicos. Até ordens secretas, semelhantes às mais importantes da Idade Média, como Templários, Hospitalários e Cavaleiros Teutônicos,

³¹ Imagem disponível em: <https://www.ushmm.org/propagandaarchive/painting-the-standard-bearer> Acesso em 18 ago. 2022.

³² Os membros principais dos soldados aliados eram do Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos.

³³ LANZIERI JÚNIOR, op. cit. p. 84.

³⁴ ALBUQUERQUE, M.; BOTAFOGO, F.; MANSAN, R., op. cit., p. 287.

com ritos iniciáticos, sólida hierarquia e dogmatização do saber oculto, foram fomentadas. Para a população, de modo diferente, mas não excludente, festividades alusivas a práticas pagãs como a celebração do solstício, à fartura nas colheitas, ou seja, tradições e costumes passados de geração a geração, tornam-se matéria de governo e fator de unidade e uniformidade nacionais a serviço do líder.³⁵

Desse modo, tanto na imagética quanto no discurso, a retomada pela visão gloriosa que gira em torno da Idade Média despontou como uma oportunidade de reviver, para a população nazista, o conjunto de princípios necessários para o fortalecimento do movimento. Dessa forma, o ressurgimento do ideal mítico da Idade Média despontava como uma tradução de símbolos que traduzem “o modo como um povo ou civilização entende e interpreta sua existência”.³⁶



³⁵ BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. O germano e os Ritter a serviço do nacionalsocialismo – propaganda e reapropriação política da imagem dos germanos e dos cavaleiros medievais na Alemanha dos anos 40. **Brathair – Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, vol. 14, n. 2, 2014. ISSN 1519-9053. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/902>. Acesso em 3 ago. 2022.p. 85-86.

³⁶ BRAGANÇA JÚNIOR, op. cit. p. 84.

Segundo Albuquerque; Botafogo; Mansan (2017)³⁸, na imagética composta pelo partido nazista, a religiosidade cristã adquiria um importante papel na construção do mito e do caráter homogeneizante que a propaganda nazista tinha como objetivo ser. Desse modo, iniciou-se um processo de releituras dos mitos com propostas preconceituosas. Dentre eles, mitos como o de São Jorge surgiam como uma possibilidade de transmitir ideais de “guerra justa”. Imagens como marcada com o número 2, onde um soldado é retratado lutando contra uma hidra que, seguindo os estereótipos da propaganda da NSDAP³⁹, possui três cabeças:

Em ordem de cima para baixo, é possível apontar o *czapka* (ou *rogatywka*), chapéu típico de uso militar polonês, a estrela do Partido Comunista da União Soviética, e a estrela de Davi Judaica, assim como o nariz acentuado, também presente na primeira cabeça. No corpo também estão presentes as siglas de outros inimigos como o KPD (*Kommunistische Partei Deutschlands*, ou Partido Comunista Alemão), novamente a Estrela de Davi, a RF (*Republic Frankreich*, ou República da França) e o SPD (*Sozialdemokratische Partei Deutschlands*, ou Partido Social Democrata da Alemanha). Igualmente, a imagem de São Jorge é invocada, sendo possível identificar o seu equipamento de cavaleiro assim como a cruz cristã. Nessa instância, porém, ele apoia diretamente o membro da *Sturmabteilung*, reforçando o apoio das tradições do passado para com o esforço Nazista.⁴⁰

Nas quatro imagens compiladas acima (Figura nº 4) e na abaixo (Figura nº 5), a mítica de São Jorge surge de forma diferente da presente na Legenda Aurea, mas que busca reapropriar do mito de São Jorge da mesma forma que foi utilizado durante parte da Idade Média: como uma espécie de padroeiro do momento histórico após o início das Cruzadas.⁴¹

³⁷ Na parte superior as imagens foram encontradas no artigo: ALBUQUERQUE, M.; BOTAFOGO, F.; MANSAN, R. op. cit., páginas 294 e 295, respectivamente. As imagens da parte inferior foram encontradas respectivamente nos links (partindo da esquerda para direita): [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Erich_Schilling_%E2%80%93_Der_Kampf_mit_dem_Drachen_der_Not_\(The_battle_with_the_dragon_of_distress,_Hitler_caricature\)_1932_Satirical_cartoon_No_known_copyright_\(low-res\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Erich_Schilling_%E2%80%93_Der_Kampf_mit_dem_Drachen_der_Not_(The_battle_with_the_dragon_of_distress,_Hitler_caricature)_1932_Satirical_cartoon_No_known_copyright_(low-res).jpg) e https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Closs_St_Georg_mitHakenkreuz.jpg. Acesso em 22 set. 2022.

³⁸ ALBUQUERQUE, M.; BOTAFOGO, F.; MANSAN, R., op. cit., p. 293-294.

³⁹ NSDAP é a sigla do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, partido nazista fundado em 1920 e dissolvido em 1945, ao fim da Segunda Guerra Mundial.

⁴⁰ ALBUQUERQUE, M.; BOTAFOGO, F.; MANSAN, R., op. cit., p. 294.

⁴¹ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. A construção medieval da memória de santos venerados na cidade do Rio de Janeiro: reflexões sobre um projeto de pesquisa em andamento. In: **Revista Digital Simonsen**. Rio de Janeiro, n.4, 2016. Disponível em: http://www.simonsen.br/revista-digital/wp-content/uploads/2016/06/46-Revista-Simonsen_N4-Andreia.pdf. Acesso em 22 set. 2022, p. 38-39

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. São Jorge, a Ordem dos Pregadores e a Legenda Aurea. 2019. In: **Atas Do XII Encontro Internacional De Estudos Medievais e III Seminário Internacional sobre Hagiografia Medieval**, 2019. Disponível em:

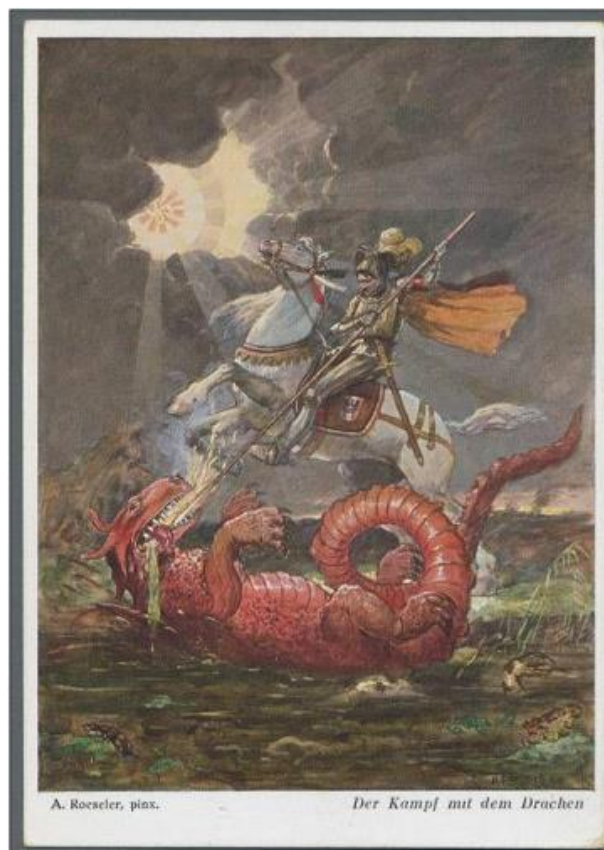


FIGURA Nº 5: SÃO JORGE⁴²

A imagética proposta pelo partido nazista foi bastante distinta, demarcada e em certo grau popularizada. Para estabelecermos uma comparação, mostraremos duas imagens criadas em contextos diferentes. De um lado, uma propaganda nazista que se utiliza das ideias que circulam o imagético medieval e do outro um exemplo contemporâneo da Lux Brasil (já descrita na introdução e que terá mais destaque em nosso terceiro capítulo). No site da organização, há um documento “manifesto” que busca explicitar os ideais da Lux Brasil. Nele, há uma série de imagens que apresentam ícones conhecidos como medievais, como a espada de dois gumes, escudos e cavaleiros templários. Selecionamos uma imagem da organização que descreve seus princípios declarados: Democracia, livre-expressão e respeito às autoridades e a constituição federal. Do lado esquerdo trazemos a imagem do Discurso semanal do NSDAP de 05 de outubro de 1941, que diz: “Camponeses e soldados estão juntos de mãos dadas, a fim de dar ao povo seu pão diário e garantir a liberdade para o reino.” (tradução nossa). Na imagem, a

https://www.academia.edu/39897270/S%C3%A3o_Jorge_a_Ordem_dos_Pregadores_e_a_Legenda_Aurea. Acesso em 22 set. 2022, p. 58.

⁴² Imagem disponível em: ALBUQUERQUE, M.; BOTAFOGO, F.; MANSAN, R. op. cit. p. 296.

espada de dois gumes é adornada por ramos de trigo, trazendo a dualidade da batalha e do objeto que gera a alimentação.⁴³



FIGURA Nº 6⁴⁴

Pensando comparativamente, Kocka defende que:

A abordagem comparativa pressupõe que as unidades de comparação possam ser separadas uma das outras. Não é nem a continuidade entre dois fenômenos nem suas influências mútuas que constituem os casos de comparação. Na verdade, eles são vistos como casos independentes, que são reunidos analiticamente através de perguntas sobre as similaridades e as diferenças entre eles. Em outras palavras, a comparação quebra continuidades, corta emaranhamentos, e interrompe o fluxo da narração. Mas, a reconstrução das continuidades, a ênfase na interdependência, assim como nas formas de apresentação narrativas, são elementos clássicos da História como disciplina.⁴⁵

Nesse contexto, comparamos as duas imagens na busca de entender de qual forma elas funcionam/funcionaram separadas, quebrando a ideia de continuidade muito presente quando se pensa comparações, mas ao mesmo tempo estabelecendo relações no uso. Pensando nessas concordâncias, quando se coloca as duas imagens lado a lado, nota-se

⁴³ ALBUQUERQUE, M.; BOTAFOGO, F.; MANSAN, R., op. cit. p. 288-289.

⁴⁴ À esquerda: Discurso semanal do NSDAP 05 de outubro de 1941. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Wochenspruch_der_NSDAP_5_October_1941.jpg. Acesso em 19 ago. 2022. A direita disponível em: LUX BRASIL. [S. I.] [2018?]. Disponível em: www.luxbrasil.org.br. Acesso em 20 out. 2020.

⁴⁵ KOCKA, Jürgen. Comparison and Beyond. **History and Theory**, n. 42, p. 39-44, fev. 2003. Tradução de Maria Elisa Bustamante, p. 41.

símbolos que se repetem: a posição das espadas, os textos a direita e com propósito de estabelecer princípios, a própria intencionalidade de utilizar as espadas de dois gumes como uma forma de representar a batalha travada em prol da liberdade (no caso da propaganda nazista) e o asseguramento da livre expressão (no caso da peça da Lux Brasil).

Os contextos dos usos de produção também se assemelham em um ponto: partem do uso de símbolos facilmente reconhecidos em meio ao senso comum como medievais para esboçar discursos políticos contemporâneos, prática largamente repetida entre os exemplos ressaltados em nosso trabalho.

1.2. Do hoje...

Ao final do século XX e nas primeiras duas décadas do século XXI, o passado medieval continuou a ser utilizado como uma manobra para mobilização social. No caso da França, o passado medieval vem a ser utilizado como uma tentativa de reavivamento de um nacionalismo exacerbado para a sociedade francesa. Para a Ucrânia em meio à guerra russo-ucraniana e para os Estados Unidos da América, para além dos desdobramentos políticos internos de cada país, o período medieval veio a ser utilizado como uma possibilidade discursiva de impor o discurso do “nós” contra “eles”. Sendo assim, para entendermos um pouco mais dos desenvolvimentos da utilização do período medieval na contemporaneidade, nos aprofundemos um pouco mais em cada utilização.

1.2.1. Da França, o discurso nacionalista embebido do medievo

Tratando-se de um exemplo francês do final do século XX, Jean Marie Le Pen, líder da Frente Nacional de 1972 até 2015, notoriamente conhecido por seu posicionamento conservador e de direita, durante o período eleitoral de 1991 declarou-se defensor do “povo francês nascido com o batismo de Clovis no ano de 496, que tem carregado essa chama inextinguível que é a alma de um povo por quase 1.500 anos”⁴⁶. O retorno à figura de Clóvis, líder franco que foi bastante favorecido por sua conversão ao cristianismo católico, considerado o marco do início da Idade Média e, não obstante, muitas vezes apontado como o fundador da monarquia francesa histórica,⁴⁷ demonstra uma profunda marca de nacionalismo francês na figura do político.

Le Pen vem de uma longa história política francesa de ultranacionalismo. Sendo defensor da política contra a imigração na França e condenado diversas vezes por suas

⁴⁶ GEARY, op. cit., p. 11.

⁴⁷ LOYN, Henry R. (org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 241.

declarações de cunho antissemita, racista, xenofóbico e de negações de fatos históricos como o Holocausto, o político que concorreu cinco vezes à presidência (1974, 1988, 1995, 2002 e 2007) e envolveu-se em várias polêmicas por seus posicionamentos.⁴⁸ Conhecido por seus apelos patrióticos, participa de uma série de manifestações em frente à estátua de Joana D'Arc em Paris. Sua filha, Marine Le Pen (1968-), assim como seu pai, em 2017 e nos anos seguintes que concorreu ao cargo de presidência, buscou fazer seus discursos políticos em frente ao monumento de Joana D'Arc existente na França.

A busca de ambos os candidatos em interligar a Idade Média aos seus propósitos políticos nasce de uma escolha consciente. Dessa forma, mais do que reviver um tempo histórico, o uso da medievalidade vem para salientar uma escolha política de identidade nacional, muito presente nos discursos de políticos alinhados à extrema direita. Dessa forma, busca-se na Idade Média vestígios que possam comunicar a sociedade francesa que o político, no caso Jean Marie ou Marine Le Pen, compreendem a história e grandiosidade do povo francês, e, por isso, são preparados para manter a “chama do povo acesa”. Sendo sempre entendida a história como uma longa duração da história nacional, mediante a Idade Média é considerada o princípio fundador. Para Patrick Geary:

A noção de história dos nacionalistas contemporâneos é estática: eles se aтем ao momento da aquisição primária, quando “seus povos” estabeleceram seus territórios sagrados e suas identidades nacionais sobre as ruínas do Império Romano. Eis a grande antítese da história. A história dos povos europeus da Antiguidade e da Alta Idade Média não é a história de um momento primordial, e sim de um processo contínuo. É a história da apropriação política e da manipulação de nomes herdados e representações de passados com o objetivo de criar um presente e um futuro. É a história da mudança constante, da descontinuidade radical e dos ziguezagues culturais e políticos, mascarados pela insistente reapropriação de antigos termos para definir novas realidades. Os francos que “nasceram com o batismo de Clóvis” não eram os francos de Carlos Magno nem o povo francês que Jean Le Pen esperava conquistar com seu movimento político. [...] E esse processo não está próximo do fim: os povos da Europa estão e sempre estarão em formação.⁴⁹

No segundo capítulo, iremos nos aprofundar na discussão sobre nacionalismo e patriotismo, no tocante a entender em quais pontos ambas as discussões possuem um legado histórico e corroboram para a ascensão de uma extrema direita brasileira.

⁴⁸ Dentre as várias polemicas e declarações preconceituosas de Le Pen, destacamos sua declaração de que as câmaras de gás durante a Segunda Guerra Mundial foram apenas “mero detalhe”: LÍDER da Frente Nacional pode ser julgado por chamar câmaras de gás de “mero detalhe” da Segunda Guerra. **Folha de São Paulo**, 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft07109801.htm>. Acesso em 10 out. 2022.

⁴⁹ GEARY, op. cit., p.35.

1.2.2. Ucrânia e sua luta contra a “barbárie medieval”

Tratando de conflitos recentes, sucedeu-se a guerra Russo-Ucraniana, conflito que é concentrado geograficamente na península da Crimeia e partes do território de Donbas.⁵⁰ A guerra tensionou seu combate entre 2021 e 2022, com a iminência do país russo considerar iniciar uma invasão militar na Ucrânia. Em fevereiro de 2022, a crise se agravou e todas as negociações políticas falharam, iniciando efetivamente o conflito armado.

Em meio a série de discursos sobre a guerra, a Vice-ministra de Defesa da Ucrânia Hanna Maliar em entrevista ao DefesaNet⁵¹, ao ser perguntada sobre quais lições a Ucrânia poderia passar para o resto mundo, respondeu que:

Nossa guerra contra o mundo é a fraqueza dos sistemas de segurança internacionais. E seria bom se, como resultado de nossa guerra, o mundo criasse um novo modelo de defesa coletiva que realmente acabasse com as guerras no mundo. A Ucrânia é realmente muito menor que a Rússia e, neste caso, é muito importante que os sistemas de defesa coletiva funcionem aqui.

Nossa guerra mostra ao mundo que a civilização ocidental moderna não está protegida da barbárie medieval. Os valores dos direitos humanos devem ser fortes, o mundo entende ao mesmo tempo forte (grifo nosso, tradução nossa).⁵²

⁵⁰ Entendemos que, por se tratar de um combate recente, ainda faltam análises que possam melhor retratar as intenções e consequências do conflito russo-ucraniano, bem como o resultado das influências de políticas externas para a atuação da guerra. Por isso, optamos por apenas apresentar a ideia central, entendendo a evidente superficialidade da descrição do conflito.

⁵¹ O DefesaNet é um portal de notícias especializado em defesa, estratégia, tecnologia, inteligência e segurança, tratando sobre assuntos aéreos, navais e terrestres. Criado em 1999, por seu atual editor-chefe Nelson Francisco Düring, o portal é considerado uma das maiores referências no Brasil sobre indústria bélica e assuntos de defesa. Há rumores que o DefesaNet é usado como saída para vazamentos por militares brasileiros.

VIANA, N.; VIEIRA, W., BODENMÜLLER, L.; MOTA, J. Documentos sobre atuação da Stratfor no Brasil expõem o amadorismo de espiões e fontes. Yahoo! Notícias, 2012. Disponível em: https://br.noticias.yahoo.com/documentos-sobre-atua%C3%A7%C3%A3o-stratfor-brasil-exp%C3%B5em-amadorismo-espi%C3%B5es-fontes.html?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2xlLnNvbS8&guce_referrer_sig=AQAAAMdJKhNPSnlx47xmyM2lgrUj12WraH2m6hJKvHVeGPoIn9VctWG-Tn0PoeccEDDPu2EgdO1Z6bPckBJSQdboHFW0Dvfy8y9gIESnVrZlb74qY5XQb9zfbnGlhsfbuLBcHHwjSfZfPLUJozu012KZAuixiJVHtSf7b6xR7edkjpPo. Acesso em 10 set. 2022.

⁵² Do original: “Our war on the world is the weakness of international security systems. And it would be nice if, as a result of our war, the world would create a new model of collective defense that would actually end wars in the world. Ukraine is actually much smaller than Russia, and in this case it is very important that collective defense systems work here.

Our war shows the world that Modern Western Civilization is not protected from medieval barbarism. The values of human rights should be strong, the world understands at the same strong.”

EXCLUSIVE - DefesaNet interview the Deputy Minister of Defense of Ukraine Hanna Maliar. **DefesaNet**, 2022. Disponível em: https://www.defesanet.com.br/en/br%20uc_e/noticia/44528/Exclusive---DefesaNet-interview-the-Deputy-Minister-of-Defense-of-Ukraine-Hanna-Maliar/. Acesso em 10 set. 2022.

A escolha da vice-ministra em retratar a Guerra Russo-Ucraniana como a batalha entre uma civilização ocidental moderna contra a barbárie medieval mostra bastante a intenção de entender a guerra em uma luta do bem contra o mal, o moderno contra o atrasado em um espaço que o bem seria a civilização ocidental moderna ucraniana e o mal a barbárie medieval russa. Essa dualidade é muito presente nos usos políticos do medievo. Por vezes, a Idade Média desponta como o período atrasado, soturno, preconceituoso. Outras vezes ele desponta como muscular, honrado, viril e bondoso. Essa ambivalência é fortemente presente entre os discursos, não cabendo para a Idade Média uma neutralidade ou o esquecimento, mas sempre a lembrança carregada de significado.

1.2.3. Os Estados Unidos e suas intempéries medievais

Mesmo com tantos casos europeus, é do outro lado do Atlântico que os usos tomam proporções imagéticas tão semelhantes às produzidas no caso brasileiro que analisamos. Nos Estados Unidos da América, as associações com o passado medieval são bastante presentes e por isso daremos dois exemplos de casos da história recente do país.

Durante o acontecimento de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, gerou-se um terror generalizado em território estadunidense. Com o atentado às Torres Gêmeas, iniciou-se uma Guerra ao Terror em todo o país, sendo alçado pelo presidente do país na época, George W. Bush II. Na ocasião, o presidente chegou a interligar diretamente as Cruzadas com o acontecimento. Chamando a “Guerra contra o Terrorismo” como Cruzada, ele disse⁵³:

Precisamos voltar ao trabalho amanhã e vamos. Mas precisamos estar atentos ao fato de que esses malfeitores ainda existem. Fazia muito tempo que não víamos esse tipo de barbárie. Ninguém poderia imaginar homens-bomba penetrando em nossa sociedade e, em seguida, emergindo todos no mesmo dia para pilotar suas aeronaves - pilotar aeronaves dos EUA em prédios cheios de pessoas inocentes - e não mostrar remorso. Este é um novo tipo de - um novo tipo de mal. E nós entendemos. E o povo americano está começando a entender. Esta cruzada, esta guerra contra o terrorismo vai demorar um pouco. E o povo americano deve ser paciente. Eu vou ser paciente. (grifo nosso)⁵⁴

⁵³ REMARKS by the President Upon Arrival. **The White House**, 2001. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010916-2.html>. Acesso em 05 out. 2022.

⁵⁴ Do original: “We need to go back to work tomorrow and we will. But we need to be alert to the fact that these evil-doers still exist. We haven't seen this kind of barbarism in a long period of time. No one could have conceivably imagined suicide bombers burrowing into our society and then emerging all in the same day to fly their aircraft - fly U.S. aircraft into buildings full of innocent people - and show no remorse. This is a new kind of - a new kind of evil. And we understand. And the American people are beginning to

Semelhante ao recurso histórico utilizado recentemente por Hanna Maliar de propor uma ligação direta da narrativa “nós contra eles” apresentando o lado a qual ele pertencia como representante da civilização e o oponente como representante da barbárie, tal uso foi muito presente em uma série de pronunciamentos após o 11 de setembro e nos discursos presidenciais estadunidenses do pós-Guerra Fria. Segundo Lucas Leite:

De “caos” e “desvio”, relacionados sobretudo às ideias de ordem e descontinuação do que seria o mundo ideal para os norte-americanos, passa-se a uma construção que coloca “civilização” e “bárbarie”, “crueldade” e “compaixão” como pontos focais dos discursos – esses termos transmitem uma ideia de divisão ainda mais forte do que os anteriores. Enquanto é possível colocar ordem no caos e ajustar os desvios, a barbárie e a crueldade são construídas como características de atores irracionais e malignos. Os Estados Unidos atuam por ordem divina contra o mal que surge na Terra, e por isso não dialogam nem hesitam na hora de atuar, afinal, o contrário significaria a vitória da maldade e a ideia de que não há ninguém que olhe pelos “bons”.⁵⁵

Essa visão estadunidense sobre seu povo muito se relaciona a doutrina do Destino Manifesto, doutrina baseada na crença que o povo estadunidense tinha uma vocação para expandir seu domínio pelo mundo por vontade divina. Além disso:

A doutrina do Destino Manifesto, como explicado, passou a significar um espírito ideológico e a carregar significados muito fortes, além de sustentar ideais convenientes para o crescimento e fortalecimento hegemônico do país. A religião exerce papel determinante aqui. Tal sentimento é ainda presente na percepção dos cidadãos dos Estados Unidos com relação aos demais países e povos, dando suporte às decisões políticas que envolvem guerras e conflitos como, por exemplo, os eventos que sucederam o “11 de Setembro” e a missão do povo cristão estadunidense em exterminar o “Eixo do Mal” e garantir a existência de um suposto ambiente democrático no Oriente Médio.⁵⁶

Essa doutrina permaneceu presente em vários discursos dos presidentes estadunidenses, tendo sido fortalecida após o 11 de setembro.⁵⁷

understand. This crusade, this war on terrorism is going to take a while. And the American people must be patient. I'm going to be patient.” (grifo nosso)

⁵⁵ LEITE, Lucas Amaral Batista. **A construção do inimigo nos discursos presidenciais norte-americanos do pós-Guerra Fria**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, p. 126.

⁵⁶ COSTA, Priscila Borba da. O Destino Manifesto do Povo Estadunidense: Uma Análise dos Elementos Delineadores do Sentimento Religioso Voltado à Expansão Territorial. In.: **V CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA**, 2011. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/?l=trabalhos&id=224>. Acesso em 10 set. 2022, p. 2274.

⁵⁷ Citamos aqui, para exemplificar, a parte final do discurso de Barack Obama após a morte de Osama Bin Laden, em 02 de maio de 2011:

Esta noite, mais uma vez lembramos que os Estados Unidos podem fazer tudo a que se determinar fazer. Essa é a história de nossa história, seja a busca da prosperidade para nosso povo, ou a luta pela igualdade de nossos cidadãos; nosso compromisso é lutar pelos nossos valores no exterior, e nossos sacrifícios é fazer do mundo um lugar mais seguro. Deixem-nos lembrar de que podemos fazer essas coisas não apenas por riqueza e poder, mas por causa do que somos: uma nação, sob um Deus, com liberdade e justiça para todos.

Bush também buscou utilizar das expedições religiosas e militares das Cruzadas como recurso discursivo. Tal referência provocou a ira entre os muçulmanos, que devidamente alegavam que, ao contrário das Cruzadas, o ataque às Torres Gêmeas não havia acontecido por motivos religiosos. Após críticas, Bush disse ter se arrependido de sua fala e disse que entendia que o acontecido não se tratava de uma guerra religiosa. Porém, sua associação direta do acontecimento com as Cruzadas demonstra a intenção do presidente em dar um lado religioso para o acontecimento (e, por conta disso, diretamente anti-islâmico), como também o colocava na posição de um líder preocupado com o futuro do país, que não media esforços para proteger os EUA, sendo capaz até de iniciar uma Cruzada (aqui funcionando como sinônimo de Guerra contra a população islâmica) para manter a soberania do país estadunidense. As Cruzadas formam um evento histórico bastante conhecido na sociedade, sendo constantemente lembradas e associadas a noção de bravura e coragem. Continuadamente há associações às Cruzadas em discursos políticos.⁵⁸

Por outro lado, é em 2016 que nos EUA surge o caso de maior projeção e visibilidade marcadas pela Internet das eleições contemporâneas. A eleição de Donald Trump em 2016 e seu mandato até janeiro de 2021 trouxe grandes mudanças para a forma de se realizar propagandas eleitorais e foi por meio da Internet que a maior parte de seus eleitores tiveram contato com o candidato e posteriormente presidente.

Pela atuação em massa da Internet nas eleições, é mediante dela que seus apoiadores se uniram. Com a popularização das comunidades digitais mediante redes sociais como o *Facebook*, *Twitter*, *Telegram* e o *Reddit*, a produção de *memes* cuja temática central era o candidato tomou maior proporção na Internet. Nessas imagens ou vídeos, comumente são vistas associações de Trump a uma figura sublime. Nesse acervo de *memes* há uma tradição imagética presente: itens como os óculos pixelados geralmente utilizado com referências a cortes dados em entrevistadores ou com frases como “*deal*

(...) Que Deus abençoe os Estados Unidos da América. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011 apud COSTA, 2011, p. 2274-2275)

⁵⁸ É importante ressaltar o caso acontecido em 2016 na cidade de Charlottesville em que nacionalistas brancos da extrema direita estadunidense marcharam pela cidade carregando escudos com símbolos supremacistas e neonazistas e clamando “Unite the right” (unir a direita). O caso reverberou na sociedade como um todo e em especial na comunidade de estudiosos do período medieval, por ser um caso gritante de uma visão “nostálgica” do período medieval atrelada a um contexto político supremacista. Por questão de recorte, optamos por não nos aprofundar sobre o assunto na construção deste texto, mas indicamos um artigo que se aprofunda na questão: BLAKE, Thomas. Getting Medieval post-Charlottesville: Medievalism and the Alt-Right. In: VALENCIA-GARCÍA, Louie Dean. **Far-Right Revisionism and the End of History**. New York: Routledge, 2020, p. 179-197.

with it” (lide com isso), ou imagens com baixa qualidade que demonstram uma intenção dela ser repassada para várias conversas.

Na eleição de Trump houve também a popularização de um bordão representante da intenção do político: *Make America Great Again* – *MAGA* (Faça a América grande de novo). O slogan foi utilizado em camisas, bonés, *memes*, bandeiras e foi muito presente em todo o período das eleições e do mandato do Trump por parte de seus apoiadores. Dessa forma, o lema demonstra a intenção direta de Trump por reviver um passado glorioso para a história dos Estados Unidos, indo de embate com o que era visto do lado adversário, que supostamente representava uma má América.

No que se refere ao nosso trabalho, um uso imagético dos *memes* produzidos ao entorno da figura de Trump nos chama a atenção: as diversas imagens dele enquanto um cavaleiro templário, com seu rosto sendo recortado e colado em uma pintura digital representante de um cavaleiro templário com armadura.



FIGURA Nº 7: Compilação minha⁵⁹

Essas imagens geraram uma visão direta da busca de reviver um passado glorioso para a população estadunidense alinhada a figura do cavaleiro, mesmo que os Estados Unidos não tenham vivido o passado medieval nos moldes que buscam remeter visualmente. Os usos da armadura do cavaleiro templário ou de tais imagens digitais

⁵⁹ Todas as imagens foram encontradas no mesmo site. Respectivamente, nos links partindo da esquerda para a direita. Imagem 1: <https://patriotminear.com/mememe/donald-trump-victorious-horseback/#gref>. Imagem 2: <https://patriotminear.com/mememe/trump-knight-templar-american-flag/>. Imagem 3: <https://patriotminear.com/mememe/trump-maga-knight/>. Acesso em 10 set. 2022.

reascendem uma discussão muito presente nas declarações de Trump, o “tornar a América grande de novo”, reascender sua glória.

Instrumentalizadas por grupos e setores políticos alinhados à extrema direita brasileira e mundial, as Cruzadas podem ser interpretadas atualmente como o momento-chave de um fetichismo conservador e reacionário, em que a verve militarista se aglutina ao ideal de masculinidade e defesa dos princípios morais e cristãos que, segundo tais grupos políticos, foram os pilares civilizacionais nos quais o mundo Ocidental se ergueu.⁶⁰

Estes discursos estão sendo fortemente utilizados pelas figuras populistas da extrema direita contemporânea. Um exemplo disso, seria a imagem de Jair Messias Bolsonaro sendo sobreposta em um corpo de cavaleiro medieval. Na figura, vemos o rosto de Bolsonaro colado em uma ilustração de cavaleiro templário, empunhando a bandeira do Império Brasileiro⁶¹, sendo “iluminado” pela figura do político Enéas⁶² (1938-2007) como se ele fosse um símbolo religioso para guiar os caminhos de Bolsonaro em meio a sua “batalha” travada. Abaixo, temos os dizeres: “Bom dia soldados! Dispostos a Lutar?” o que remete às imagens diariamente disparadas em aplicativos de mensagens e também demonstra a “percepção” dos responsáveis de enviar a imagem: a sensação de que Bolsonaro diariamente está travando uma batalha em prol do Brasil, ainda que a bandeira utilizada seja a do Brasil Imperial.

⁶⁰ MORAIS, Luan Lucas. O “Mito” fundador Luso-Brasileiro: Apropriações do passado medieval europeu na construção de uma identidade nacional em *Brasil, A Última Cruzada*. In: GATT, Pablo, CARNIEL, Joana (org.). **Estudos em Medievalismo: Sociedade, Poder e Cultura**. Espírito Santo: LETAMIS – Laboratório de Estudos Tardo Antigos e Medievais Ibéricos e Sefaradis, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/44358846/O_mito_fundador_luso_brasileiro_apropri%C3%A7%C3%B5es_do_passado_medieval_europeu_na_constru%C3%A7%C3%A3o_de_uma_identidade_nacional_em_Brasil_a_%C3%BAltima_cruzada_. Acesso em 2 set. 2022, p. 223.

⁶¹ Aqui, o uso da bandeira imperial nos parece estar fortemente ligado ao sentimento de nostalgia ligado ao passado imperial no Brasil por parte da extrema direita. Deixamos aqui um artigo que melhor discorre sobre o assunto: KRAUSE, Thiago; PACHÁ, Paulo. Nostalgia do Império é fantasia reacionária do bolsonarismo, dizem historiadores. **Folha de S. Paulo**: São Paulo, 18 jul. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/07/nostalgia-do-imperio-e-fantasia-reacionaria-do-bolsonarismo-dizem-historiadores.shtml>. Acesso em 19 fev. 2023.

⁶² No terceiro capítulo há uma explicação mais ampla da aproximação da figura política de Bolsonaro a de Enéas.



FIGURA Nº 8: Imagens da Internet⁶³

Essa imagem foi fortemente disparada em diversas redes sociais, porém o interessante é entender que sua raiz⁶⁴ não necessariamente seria brasileira.



⁶³ Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/narciso-acha-feio-o-que-nao-e-espelho-reflexoes-sobre-masculinismo-na-invasao-ao-capitolio-e-as-suas-ligacoes-com-o-bolsonarismo/>. Acesso em 17 dez. 2021.

⁶⁴ Entendemos que encontrar a “raiz” de imagens constantemente disparadas na Internet é um trabalho impossível de ser realizado. Aqui, quando empregamos a expressão raiz seria no sentido de compreender que outros usos foram realizados antes mesmo da versão brasileira. Por isso, sua “raiz”.

Luiz Guerra ressalta que o uso dessa imagem também vem sendo replicado em outras versões para políticos europeus. Além disso, historiador também ressalta:

Outros dois detalhes muito importantes dessas imagens são o fato de que todos os líderes, principalmente os homens, são representados em suas versões mais jovens, talvez numa tentativa de passar uma imagem mais forte e viril; e a figura do papa que traz o rosto do personagem/meme Pepe the Frog, que se tornou um popular meme político da extrema direita nos EUA e em outros países, chegando, inclusive a ser classificado como discurso de ódio pela ADL (Anti Defamation Language). Além disso, a mais antiga dessas imagens, pelo que podemos levantar, é a do próprio Trump, e isso é bastante sintomático. Ainda que essas conclusões não estejam extremamente claras no momento (se trata de um fenômeno que ainda está se desenrolando), isso aparenta nos indicar que a campanha de Trump em 2016 e, mais importante, seus apoiadores dentro de fóruns e subgrupos na internet foram os principais responsáveis pela difusão dessa nova onda de neomedievalismo político pelo mundo.⁶⁶

Dessa forma, entendemos que a cultura de disparo de mensagens da extrema direita brasileira na Internet, ainda que tenha forte apelo publicista e seja de interesse público o compreender (principalmente em um país que não possui uma história medieval em moldes europeus e seus símbolos), também possui pontos reutilizados de outros usos políticos mundiais, algumas vezes chegando até mesmo a ser realizadas justaposições nas imagens.

Nesse contexto, muito do que se é interpretado como referência a Idade Média é, por vezes, algo mais embebido do século XIX do que o período medieval, carregado das polarizações sobre o tempo histórico ou até mesmo uma nova Idade Média que não remete ao passado histórico, tampouco a sua criação “popularizadora” novecentista. Indo nessa correnteza, o medievo vem sendo utilizado como estandarte para discursos políticos, seguindo a mesma dubiedade: demonstrando a Idade Média como algo positivo ou negativo.

Esses são alguns exemplos espaçados sobre os usos da Idade Média ao longo dos conflitos europeus e estadunidenses nos séculos XX e XXI. Apesar de termos concentrado nossas análises em eixos europeus e norte-americanos (e por isso imperialistas), buscamos mostrar como tais usos são fortemente presentes no continente

⁶⁵ Imagens retiradas do trabalho de Luis Guerra. GUERRA, Luis. Neomedievalismo político no Brasil contemporâneo. In: BERTARELLI, M.; BIRRO, R.; JÚNIOR, J. (orgs.). **Medievalismos em olhares e construções narrativas - Volume 1**. Pará: Editora Itacaiúnas, 2021, p. 55.

⁶⁶ GUERRA, *ibid.*, p. 56.

que carrega grande parte dos “signos” que representam a Idade Média em sua história nacional. Em vários casos o período surge para reforçar alguma ideia, uma interpretação do passado, uma imagem que o discurso gostaria de projetar para os ouvintes. Sejam por meio do texto ou da imagem, todos os símbolos envolvidos no imaginário do tempo medieval surgem na produção de falas políticas para exemplificar os ideais de quem o fala.

O período se insere como uma antessala, o meio de todos: tudo que é medieval, não pode ser por definição nem Antigo ou Moderno. Nesse tempo também se insere no imaginário várias vertentes sobre uma época que talvez nunca tenha existido. Considerando que estas condutas não são recentes ou sequer centralizadas em um só espaço ou tempo, os vários manuseamentos da História Medieval em propósitos políticos apontam como utilizações voltadas para a intenção de comunicar algo, de exemplificar desígnios e buscar colar em figuras distintas (em história, espaço e intenção) propósitos supostamente semelhantes. Esses usos do passado refletem as tensões que existem na sociedade do presente.

No segundo capítulo desta dissertação buscaremos nos aprofundar nas especificidades de tais utilizações do passado em contexto brasileiro, bem como buscaremos descrever algumas características dos grupos de extrema direita pesquisados por nós que enxergam na Idade Média um passado insigne.

CAPÍTULO II

HOMENS DESENCANTADOS COM A SOCIEDADE QUE OS CERCA: O BRASIL EM UM CAMPO DE COMBATE DE IDENTIDADES MASCULINAS

*[...] FUNDADO COM O OBJETIVO DE RESGATAR OS VALORES E PRINCÍPIOS DOS MONGES GUERREIROS DO INÍCIO DAS CRUZADAS. NOSSO OBJETIVO ATUAL ERA O DE PROTEGER OS MANIFESTANTES PATRIOTAS DAS HORDAS COMUNISTAS.*¹

A sociedade no passado e no presente não deixa de construir-se de referências. As redes sociais obtiveram um importante espaço na construção de diversos grupos sociais na última década, dando possibilidade para o diálogo, o conhecimento e para o descobrimento do diferente, gerando a união de multidões de pessoas até então desconhecidas, mas que possuem certa afinidade. Tal situação pode ser benéfica e maléfica. A epígrafe utilizada para iniciar este capítulo foi retirada diretamente de uma postagem que acessamos durante nossa pesquisa, e ela evidencia o desejo dos autores de reverberar no presente suas próprias visões sobre os monges guerreiros (que possuem diferentes responsabilidades e atuações em variadas culturas) para “proteger” seus iguais dos representantes do comunismo.

A interpretação de uma necessidade social de um ser religioso cuja atuação também é combativa é muito presente nos discursos reacionários que obtivemos contato nesta pesquisa. Tendo em mente aqueles que se intencionam de ver em um passado irreal a possibilidade de mobilização política de seu grupo, nesse segundo capítulo iremos discutir alguns contextos de utilização do período medieval para a propagação de ideais que partem das necessidades ideológicas dos grupos de extrema-direita.

Para melhor entendermos a constituição dessa demanda de um passado combativo para a construção discursiva de um inimigo a ser derrotado, na produção desta pesquisa tivemos contato com imagens publicadas em páginas da extrema direita brasileira nas redes sociais, com

¹ Frase retirada da legenda da postagem nas redes sociais: **TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA** - RJ. Há exatos 3 anos fundávamos o grupo Templários da Pátria RJ [...]. Rio de Janeiro, 2 jun. 2021. **Facebook:** **TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA** - RJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/TemplariosDaPatria/photos/a.201069717390959/975783789919544/> Acesso em: 27, out. 2022.

foco no Facebook. Buscamos manter ao máximo o anonimato dos autores(as) das páginas, uma vez que nosso objetivo é entender a relação da História Medieval e a compreensão das masculinidades no entorno do período. Entendendo que nosso foco não é entender as propostas, intuítos e motivos de cada grupo ou página pesquisadas individualmente, mas sim os mecanismos da comunicação das imagens e suas possibilidades de compreensão a partir das mesmas. Ademais, as fontes selecionadas neste capítulo foram escolhidas de acordo com o critério de discussão de características que se repetem nas postagens, por isso, a quantidade de fontes imagéticas trabalhadas no capítulo é menor das que foram pesquisadas ao todo.

Além disso, nos é importante entender quais compreensões de sociedade tais grupos da extrema direita possuem e de que modo tomados pela identificação com o período medieval, há um reforço de ideias de masculinidades dominantes como construções vitais na fabricação desses homens, em que a todo momento comparam e pensam o seu tempo com lentes de séculos passados. Para analisarmos estes grupos, utilizaremos como teoria os Estudos de Gênero e em especial os de Masculinidades, em razão disso, antes de iniciarmos a análise das fontes, vale-se um momento para se discutir os campos teóricos.

2.1. Os Estudos sobre Masculinidades

As relações de poder são multifacetadas. Por esse motivo, seus estudos são tão plurais quanto complexos. Inicialmente no estudo sobre a temática se entendia que as relações de poder eram estritamente verticais e, portanto, existentes apenas de forma direta nas relações oprimido-opressor. A partir da concepção marxista de compreensão da história e das contribuições do autor Michel Foucault (1926-1984), o poder enquanto campo do saber sofreu uma mudança em sua abordagem. Foucault (2006) contribuiu para a instrução da constituição do poder enquanto algo profundo para o ser humano ao fugir da estreita relação oprimido-opressor e estabelecer a ideia de Microfísica do Poder.² Nesta concepção, as relações de poder estão constituídas e imbricadas internamente em todas as conexões, ou seja, o oprimido também é capaz de configurar a opressão em subordinação a outros.

Segundo Roberto Machado em introdução ao livro Microfísica do Poder, para Foucault, toda teoria é provisória,³ assim, na visão foucaultiana: “Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação.

² FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 22ª edição, 2006.

³ MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 22ª edição, 2006, p. XI.

O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.”⁴ Logo, para o filósofo, o Estado não configura a posição de um órgão central e único de poder, ainda que participe de uma inegável rede de poderes das sociedades modernas que seriam uma extensão dos efeitos do Estado.⁵

Simultaneamente aos estudos no concerne a poder, os Estudos de Gênero ao final do século XX experimentavam novas abordagens e possibilidades de análise, sendo fortemente influenciados pelas mudanças sociais provocadas pelos avanços produzidos pelos Movimentos Feministas⁶ e pelas Comunidades LGBTQIA+.⁷ As contribuições dos movimentos sociais proporcionaram maior abrangência e compreensão do campo dos estudos de gênero e das particularidades da sociedade enquanto promotora da manutenção das forças do poder. Inserido nesta discussão está o trabalho da historiadora Joan Scott em seu artigo *Gender: A Useful Category of Historical Analysis* (1986).⁸ Nele, a autora discorre sobre como o uso da Teoria de Gênero é uma forma válida de se analisar a história, postulando que a relação entre os gêneros é complexa, relacional e constituinte das relações de poder. Ou, como ela define:

Minha definição de gênero tem duas partes e vários subconjuntos. Eles estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente distintos. O cerne da definição repousa sobre uma conexão integral entre duas preposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é uma forma primária de significar relações de poder. Mudanças na organização das relações sociais sempre correspondem a mudanças nas representações de poder, mas a direção da mudança não é necessariamente unilateral.⁹

⁴ Ibid., p. X.

⁵ Ibid., p. XIII

⁶ O Feminismo é conjunto de movimentos sociais protagonizado por mulheres que reivindicam a igualdade política e social entre todos na sociedade. Fundado em ainda no século XIX, o feminismo contemporaneamente vem possuindo bastante adesão e um maior espaço de discussão na sociedade, assim como a luta pelos direitos civis das mulheres.

⁷ É importante ressaltar que a nomenclatura LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Queers, Intersexuais e Assexuais e outros) é uma nomenclatura recente. O movimento, plural e sujeito a mudanças, vem atualizando sua sigla em busca de ser mais representativo e abrangente. Por isto, sua sigla também sofreu mudanças históricas, sendo anteriormente intitulado de Movimento Gay, posteriormente Movimento GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) e mais recentemente LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Travestis). Sua mudança buscou envolver as múltiplas orientações sexuais e identidades de gênero.

⁸ SCOTT, Joan Wallach. *Gender: A Useful Category of Historical Analysis*. **The American Historical Review**, Oxford, Oxford University Press, v. 91, n. 5, 1986, p. 1053-1075. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/1864376#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 17 set. 2022.

⁹ Do texto original: My definition of gender has two parts and several subsets. They are interrelated but must be analytically distinct. The core of the definition rests on an integral connection between two prepositions: gender is a constitutive element of social relationships based on perceived differences between the sexes, and gender is a primary way of signifying relationships of power. Changes in the organization of social relationships always correspond to changes in representations of power, but the direction of change is not necessarily one way. (Ibid., p. 1067.)

Nesse contexto, o campo de estudo das Masculinidades surge como fenômeno das discussões acerca do conceito de gênero nas décadas de 80 e 90. Entendendo gênero enquanto um campo relacional e representativo das relações de poder, estas pesquisas focaram em compreender não só o papel do homem enquanto formador de diversos status sociais, mas também a subjetividade das relações que influenciam o desenvolvimento das relações de poder.

Na concepção do sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002), constitui-se no Ocidente uma sociedade masculinizada e dicotômica, em que os homens dominam e as mulheres são dominadas. Nesta sociedade algumas coisas são exigidas ao homem: força; repressão de seus sentimentos; garantia de ser o provedor da casa; etc. Paralelamente, as mulheres estão impelidas a servirem de apoio e consolo a estes indivíduos e serem fontes de carinho, ternura, passividade, fragilidade. Tais relações são subjetivas e estruturantes, sem necessariamente incidirem sobre os indivíduos da sociedade de forma direta.¹⁰

Essa construção da dominação masculina de Bourdieu (1999) está fortemente embricada em sua noção de poder simbólico, que propõe a existência dos campos do material e simbólico, sendo o campo simbólico uma estrutura estruturante, ou seja, uma estrutura que também forma em si sua relação de dominação. Nesse sentido, a cultura dominante usufrui de seu lugar sem necessariamente entrar em um embate por isto, como afirma o autor:

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções.¹¹

Desse modo, o que define a masculinidade e a feminilidade não seria um *script* marcado para cada indivíduo, mas sim uma série de códigos e símbolos que são passados a todas as pessoas de forma suave e indireta. Todavia, tal concepção tem sido questionada, pois, os estudos das Masculinidades têm buscado se distanciar da concepção dicotômica homem-mulher em meio a sociedade, entendendo um maior espaço entre os dois gêneros que historicamente foram associados aos dois sexos.¹² Ao utilizar o termo Masculinidades (com o “s” ao final) os

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. **Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 10.

¹² Para essa discussão destacamos o declarado por Judith Butler: “[...] Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre o sexo e gênero atende à tese que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do

pesquisadores se aproximam de uma concepção plural do conceito e evidenciam a formação na sociedade de masculinidades hegemônicas e subalternas.¹³

A partir de tais problematizações, o que então seria o conceito de Masculinidades? Segundo R. W. Connell:

A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de "masculinidades". Existe o perigo, nesse uso, de que possamos pensar no gênero simplesmente como um *pot-pourri* de identidades e estilos de vida relacionados ao consumo. Por isso, é importante sempre lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas.¹⁴

A masculinidade constitui-se enquanto prática, *modus operandi* dos homens na estrutura das relações individuais e, conseqüentemente, de todas as relações de poder. Nesta perspectiva, reflete-se a organização social de forma mais plural e assertiva, entendendo e aderindo a existência de intersecções e subjetividades também no campo do masculino. Estas intersecções incluem as diferenças de raça, sexualidade e classe na constituição das masculinidades, tendo em mente que a opressão não existe de modo único para todos os homens. Sendo assim, compreende-se que outras estruturas de opressão também interferiram nas constituições de gênero, sem a estabilidade assumida anteriormente. Da mesma forma que o racismo impede que um homem negro brasileiro vivencie as mesmas experiências de um homem branco também brasileiro, a heteronormatividade segrega e constrói novas masculinidades. Por isso, na concepção do sociólogo Michael Kimmel:

As masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc.).¹⁵

sexo.” BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 25.

¹³ CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.21, n.1, jan-abr, 2013.

ALVARO, Bruno Gonçalves. **A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII: Um Estudo Comparativo do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2008.

¹⁴ CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul-dez, 1995, p. 188.

¹⁵ KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 04, out, 1998, p. 103-107. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 16 set. 2022, p. 105.

Acreditamos, portanto, que o entendimento das masculinidades enquanto forças estruturantes é de valor inestimável em nossa análise das fontes, pois ao se iniciar o processo comparativo itens como masculinidade, virilidade e força são figuras presentes nas apresentações dos imaginários de ambos os períodos. Entendendo a masculinidade como força construída historicamente e socialmente:

[...] vejo a masculinidade como uma coleção variável e constante de significados que construímos através de relacionamentos com nós mesmos, uns com os outros, e com o nosso mundo. A masculinidade não é nem estática, nem atemporal; é histórica. A masculinidade não é uma manifestação de uma essência interna; é construída socialmente. A masculinidade não surge na nossa consciência através de nossa constituição biológica; mas é criada pela cultura. A masculinidade possui sentidos distintos em tempos distintos às diferentes pessoas. Podemos saber o que significa ser um homem em nossa cultura estabelecendo definições em oposição aos grupos considerados como os outros – as minorias raciais, as minorias sexuais e, sobretudo, as mulheres.¹⁶

Por isso, se faz essencial entender a importância de outras estruturas sociais e das concepções históricas e suas influências diretas nas concepções de masculinidades. Assim como declara Botton:

Podemos afirmar – e isso parece unanimidade dentre os historiadores – é que as masculinidades não podem ser estudadas, nem entendidas, por si só. Diversas outras “estruturas” e instituições sociais devem ser levadas em conta nos estudos masculinos, como: etnia, classe social, nacionalidade, geração, temporalidade, territorialidade, dentre diversos outros fatores altamente relevantes que não devem ser suprimidos numa pesquisa histórica.¹⁷

Entendemos então que a reafirmação da uma masculinidade hegemônica no contemporâneo vem de uma construção social e política das mudanças sociais que o século XXI trouxe para a sociedade. Desse modo, a busca por esse uso exacerbado de dispositivos que demonstram masculinidade ressalta uma sensação de rompimento com o passado e, portanto, a necessidade de reconexão com os antigos valores. No contexto de nossa pesquisa, a utilização de uma versão mítica dos cavaleiros templários e do imaginário da Idade Média parte do processo de reafirmação das sociedades medievais sendo lidas como masculinas, livremente associadas com o exercício da virilidade. Estas associações surgem historicamente como um

¹⁶ KIMMEL, Michael Scott. Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. **Equatorial**. v. 03, n. 04, p. 97-124, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/14910>. Acesso em 10 jun. 2022, p. 99.

¹⁷ BOTTON, Fernando Bagiotto. As masculinidades em questão: Uma perspectiva de construção teórica. **Revista Vernáculo**, n. 19/ 20, 2007, Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/20548/13731>. Acesso em 10 jun. 2022, p. 117.

modo de validar as relações de poder e coerção existente na sociedade. Myllena Araujo do Nascimento e Amanda Batista Braga¹⁸ apontam que o dispositivo¹⁹ da virilidade:

Trata-se de um dispositivo que conhece seu apogeu no século XIX: é ali que a acentuação das distinções sexuais esmiuçadas pelos naturalistas, acrescidas às narrativas dos exércitos revolucionários e imperiais, bem como à memória dos cidadãos considerados ilustres na Antiguidade, produziram e funcionariam em prol de uma naturalização do discurso da virilidade e de todos os elementos que afirmativamente a fomentaram e a reconheceram. É ali, no século XIX, que “a coragem, e mesmo o heroísmo, o saber morrer pela pátria, a busca da glória, a necessidade de superar qualquer desafio se impõem a homens a quem a legislação reveste de autoridade no seio da família” (CORBIN, 2013, p. 7).

É no mesmo período que os fisiologistas asseguram que o corpo masculino se destina mesmo à ação enérgica, ao engajamento social, à dominação - sobre a mulher, de modo particular, mas não exclusivamente. [...] Nessa perspectiva, segundo Corbin (2013, p. 9), “a virilidade se identifica com a grandeza - noção essencial -, com a superioridade, a honra, a força - enquanto virtude -, com o autodomínio, no sentido do sacrifício, com o saber-morrer por seus valores”. Assim, o que se tem, neste ápice da virilidade, datada do século XIX, é a construção de todo um dispositivo que se ampara nas relações de poder exercidas por instituições como o Estado, o exército e a família, bem como em enunciados e proposições que aí se formulam, para subjetivar homens viris. Trata-se de um dispositivo que perpassa as relações sociais, que as determina, que induz efeitos de dominação, que produz e naturaliza esquemas de comportamento e que, com isto, fabrica seus próprios sujeitos. Para o homem do século XIX, a virilidade é um bem moral a ser adquirido, preservado e do qual é preciso que apresente provas.²⁰

Se no século XIX a produção discursiva e o reforço de práticas de virilidade tomam força por meio da distinção cada vez mais clara (e apoiada em um discurso científico da época) entre o homem e a mulher, ao final do século XX há um pesar sobre o discurso. Isso porque, reconhece-se as consequências do uso exacerbado de todas as narrativas em volta da belicosidade e seus resultados para a sociedade ao final da Segunda Guerra Mundial e a iminência de um outro conflito devido a Guerra Fria:

O século XX acabou por reconhecer que, ao contrário do que anteriormente haviam assegurado os fisiologistas, a dominação masculina supostamente decorrente de uma virilidade natural, era, em verdade, historicamente localizada, construída a partir de determinadas relações estratégicas de poder. O século XX acaba, enfim, por instituir uma crise da virilidade.²¹

¹⁸ NASCIMENTO, Myllena; BRAGA, Amanda. O homem viril em evidência: O funcionamento do dispositivo da virilidade em memes da direita alternativa brasileira. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 41, set-dez (2021). Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/index>. Acesso em set. 2022.

¹⁹ As autoras apontam que entendem como dispositivo como um conjunto de elementos discursivos e não discursivos que determina e controlam a produção dos discursos, agindo diretamente na produção da subjetividade. Ibid., p. 348.

²⁰ Ibid., p. 351

²¹ Ibid., p. 352.

É importante ressaltar que a chamada crise da virilidade não significa seu desaparecimento. A própria popularização dos estudos de relações de poder e gênero demonstram a vitalidade das discussões no que diz respeito à temática. Em relação à identidade e sua reafirmação, Stuart Hall aponta que: “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.²² Por isso, além da discussão sobre reiteração da virilidade e da masculinidade, há um questionamento importante ressaltado pela filósofa Judith Butler no que se refere à identidade e gênero: a *performatividade* de gênero.

A *performatividade* de gênero é um conceito que busca destacar para o processo da afirmação de gênero por meio de aspectos que culturalmente são atribuídos a cada corpo na sociedade. Formas de falar, agir, discutir, se vestir, se portar em meio a outras pessoas etc., que são utilizadas para buscar definir os corpos e seus limites. Para isso, entende-se que gênero se define em meio a uma performance na sociedade e é a partir dele que se busca a reafirmação de seu gênero. Ou seja:

Nesse sentido, gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser *performativo* no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. [...] nós afirmarmos como corolário: não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados.²³

Nesse contexto, a validação de itens como virilidade, honra e características que culturalmente são atribuídas/exigidas para homens em meio a sociedade são também inseridas no contexto de performance de gênero. Kimmel dá um exemplo que pode ser apontado como uma performance de gênero: “as mulheres frequentemente reclamam que seus amigos ou parceiros são comumente tão compreensivos quando estão sozinhos e, no entanto, riem de piadas sexistas ou até mesmo as contam quando estão fora em um grupo.”²⁴ Esse tipo de situação demonstra uma necessidade de alguns homens de em meio a outros homens buscar reafirmar sua identidade e masculinidade. Desse modo, a reafirmar para a outros homens que assistem, classificam e outorgam a aceitação no domínio da masculinidade. “A masculinidade

²² HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 11ª ed., 2006, p. 9.

²³ BUTLER, Judith, op.cit., p. 56.

²⁴ KIMMEL, Michael Scott, 2016. op.cit., p. 112-113.

é demonstrada para a aprovação dos outros homens. São os outros homens que avaliam o desempenho.”²⁵

2.2. Descrevendo esses grupos

Para os criadores das imagens e para aqueles que as compartilham e concordam com seus posicionamentos, entendemos que a validação de uma masculinidade exacerbada contida no imaginário do período medieval surge como uma reafirmação de gênero e uma busca por aprovação de outros homens de sua virilidade. Para melhor demonstrarmos isso, separamos em tópicos alguns aspectos que podem ser destacados em meio a vasta produção de imagens que giram no entorno da utilização da Idade Média.

2.2.1. Preconceito com o “distinto”: Racismo, LGBTQIA+fobia, ódio ao Feminismo e as mudanças sociais no século XXI

Em meio ao forte caráter reacionário das figuras que analisamos, podemos ressaltar o teor de preconceito com o que é considerado distinto. Para quaisquer “mudanças sociais” que se tornaram mais populares de se discutir no século XXI como o Feminismo ou a Comunidade LGBTQIA+ há uma aversão e a forte representação de estar sendo deixado de lado em meio a sociedade. Esse ódio é demonstrado por meio de várias imagens em tom misógino, lgbtqia+fóbico que incitam a violência e a necessidade de autoproteção contra tais grupos.

²⁵ Ibid, p. 109.



FIGURA Nº 1²⁶

Na imagem acima há um homem (que pode ser entendido como pai das crianças), lendo alguma história aos filhos enquanto segura um escudo sob as cabeças de todos. Contra o escudo há um arco-íris, que não chega a ter contato com as crianças graças a ação do homem mais velho. Ao lado esquerdo a frase “Ser um homem de Deus começa em casa” vem a demonstrar bastante a intenção da imagem: falar que a tarefa do homem de Deus é iniciar a proteção contra as coisas do mundo (aqui representado pelo arco-íris simbolizando os movimentos LGBTQIA+) e que esta ação deve começar pela família. Esse tipo de construção narrativa representa duas questões muito presentes nos discursos reacionários: 1) a presença de um “inimigo” prestes a atacar o seio familiar; 2) a necessidade do homem “provedor” de proteger a família. Como ressaltam:

Em tais memes, irrompe a memória de uma hipermasculinidade tóxica e excludente, a qual, amparada por instituições de poder como o Estado, o Exército, a família e a Igreja, trabalha na produção de subjetividades viris que, em prol de sua autoafirmação, atacam sujeitos historicamente violentados pela sociedade ocidental, como a população LGBTQIA+ e as mulheres, e exaltam líderes políticos autoritários. Trata-se de responder, a partir do dispositivo da virilidade, a uma urgência histórica que se coloca mediante a visibilidade e o respeito conquistado, nas últimas décadas, pelos grupos progressistas e minoritários.²⁷

²⁶ TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Proteja seus filhos e netos dos ataques do mundo [...]. Rio de Janeiro, 24 set. 2021. **Facebook:** TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/TemplariosDaPatria/photos/a.201069717390959/1050792672418655/>. Acesso em: 27, out. 2022.

²⁷ NASCIMENTO, Myllena; BRAGA, Amanda, op.cit., p. 358.

Em tal circunstância, é tarefa do homem ser o responsável pela proteção desse núcleo familiar, pois se algo vir a comprometê-lo, a responsabilidade direta é pertencente a ele. A necessidade de resposta a essa “urgência histórica” coloca os homens em obrigação de reagir, se colocarem como heróis dessa batalha inexistente. Para isso, se apoiam em uma autoafirmação exacerbada de sua identidade masculina. Nesse contexto:

Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas.²⁸

No processo de autoafirmação de sua identidade, tais homens passam a performar brutalmente características que compreendem como o homem devem agir, agindo exacerbadamente com discursos que propõem violência, reforçam uma virilidade e uma força (física e mental) da qual são esperadas de homem. Além destas questões, uma parcela da homofobia destes grupos parte individualmente do medo de homens héteros cisgênero²⁹ de serem entendidos como integrantes do grupo LGBTQIA+ por outros homens héteros cisgênero, ainda que não sintam quaisquer atrações pelo gênero masculino. No processo de constante afirmação de sua heterossexualidade, a resposta encontrada para “solucionar” esse “problema” é a homofobia pungente:

Nesse sentido, homofobia, o medo de ser percebido como gay, como não sendo um homem de verdade, mantém homens exagerando todas as regras tradicionais de masculinidade, incluindo sexo predatório com as mulheres. A homofobia e o sexismo andam de mãos dadas.³⁰

No que se refere à relação com o feminino, a analogia se repete: o homem está ali para proteger toda a sociedade (no geral) e a família (no eixo tradicional tripartite marido-esposa-filhos), logo quaisquer mulheres que venham a “ameaçar” tal ordem pré-estabelecida, também são vistas enquanto oponentes nesta batalha inexistente.

²⁸ BUTLER, Judith, *op.cit.*, p. 43.

²⁹ Uma pessoa cisgênero é uma pessoa que se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu. Por exemplo, uma pessoa que nasceu com a genitália socialmente lida como masculina e cresceu com as características físicas e adotou padrões sociais ligados ao masculino e se sente confortável com determinadas características. Tal determinação vem a ser o oposto ao de uma pessoa transgênero, ou seja, uma pessoa que não se identifica com as características físicas que nasceu e não adota o rotulo de gênero que socialmente é atribuído desde seu nascimento.

³⁰ KIMMEL, Michael Scott, 2016. *op.cit.*, p. 114.



FIGURA Nº 2³¹

Na imagem acima temos uma pixação com os dizeres “Somos as netas das bruxas que vcs (*sic*) não conseguiram queimar!” e logo após há uma fotografia do Cortejo Templário noturno que acontece na cidade de Tomar em Portugal³² em que homens vestidos de cavaleiros templários saem pela cidade com tochas flamejantes, e os dizeres: “e nós somos os netos dos inquisidores que queimará o resto que sobrou”. A imagem demonstra três visões sobre o período medieval que valem ser ressaltadas.

A primeira da pixação. A frase acima citada se tornou um lema bastante reivindicado por algumas mulheres feministas, numa clara busca de relacionar a inquisição que as bruxas sofreram a perseguição a quaisquer atos que eram vistos como magia, que Henry Loyn aponta: “ao final da Idade Média havia na Europa a crença generalizada em conciliábulos de bruxas

³¹ SANCTOS MEMES TEMPLÁRIOS. Rio de Janeiro, 5 out. 2020. **Facebook**: SANCTOS MEMES TEMPLÁRIOS. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=184135669831156&set=g.1159941797513071>. Acesso em 10 set. 2022.

³² TOMAR – Festa Templária está prevista para 7 a 10 de julho. Câmara ‘analisa’ moldes do evento nesta segunda-feira. **Rádio HERTZ**, 2022. Disponível em: <https://radiohertz.pt/tomar-festa-templaria-esta-prevista-para-7-a-10-de-julho-camara-analisa-moldes-do-evento-nesta-segunda-feira/>. Acesso em 04 out. 2022.

MILICIANO, Isabel. Cortejo Templário hoje à noite em Tomar. **O templário**, 2019. Disponível em: <https://otemplario.pt/local/cortejo-templario-noturno-hoje-a-noite-em-tomar/> Acesso em 04 out. 2022.

canibais adoradoras do Diabo que praticavam o mal por meio de artes mágicas”,³³ enxergando as mulheres chamadas de bruxas naquela sociedade como transgressoras do eixo social. Essa utilização é o que poderíamos nomear de um *neomedievalismo* por grupos feministas da esquerda, pois parte de estereótipos acerca das figuras que sofreram com a inquisição e violência da Igreja Medieval.³⁴

Além disso, a segunda ideia que vale ser ressaltada é a dos “cavaleiros templários” enquanto inquisidores que buscavam a violência em meio às bruxas. Essa ideia parte de um erro bastante comum sobre a figura dos templários, vistos como viris e combativos, em um estereótipo que perpassa em todas as imagens analisadas neste trabalho: a de que o cavaleiro templário foi uma figura honrada e cristã, disposta a quaisquer sacrifícios em busca de uma proteção do ideário cristão medieval. Essa ideia é obtusa, pois parte de estereótipos não fundados do cavaleiro templário.

A terceira visão parte da ideia de inquisição, comumente citada como acontecimento exclusivo do período medieval. A inquisição foi um tribunal formado pela Igreja para condenar e punir pessoas que tinham desvios nas normas de conduta, ou que desviavam do que se era esperado na sociedade. A intensa crescente na perseguição às supostas bruxas, por exemplo, culminariam nos séculos XVI e XVII em grandes caçadas³⁵ e em Portugal o tribunal inquisitório veio a começar apenas em 1540, no reinado de João III, o Piedoso, visando a comunidade de cristãos-novos.³⁶ Contudo, há um enorme tabu em meio ao senso comum de que a Inquisição é um acontecimento estrito da Idade Média, e no conjunto de referências requisitadas na produção da imagem acima retratada vem a reforçar tal ideia, fortalecida pelo nome da página que a posta “Sanctos Memes Templários”.

A utilização da figura dos cavaleiros templários enquanto instrumentos da inquisição, aqui representado pela fotografia do Cotejo Templário que acontece em Portugal, vem a contrapor a ideia que é levantada sobre as bruxas, em um combate – de um lado masculino e promovedor da masculinidade *versus* o feminino, ou *feminista* – pelo (re)estabelecimento das regras sociais. Michael Kimmel destaca que:

A masculinidade é igualada a poder – sobre as mulheres, sobre os outros homens. Em todos os lugares olhamos, vemos a expressão institucional

³³ LOYN, Henry R. (org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 158.

³⁴ Ainda que na contemporaneidade tenham surgido vertentes do feminismo de direita e de extrema direita, apresentamos aqui esse uso como uma utilização do tempo medieval por parte de grupos feministas de esquerda por destacarmos o componente de desafio a uma estrutura social e política, utilizando a ideia das bruxas como agentes que desafiam um arranjo social.

³⁵ LOYN, op.cit., p. 158.

³⁶ LOYN, op.cit., p. 496.

daquele poder – nas legislaturas nacionais e estaduais, na mesa da diretoria de todas as grandes corporações americanas ou firmas de advocacia, e em todas as administrações de escolas e de hospitais. As mulheres [...] compreenderam isso, e as mulheres feministas têm gasto as três últimas décadas passadas desafiando tanto as expressões públicas e privadas dos poderes masculinos e reconhecendo os seus medos de homens. O feminismo é um grupo de teorias que tanto explica o medo das mulheres em relação aos homens e as empodera para confrontá-lo no âmbito público e privado. As mulheres feministas têm teorizado que a masculinidade é sobre a pulsão por dominação, a pulsão por poder, e por conquista.³⁷

A pulsão por poder e conquista é uma forte presença nas fontes que analisamos. Nelas, a masculinidades partem como um impulso de autoproteção em meio a uma ameaça sentida, e nessa possibilidade de perda de poder, há necessidade de buscar reaver essa potencialidade. Nesse sentido, os grupos passam a enxergar na ideia que possuem sobre a Idade Média um tempo iluminado, cuja tradição precisa ser reavivada. Como também aponta Kimmel, em momentos de mudança social, há uma nova definição acerca das masculinidades e como elas devem se mostrar para a sociedade:

Nossas definições de masculinidade estão em constante mudança, sendo materializados no terreno político e social em que as relações entre mulheres e homens acontecem. De fato, a busca por uma definição atemporal e transcendente de masculinidade é em si um fenômeno sociológico – tendemos a buscar o atemporal e o eterno em momentos de crise, esses pontos de transição quando velhas definições não funcionam mais e novas definições ainda estão para serem estabelecidas com firmeza.³⁸

Para demonstrar essa busca pelo atemporal em tempos de “crise”, citamos novamente a legenda de comemoração de três anos da página Templários da Pátria – RJ e o que ela pode nos dizer:

³⁷ KIMMEL, op.cit., p. 118. (grifo nosso)

³⁸ KIMMEL, op.cit., p. 99. (grifo nosso)

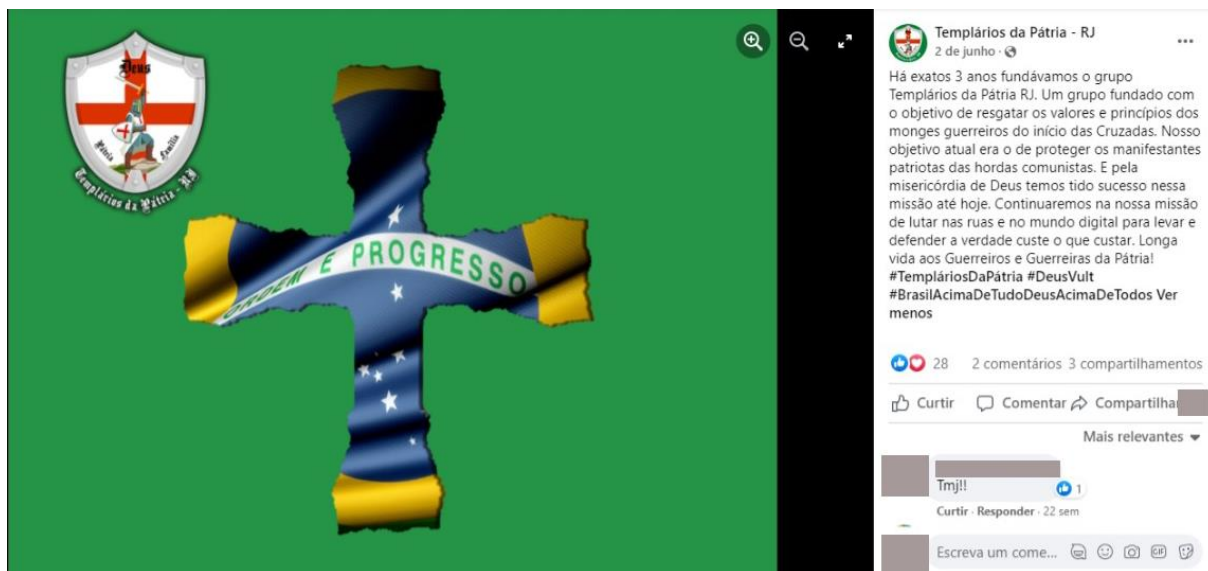


FIGURA Nº 3³⁹

Na imagem de uma cruz ilustrada com a bandeira do Brasil, há o seguinte texto, transcrito abaixo:

Há exatos 3 anos fundávamos o grupo Templários da Pátria RJ. Um grupo fundado com o objetivo de resgatar os valores e princípios dos monges guerreiros do início das Cruzadas. Nosso objetivo atual era o de proteger os manifestantes patriotas das hordas comunistas. E pela misericórdia de Deus temos tido sucesso nessa missão até hoje. Continuaremos na nossa missão de lutar nas ruas e no mundo digital para levar e defender a verdade custe o que custar. Longa vida aos Guerreiros e Guerreiras da Pátria!

#TempláriosdaPátria #DeusVult #BrasilAcimaDeTudoDeusAcimaDeTodos⁴⁰

Na comemoração de três anos de fundação da página, os autores destacam que o objetivo da fundação da página era “resgatar os valores e princípios dos monges guerreiros do início das Cruzadas”, evidenciando que a busca pelo período medieval se dá por meio de uma versão do passado cujos personagens históricos tecem uma imaculada luta contra seus adversários durante as Cruzadas. No primeiro capítulo ressaltamos como essa versão cristalina do passado medieval é constantemente reutilizada para a construção do senso comum sobre o acontecimento das Cruzadas, e, no caso desses grupos brasileiros, a utilização se dá por um viés bastante semelhante. A ligação direta da visão desses grupos no concerne à Idade Média é diretamente

³⁹ TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Há exatos 3 anos fundávamos o grupo Templários da Pátria RJ [...]. Rio de Janeiro, 2 jun. 2021. **Facebook:** TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/TemplariosDaPatria/photos/a.201069717390959/975783789919544/> Acesso em: 27, out. 2022.

⁴⁰ Grifos nossos.

ligada à religião e o papel do qual a religiosidade vem tomado na vida desses grupos. Para isso, separamos um tópico para falar sobre religiosidade e cristianismo no Brasil.

2.2.2. Religiosidades no Brasil: Conservadorismo e pautas cristãs

Com a colonização portuguesa no território brasileiro, o Catolicismo veio a se tornar uma das principais religiões brasileiras. Em questões numéricas, desde o primeiro recenseamento no Brasil datado de 1872 até a década de 1970, o perfil religioso da população brasileira manteve-se filiado à religião católica apostólica romana, algo diretamente ligado com o processo histórico colonizatório no país e também do atributo estabelecido de religião oficial do Estado até a Constituição da República de 1891.⁴¹ As outras religiões praticadas pela população ocupavam grupos menores nas pesquisas. Tal panorama permaneceu por quase um século, com apenas leves mudanças. Segundo o IBGE:

Em aproximadamente um século, a proporção de católicos na população variou 7,9 pontos percentuais, reduzindo de 99,7%, em 1872, para 91,8% em 1970. No Censo Demográfico deste último ano, os evangélicos no seu conjunto somavam 5,2% e as demais religiões 2,3% do total. No recenseamento seguinte, ocorrido em 1980, teve sequência a redução de pessoas que se declararam católicas apostólicas romanas, sendo ainda elevado o percentual de adeptos dessa religião observado à época, que foi de 89,0% da população total. No Censo Demográfico 1991, foram registradas mudanças expressivas na composição religiosa da população brasileira, notadamente, o crescimento do segmento populacional que se declarou evangélico, o qual passou de 6,6% para 9,0% do total da população no período de 1980 a 1991, com destaque para os evangélicos pentecostais que cresceram de 3,2% para 6,0%. Neste interregno, o segmento católico, embora majoritário, deu continuidade à tendência de declínio, perfazendo 83,0% dos residentes.⁴²

⁴¹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2012. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em 10, set. 2022, p. 89.

⁴² Ibid, p.89.

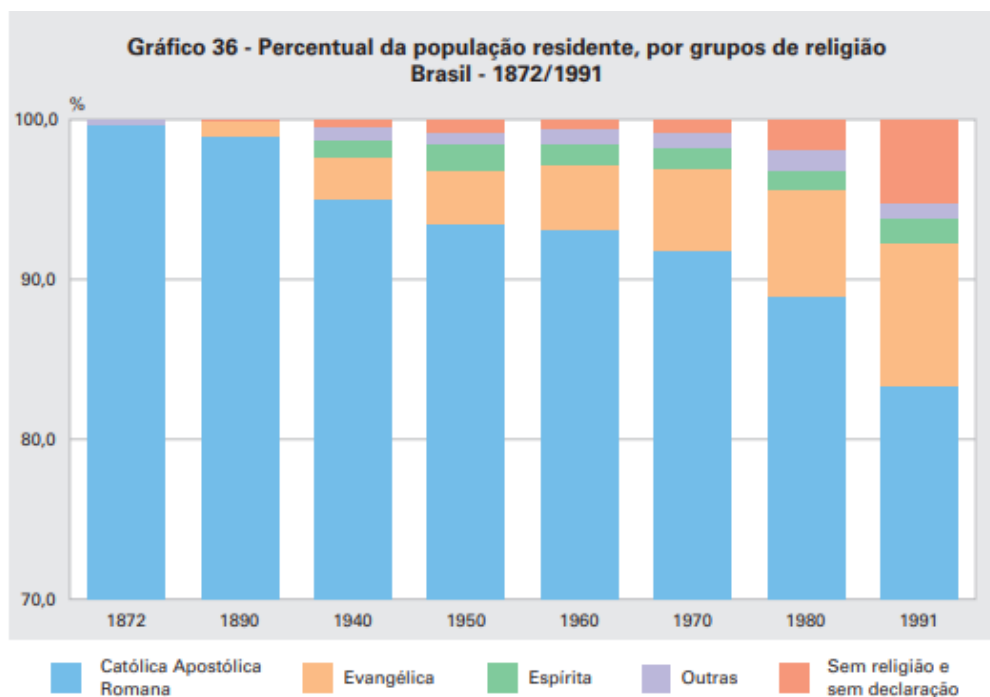


GRÁFICO Nº1⁴³

De 1991 para o Censo Demográfico de 2000, houve ainda uma diminuição no percentual de pessoas da religião católica romana, simultaneamente ao aumento do total de pessoas que se declaravam como evangélicas. Já os resultados do Censo Demográfico de 2010:

[...] mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil, revelando uma maior pluralidade nas áreas mais urbanizadas e populosas do País. A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária. Em paralelo, consolidou-se o crescimento da parcela da população que se declarou evangélica. Os dados censitários indicam também o aumento do total de pessoas que professam a religião espírita, dos que se declararam sem religião, ainda que em ritmo inferior ao da década anterior e do conjunto pertencente a outras religiosidades. O Gráfico 37 mostra as características acima descritas, considerando a comparação com o ano de 2000.

⁴³ Ibid, p. 90.

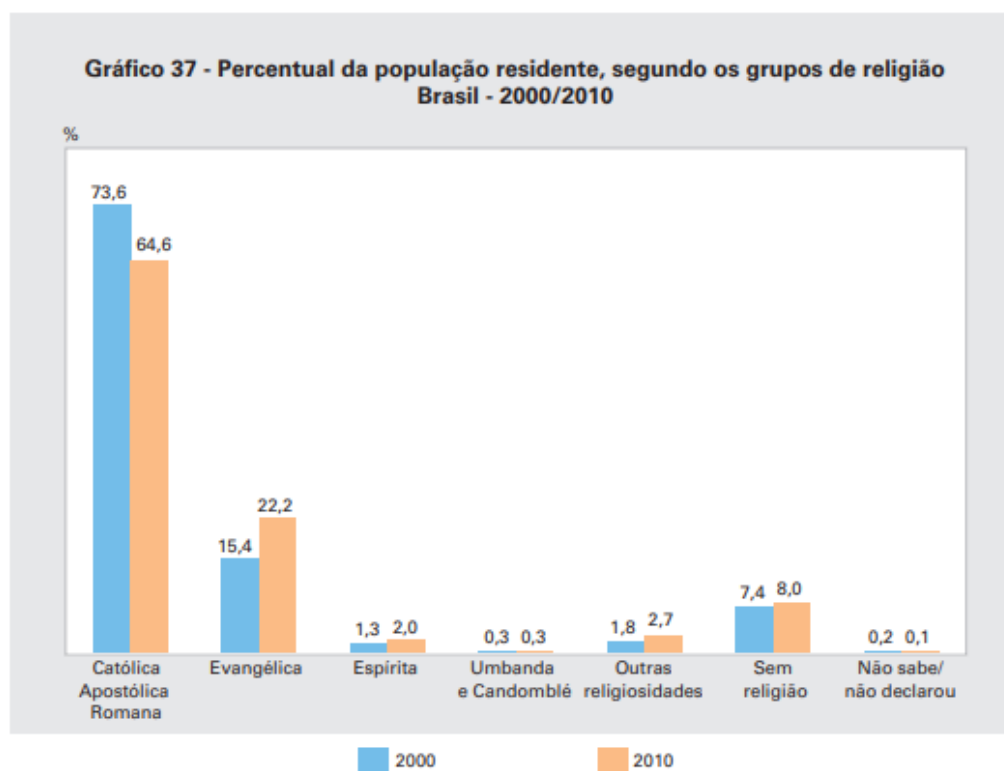


GRÁFICO Nº2⁴⁴

Esses dados obtidos pelo IBGE são os mais recentes em termos de pesquisa sobre a população brasileira em todo o território nacional.⁴⁵ Ainda que esses dados não traduzam perfeitamente o perfil religioso da população brasileira, ele nos dá algumas pistas acerca da mudança no cenário nacional, com o crescimento das várias vertentes da Igreja Evangélica, assim como o crescimento de pessoas autointituladas sem religião.

No contexto da ascensão das Igrejas Evangélicas, um traço interessante a ser compreendido é que dentre o perfil de novos evangélicos há a ascensão e popularização de uma corrente mais tradicional de vivência religiosa, da mesma forma como no campo católico há uma parcela conservadora tradicionalmente presente.⁴⁶ Desta forma, por parte significativa dos dois grupos, há uma busca maior por um Estado autoritário que corresponda com o que se é vivenciado por dentro das Igrejas e reflita os objetivos conservadores pregados nesse cotidiano religioso.

⁴⁴ Ibid, p. 91.

⁴⁵ Em razão do quadro de emergência de saúde pública causado pelo COVID-19, o IBGE decidiu adiar a realização do Censo Demográfico que aconteceria em 2020 para 2021. Já no ano de 2021, o Censo foi suspenso por falta de recursos, sendo iniciado em 2022.

⁴⁶ Para melhor esclarecimento da discussão da chamada “onda conservadora” destacamos o artigo: Almeida, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. **Cadernos Pagu**, vol. 50, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Cr9ShrVJbCWsDHMrxTDm3wb/abstract/?lang=pt> . Acesso 20 nov. 2022.

Sendo assim, esses grupos conservadores religiosos também buscam defender a figura Estado autoritário que corresponde com a versão do cristianismo que mais se identificam. O autor Wilhelm Reich, ao buscar compreender a psicologia de massas do fascismo, bem como os suportes que família autoritária e a Igreja geram para a ascensão da ideologia, estabelece que: “É por isso que o Estado autoritário tem o maior interesse na família autoritária; *ela transformou-se numa fábrica onde as estruturas e ideologias do Estado são moldadas.*”⁴⁷

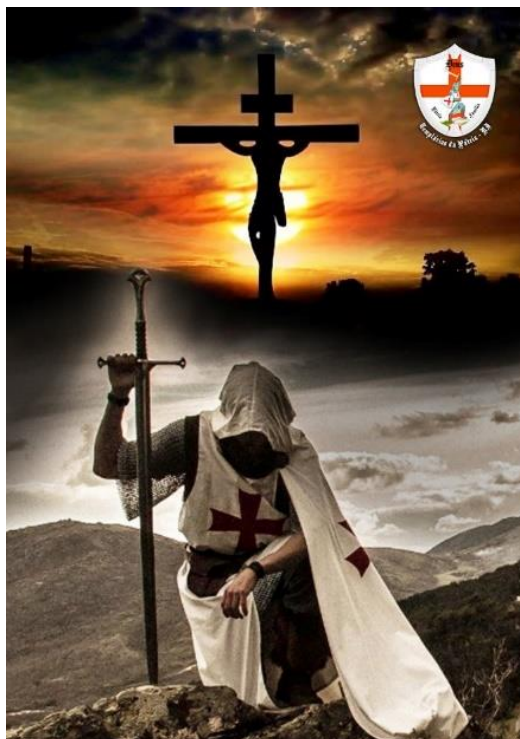


FIGURA Nº4⁴⁸

Na imagem acima, há uma imagem de Jesus Cristo crucificado e abaixo um cavaleiro templário de joelhos. A imagem representa novamente o tipo de visão que se há para esses grupos dos templários: homens que largavam suas vidas para lutar pela defesa do Cristianismo. Na figura, um cavaleiro templário em sua grande força se ajoelha pela grandiosidade de Jesus. Esse tipo de concepção imagética une completamente o papel da Igreja enquanto poder religioso quanto político durante o período medieval, porém como Le Goff aponta:

A Igreja desempenhou aí um papel central, fundamental. Mas é preciso ver que o Cristianismo aí funcionou em dois níveis: como ideologia dominante,

⁴⁷ REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Tradução Maria da Graça M. Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 3ª edição, 2001, p. 28, grifos do autor.

⁴⁸ TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. **Hoje se comemora o dia do amigo [...]**. Rio de Janeiro, 20 jul. 2021. Facebook: TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Disponível: <https://www.facebook.com/TemplariosDaPatria/photos/1006619863502603/>. Acesso em 04 nov. 2022.

apoiada num poder temporal considerável, e como religião propriamente dita. Negligenciar um destes papéis levaria à incompreensão e ao erro.⁴⁹

Entender que a Igreja Medieval ainda que operasse nos dois eixos – político e religioso – ainda assim exercia poderes diferentes é importante, pois é bastante problemático que tais grupos almejam uma união da religião a um Estado autoritário aspirando-se em um panorama errôneo do modelo medieval. Para estes grupos, a religião está fortemente ligada ao ideal de moral e virtude a serem seguidos, logo, de algo que é vital por toda a sociedade.



FIGURA Nº 5⁵⁰

Por isso, entendem que nessa batalha contra o que consideram inapropriado para o modelo de sociedade que buscam defender (como na imagem acima apontam que são as bandeiras do Feminismo, do Politicamente Correto e do Comunismo), do lado a qual pertencem

⁴⁹ LE GOFF, J. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 14.

⁵⁰ TEMPLÁRIOS DA NOVA ERA. 8 mar. 2021. Facebook: TEMPLÁRIOS DA NOVA ERA. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1910365902445550&set=g.1159941797513071>. Acesso em 17 set. 2022.

da batalha estão carregando consigo os ideais morais do Cristianismo. Esta força funciona como uma pulsão da revolta, assim como a busca de defender a pátria brasileira. Para abrangermos um pouco mais sobre o que entendemos como o fortalecimento do nacionalismo simultâneo a essa faceta do Cristianismo conservador, discutiremos no próximo tópico sobre o assunto do pulsar nacionalista.

2.3. Nacionalismo: pulsão de revolta

O nacionalismo, isto é, a exaltação dos valores nacionais, é bastante presente no cunho discursivo e imagético dessas páginas e grupos da extrema-direita dos quais tivemos contato. Dessa forma, o uso da Idade Média também surge como uma possibilidade de provocar a virilidade desses homens para a vontade de defender sua nação. Em meio a separação de Nação e Estado historicamente, a nação enquanto conceito desponta como um elemento a ser defendido:

A nação funciona, assim, para o Estado, como elemento de legitimação. O Estado é soberano porque representa a nação, detentora última da soberania. A nação legitima o poder e a soberania se legitima na nação. Além de instância legitimadora do poder, a nação é o sujeito coletivo de soberania. Não obstante, como foi visto, para muitos, a nação representa um conceito político-cultural que não se confunde com o Estado.⁵¹

Dessa forma, a defesa da nação passa a ser uma ideia presente e internamente ligada ao a noção de defesa da identidade. Nesse processo, se defende a nação, pois se precisa defender a identidade de tais grupos. Luís Fernando de Carvalho destaca a ligação do nacionalismo com a identidade:

Além de ajudar a definir a identidade, a nacionalidade representa o vínculo com um Estado a partir do qual derivam os direitos do indivíduo. A identidade definirá quem pertence à comunidade e quem é “o outro”. Logicamente, o indivíduo só pode se distinguir como membro da comunidade “x” porque há pessoas que não pertencem a tal comunidade.⁵²

Assim, inúmeras imagens que tivemos contato em que a figura do cavaleiro medieval desponta como o componente necessário para a defesa da pátria brasileira. Refletidos nas

⁵¹ CARVALHO, Luís Fernando de. O recrudescimento do nacionalismo catalão: Estudo de caso sobre o lugar da nação no século XXI, Brasília: FUNAG, 2015. Disponível em: https://funag.gov.br/loja/download/1139-O_Recrudescimento_do_Nacionalismo_Catalao_13_01_2016.pdf. Acesso em 10 nov. 2022, p. 34.

⁵² Ibid, p. 31.

“semelhanças” desses cavaleiros, os homens do presente buscam defender a noção da tomada de poder dos que são enxergados como “o outro”.



FIGURA Nº 6⁵³

Tal reintegração de um nacionalismo exacerbado parte de um processo de retomada de discursos autoritários e violentos frente a avanço de pautas progressistas, e, assim como o na aderência de pautas mais conservadoras do Cristianismo, há a necessidade da criação (ainda que imaginária e meramente discursiva) de um inimigo declarado da nação, daquele o qual os homens que acreditam na existência desse embate precisam lutar contra. Em tal caso, surge o fortalecimento social de um inimigo histórico da pátria a qual acreditam que precisam combater: o Comunismo.

2.4. A overdose de anticomunismo

A propagação de um exagerado anticomunismo é uma presença confirmada nas imagens que temos contato. Isso porque nesse processo de criação de um inimigo, o anticomunismo surge como um adversário que historicamente já foi deturpado para ser representado como um dano para a sociedade. Na visão do senso comum sobre o comunismo há vários revisionismos históricos que possuem forte adesão na população conservadora, e, a partir desse imaginário negativo, a opinião sobre a ideologia é facilmente manipulada.

⁵³ TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Essa é a pergunta que cada trabalhador com vergonha na cara, cada cidadão que diz amar nossa Pátria, precisa se fazer [...]. Rio de Janeiro, 19 fev. 2021. **Facebook:** TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/TemplariosDaPatria/photos/911115236386400/>. Acesso em: 27, out. 2022.

Ainda que sejam movimentos históricos e ideológicos completamente diferentes e com motivações extremamente contrárias, é importante ressaltar que, tamanho o revisionismo histórico, para esses grupos é retratado que o nazismo e o comunismo são ideologias iguais. O revisionismo histórico de que o nazismo/fascismo é de esquerda é perpetuado pela extrema direita mundial, e no caso brasileiro é algo que é bastante apontado pelos posicionamentos das páginas. Há vários casos de repulsas a ícones autointitulados fascistas, ainda que várias ideias fascistas e de pureza da sociedade estejam presentes nas fontes imagéticas.



FIGURA Nº 754

Na frase presente na imagem acima, os “vermelhos” são mostrados como inimigos diretos, combatentes que geram ataques e danos para a nação brasileira. E, por causa desse acontecimento, há a necessidade de reação. É nessa sensação de contra-ataque dos templários que esses grupos estão agindo em prol da pátria.

Tudo isso dialoga com os dizeres do lema de histórico integralista e fascista utilizado no governo Bolsonaro: Deus, Pátria e Família.⁵⁵ Reich salienta que:

⁵⁴ **LUX BRASIL**. [S. I.] [2018?]. Disponível em: www.luxbrasil.org.br. Acesso em 20 out. 2020.

⁵⁵ Apesar de desde 2018 o político já utilizar esse lema, em meio aos debates presidenciais de 2022, Bolsonaro voltou a reafirmá-lo. DIAS, Gabriel. 'Deus, Pátria, Família': de onde veio o lema fascista usado por Bolsonaro?. **Notícias Uol**. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/29/deus-patria-familia-lema-de-bolsonaro-tem-origem-fascista-entenda.htm?utm_source=twitter&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral. Acesso em 17 nov. 2022.

[...] objetivo da moralidade é a criação do indivíduo submisso que se adapta à ordem autoritária, apesar do sofrimento e da humilhação. Assim, a família é o Estado autoritário em miniatura, ao qual a criança deve aprender a se adaptar, como uma preparação para o ajustamento geral que será exigido dela mais tarde.⁵⁶

Em tais eixos (Religiosidade, Proteção da Família e Defesa da Pátria) as concepções de Estado Autoritário, muito dialogam com a ascensão do exacerbado nacionalismo no Brasil. Para isso, vale a pena discutir um pouco sobre a figura de Jair Messias Bolsonaro.

2.5. Extrema-direita e Bolsonarismo: Bolsonaro como a figura mítica no campo do social e do imaginário das fontes imagéticas

Todos esses tópicos listados acima culminam na figura do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). Bolsonaro exerce a movimentação desses grupos como uma figura central representante dessa masculinidade hegemônica que é cultivada. Essa masculinidade exercida por Bolsonaro surge como uma resposta à sensação de perda que tais grupos possuem e que necessita de um contra-ataque. Nesse sentido, a figura do político é vista como o “herói” que apresenta em si todas as características almejadas: ele é carismático para esse grupo, propõe a defesa dos ideais da família, é anticomunista, torna vilão quem se opõe aos seus ideais, é preconceituoso e enxerga que o mundo deve ser monocromático.

Assim sendo, Bolsonaro enquanto presidente em exercício viria como o exemplo perfeito de como se prevê a aspiração da masculinidade hegemônica: “um homem no poder (in power), um homem com poder (with power), e um homem de poder (of power)”.⁵⁷ Do tempo inicial de sua campanha até sua perda nas eleições de 2022, Bolsonaro conseguia manter o equilíbrio entre ser visto como um homem com poder e no poder e ainda ser retratado ainda como um *outsider*, um indivíduo que não pertence ao grupo dominante da política (mesmo tivesse sido deputado federal do Rio de Janeiro na década de 1990 e tivesse obtido o poder da presidência após 2018). E assim ele é uma figura extremamente presente nas peças de propaganda.

⁵⁶ REICH, op.cit. p. 28.

⁵⁷ KIMMEL, 2016, op. cit., p. 105.



FIGURA Nº 8: Compilação minha⁵⁸

No compilado de imagens acima a imagem de Bolsonaro é central na peça. Seja como na primeira imagem em que o político é comparado a figura de Connor MacLeod no filme Highlander (1986),⁵⁹ ou na segunda imagem em que ele aparece com seu rosto colado em uma das imagens do filme Sangue e Honra (2011)⁶⁰ a figura do político de extrema direita é

⁵⁸ Na parte superior as imagens foram encontradas, em ordem que foram numeradas:

Imagem número 1: Link: TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Só pode haver um! [...]. Rio de Janeiro, 13 mar. 2020. **Facebook:** TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA – RJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/TemplariosDaPatria/photos/a.201069717390959/663395871158339/>. Acesso em 2 set. 2022.

Imagem número 2: DEKU PISTOLA. Bolsonaro nosso guerreiro 🙌🙌🙌. 2 mai. 2020. **Twitter:** @naomi_kenji. https://twitter.com/naomi_kenji/status/1256714033073475584. Acesso em 10 jun. 2022.

Imagem número 3: CAVALEIROS TEMPLÁRIOS DA OPRESSÃO. Rio de Janeiro, 10 set. 2022. **Facebook:** CAVALEIROS TEMPLÁRIOS DA OPRESSÃO. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=656611006030006&set=pb.100050433372132.-2207520000.&type=3>. Acesso em: 2 set. 2022.

Imagem número 4: A imagem número 2: CAVALEIROS TEMPLÁRIOS DA OPRESSÃO. Rio de Janeiro, 5 jun. 2017. **Facebook:** CAVALEIROS TEMPLÁRIOS DA OPRESSÃO. Disponível em: <https://www.facebook.com/CavaleirosTemplariosdaOpressao/photos/pb.100050433372132.-2207520000./457142367986746/?type=3>. Acesso em: 27, out. 2022.

⁵⁹ O filme Highlander: O guerreiro imortal (como foi lançado no Brasil) conta a história do escocês Connor MacLeod, nascido em 1518 e que, sendo imortal, embarca em uma jornada contra o surgimento de um inimigo, também imortal que possui o poder de o matar. Apesar do filme não se passar no que tradicionalmente consideramos Idade Média, a construção de seu cenário traz aspectos que são reconhecidos pelo senso comum como medievais.

⁶⁰ O filme de 2011, dirigido por Jonathan English, narra a história de um grupo de cavaleiros que se revolta contra as injustiças de seu rei, e em troca batalham pela conquista do Castelo de Rochester.

apresentada como esse cavaleiro medieval em combate. Nas figuras 3 e 4 sua face também está colada em desenhos digitais de cavaleiros templários, com os famosos óculos pixelados⁶¹ utilizados nas sátiras. Na imagem 4 ao redor de Bolsonaro há vários símbolos sinalizados como proibidos: o do comunismo, do feminismo, o do PT – Partido dos Trabalhadores e o do nazismo.

Tais imagens ajudam a ilustrar o posicionamento político e visual que a extrema-direita estrategicamente busca articular no entorno de Bolsonaro. Nestes cenários o político desponta como alguém rodeado de sátiras e ícones que são projetados para serem facilmente compartilhados por quem partilham os mesmos posicionamentos, delimitando aspectos centrais presentes em seus discursos políticos. Como alertam:

Nesse cenário, a direita alternativa faz valer uma estratégia política que dissemina ideais políticos/sociais pela web, no interior da qual o uso de memes se tornam uma tendência mundial pelo impacto político de que se mostram capazes. No limite, diríamos que as mídias participativas como os memes são a chave para se engajar com a democracia e a cidadania contemporâneas, conforme argumentam Lamerichs et al (2018).⁶²

Assim como o citado no primeiro capítulo do ex-presidente Donald Trump, políticos reacionários contemporâneos como o Trump e o Bolsonaro entenderam a importância das redes sociais para conquistar um público cativo e fiel. É por meio das mídias digitais que eles possuem o maior contato com seus apoiadores e por lá é mais simples de orquestrar e ditar discussões que só funcionam nas redes sociais. Em Bolsonaro, muitas pessoas enxergam um compromisso religioso e moral com sua atividade política que elas concordam e defendem. Isso acontece porque em meio a pautas progressivas atuais há uma crise da identidade de tais grupos, que passam a se sentir desencantados com o que os rondam.

E é dessa maneira que as sensações de mudanças sociais e as ascensões de movimentos políticos que apontam o privilégio de grupos da sociedade geram um sentimento de perda do controle da sociedade e, por isso, a necessidade de uma defesa. Para isso, há uma retomada de uma militarização desses homens e o forte fantasiar com o poder, ainda que eles não tenham o perdido de fato, só se sentem injustiçados por não possuírem o poder de forma incontestável em meio a sociedade que o cerca. Por fim, como aponta Kimmel:

Os sentimentos dos homens não são sentimentos de um poderoso, mas daquele que veem a si próprios como impotentes e sem poder. Esses são os sentimentos que vêm inevitavelmente da descontinuidade entre o social e o psicológico, entre a análise agregada que revela que os homens estão em poder como um grupo e o fato psicológico de que eles não se sentem poderosos enquanto

⁶¹ Os óculos pixelados são utilizados em imagens e vídeos satíricos para representar que esta pessoa acaba de fazer um feito digno de louvação.

⁶² NASCIMENTO, M.; BRAGA, A., op. cit., p. 353.

indivíduos. São os sentimentos de homens que foram criados para acreditar em si habilitados a sentir aquele poder, mas não o sentem. Não assusta saber que muitos homens são frustrados e raivosos.⁶³

O que foi trabalhado neste capítulo são alguns aspectos dos contextos de utilização do período medieval para as páginas e grupos de extrema-direita analisados. Tais aspectos muito nos dizem sobre a visão existente acerca do medievo e de qual forma a utilização desse imaginário da Idade Média opera na contemporaneidade. Os casos muito nos dizem no quanto a tentativa de reaver no medievo uma resposta para as mudanças sociais que acontecem no século XXI. Por isso, focamos neste capítulo em eixos repetidos em várias das fontes trabalhadas, como de qual forma se dá a criação de um inimigo e a fomentação do preconceito com o que se é considerado como distinto.

No terceiro capítulo desta dissertação buscaremos nos aprofundar na existência e criação de empresas que buscam fomentar a produção, “pesquisa” e divulgação de falácias historiográficas a respeito do tempo medieval e da história do Brasil, com um propósito definido: propaganda eleitoral e política.

⁶³ KIMMEL, 2016, op. cit., 119.

CAPÍTULO III

O CONTRA-ATAQUE DOS HOMENS MEDIEVAIS BRASILEIROS

*VOCÊ ESTÁ PRESTES A CONHECER UMA HISTÓRIA DE
SACRIFÍCIO, VIRTUDE E CORAGEM QUE POR MUITO
TEMPO NOS FOI NEGADA.¹*

O trecho escolhido para iniciarmos nosso terceiro capítulo é retirado de um vídeo chamado “Brasil: A última Cruzada”. Nesta produção audiovisual, há a proposição de ser apresentado os passos que foram responsáveis pela “gestação” da nação brasileira. Nosso objetivo nesse capítulo é discutir algumas narrativas que foram criadas recentemente no mercado audiovisual nacional que versam sobre a história brasileira, mas que partem de uma narrativa sobre o tempo medieval para isso.

Compreendemos que, ao reconhecermos esses produtos audiovisuais como expressões de ideais políticos e ao analisarmos sua construção e representação histórica, podemos discernir a finalidade do uso da história nacional como ferramenta de propagação política. Percebemos que essas narrativas muito revelam sobre a ascensão do neoliberalismo no contexto brasileiro. No entanto, para discutirmos suas formas de aplicação, é necessário abordarmos previamente o termo *neoliberalismo*. O termo não possui uma única definição estabelecida, porém há uma série de estudiosos que debatem sobre as características do conceito. A pesquisadora Camila Rocha apresenta que o:

Neoliberalismo é compreendido aqui como um conjunto de ideias e práticas sociais, políticas e econômicas, inspiradas nas obras dos mais destacados membros da Sociedade de Mont Pelerin [...], que promovem a defesa do direito de propriedade, da livre atuação do mercado e do Estado mínimo. Os defensores do neoliberalismo, os neoliberais ou liberais, a despeito de suas possíveis diferenças, unificam-se em torno de uma ideologia que compreende que a liberdade humana está intimamente relacionada às ações racionais e autointeressadas dos indivíduos em um mercado competitivo, e procuram combater de forma sistemática ideologias e práticas consideradas como “coletivistas”, o que inclui praticamente toda e qualquer forma de socialismo,

¹ Frase retirada de um trecho do vídeo: BRASIL: a Última Cruzada. Produtora: Brasil Paralelo. **YouTube**, 20 set. 2017-09 abr. 2018. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXyQeAaMSn62T86Zzq336k8rF>. Acesso em: 16 dez. 2021.

para tanto articulam-se em um “movimento político transatlântico” que compreende uma vasta rede de intelectuais, ativistas e think tanks.²

Juntamente a essa discussão, a professora estadunidense de ciência política Wendy Brown apresenta que:

O termo “neoliberalismo” foi cunhado no Colóquio Walter Lippmann em 1938, uma reunião que lançou as bases político-intelectuais daquilo que uma década depois se tornaria a Sociedade Mont Pèlerin. O neoliberalismo é mais comumente associado a um conjunto de políticas que privatizam a propriedade e os serviços públicos, reduzem radicalmente o Estado Social, amordaçam o trabalho, desregulam o capital e produzem um clima de impostos e tarifas amigável para investidores estrangeiros. Tais eram precisamente as políticas impostas ao Chile por Augusto Pinochet e seus assessores, os “Chicago Boys”, em 1973 e logo depois levadas para outras partes do Sul global [...]. O que começou no Hemisfério Sul logo fluiu para o Norte, mesmo que com poderes executivos bem diferentes. Por volta do final dos anos 1970, explorando uma lucratividade e estagflação, os programas neoliberais foram implementados por Margaret Thatcher e Ronald Reagan, novamente focados na desregulação do capital, no combate ao trabalho organizado, na privatização de bens e serviços públicos, na redução da tributação progressiva e no encolhimento do Estado social. [...]³

A autora também acrescenta as contribuições do historiador Quinn Slobodian a essa definição:

A análise de Slobodian também ressalta até que ponto a revolução neoliberal foi projetada para anular as expectativas da classe trabalhadora, tanto no mundo desenvolvido quanto nas regiões pós-coloniais em desenvolvimento, ao produzir um nivelamento por baixo global dos salários e das condições de trabalho. Em outras palavras, liberar o capital para caçar mão de obra barata, recursos e paraísos fiscais em todo o mundo inevitavelmente gerou padrões de vida mais baixos para as populações da classe trabalhadora e da classe média no Norte global, exploração contínua e limitações à soberania, acompanhadas por um desenvolvimento (desigual) no Sul global.⁴

Por ser estadunidense, a autora gesta suas contribuições pensando o resultado das políticas neoliberais no solo do Norte global, apresentando o Sul global apenas como comparativo. No entanto, partindo das reflexões apresentadas, podemos perceber de que modo a ascensão do neoliberalismo no Brasil está diretamente ligada à criação e atuação das *think tanks* e de um empobrecimento (em termos de condições de trabalho e de vida) da classe

² ROCHA, Camila. O papel dos think tanks pró-mercado na difusão do neoliberalismo no Brasil. **MILLCAYAC – Revista Digital de Ciências Sociais**, vol. IV, n. 7, 2017, ISSN: 2362-616x. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6128657>. Acesso em: 15 mai. 2023, p. 96.

³ BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. 1. ed. Campinas, SP: Editora Filosófica Politeia, 2019, p. 25-26, (grifo nosso).

⁴ Ibid., p. 30.

trabalhadora, bem como um declínio da democratização do trabalho, ou seja, um forte ataque às potencialidades do acesso ao trabalho para a população trabalhadora.⁵

Nesse sentido, a implementação de uma tática neoliberalista se deu por meio de um forte trabalho de divulgação de ideais neoliberais, partindo desde a tradução de literaturas que não haviam na língua portuguesa e divulgavam as concepções liberais e a criação de “clubes de literatura liberal⁶” com objetivo de popularizar conteúdos pró-mercado, até a criação de *think tanks* voltadas para a difusão de ideias neoliberais.⁷

Think tank significa, em tradução literal, tanque de pensamentos. Os *think tanks* são instituições que desempenham um papel de concepção e disseminação de conhecimentos em variados temas como política, economia, saúde, segurança etc. Segundo Camila Rocha:

Os primeiros think tanks que foram criados pelos norte-americanos durante a primeira metade do século XX eram organizações civis privadas, mantidas com doações de pessoas físicas e/ou jurídicas, que reuniam especialistas e técnicos, normalmente recrutados junto à academia. Seus membros procuravam dedicar-se à pesquisa científica e à divulgação de ideias no campo das políticas públicas da forma mais autônoma e independente possível em relação a grupos de interesse específicos. Este tipo de atuação, consoante com o espírito progressista e “científico” que passou a predominar no início do século XX nos Estados Unidos, seria possível na medida em que estas organizações não sofreriam interferência ou pressão de grupos de interesse específicos, como ocorreria em agências estatais, governos, universidades ou partidos, o que lhes facultaria a possibilidade de conduzir suas atividades-fim de forma mais “neutra”, “científica” e “desinteressada”, e por isso mais “confiável” em comparação a outros loci de pesquisa e produção de ideias e políticas públicas, características que constituiriam os principais atrativos do think tanks junto aos implementadores de políticas públicas.⁸

Segundo a autora acima citada, a ideia de certa “neutralidade” por parte das *think tanks* ainda é bastante utilizada como forma de marketing das atuações das empresas, ainda que na prática muito da atuação das *think tanks* tenha mudado. Com a fundação da Heritage Foundation (1973-), cuja missão é, segundo Camila Rocha, “formular e promover políticas públicas conservadoras baseadas na defesa da livre-empresa, do Estado mínimo, da liberdade individual,

⁵ Para um melhor debate sobre o assunto, indicamos o artigo: CUKIER, Alexis. O neoliberalismo como “desdemocratização” do trabalho. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, Vol. 11, n. 4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/6LggRFfYJXmk4KcM9HKB5PB/?lang=pt&format=html>. Acesso em 17 mai. 2023.

⁶ A discussão sobre a diferença entre liberalismo e neoliberalismo é longa, mas podemos resumir que enquanto o liberalismo defende uma mínima intervenção estatal, o livre mercado e prega abertamente sobre liberdades individuais, o neoliberalismo busca reduzir ainda mais a presença do Estado na sociedade, promovendo privatizações, a entrada de capital estrangeiro e a obtenção de lucros no mercado financeiro. Ambos os posicionamentos políticos defendem a liberdade da economia e um mercado forte que regula a sociedade e exerce uma grande influencia nos países do mundo.

⁷ ROCHA, op.cit., p. 102-114.

⁸ Ibid., p.97.

dos valores tradicionais americanos e da importância de uma forte defesa nacional”,⁹ o formato inaugurado chamado de “think tank ativista” utiliza estratégias agressivas de marketing na defesa de seus interesses e a maior parte dos recursos não são empregados em pesquisas, e sim na produção de materiais de marketing e demais estratégias de comunicação com diferentes grupos políticos, cujo objetivo final de favorecer a opinião pública que sejam condizentes com uma orientação ideológica particular.¹⁰

Já no Brasil, a especialidade das empresas geradas para agir como *think tanks* era a criação de pesquisas sobre a sociedade brasileira que utilizavam como mote a disseminação ideias anticomunistas na sociedade. Um exemplo disso seria o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD).¹¹ Fundado em 1959 e agindo juntamente ao Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), o IBAD tinha como objetivo inicial combater a popularidade de Juscelino Kubitschek (1902-1976) e os possíveis vestígios de influência do comunismo no Brasil. Agindo durante o passar dos anos a buscar influenciar os debates a nível econômico, político e social no país, o IBAD em 1998 foi apontado pelo general reformado Hélio Ibiapina em entrevista¹² como possuidor de ligações com a Agência Central de Inteligência (CIA) estadunidense. Ibiapina na mesma entrevista alegou que tinha sido encarregado pelo general e depois ditador Castelo Branco (na época ainda comandante do Quarto Exército) a manter a relação com o IBAD e conhecer o modo de ação do instituto.¹³

No Brasil, ao final de vinte e um anos de ditadura empresarial-militar (1964-1985), a sociedade brasileira passou por grandes mudanças provocadas pela abertura política e um processo de redemocratização, e de uma profunda crise econômica, expressa por uma dívida externa elevadíssima e um processo de alta inflacionária, bem como todas as mudanças estruturais externas que o capitalismo vinha passando simultaneamente no mundo. Nesse contexto, em 1983, há a criação no país de um instituto chamado Instituto Liberal, empresa criada com o propósito de defender o liberalismo (e suas variadas vertentes). A atuação do Instituto Liberal foi, juntamente ao apoio de diversos empresários, a de traduzir escritos liberais

⁹ Ibid., p. 98.

¹⁰ Ibid., p. 97.

¹¹ DREIFUSS, René Armand. **1964: A Conquista do Estado: Ação Política, Poder e Golpe de Classe**. Petrópolis: Vozes, 1981.

¹² Hélio Ibiapina Lima foi um general de Brigada que presidiu o Inquérito Policial Militar (IPM) instaurado em abril de 1964 para “apurar ações subversivas na área do IV Exército”, em Recife, cuja jurisdição abarcava a região Nordeste. Para mais informações indicamos: HÉLIO Ibiapina Lima. **Memorial da Resistência de São Paulo**. Disponível em: <http://memorialdarestenciassp.org.br/pessoas/helio-ibiapina-lima/>. Acesso em 17 mai. 2023.

¹³ UM AGENTE da CIA: General diz que teve contato com informante da agência. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 23 ago. 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs23089810.htm>. Acesso em 17 mai. 2023.

para a língua portuguesa e, por meio da criação de institutos estaduais, seguir uma lógica de propaganda especializada para cada estado.¹⁴

Tais atuações geraram muitos frutos para o fortalecimento da mentalidade neoliberal no Brasil. Na virada do século XX para o XXI várias empresas continuaram agindo a manter os ideais políticos neoliberais e, partindo para mais recentemente, discutiremos a produção de uma empresa criadas com a intenção de agir como *think tanks*: a Lux Brasil e a Brasil Paralelo.¹⁵ As produções das duas empresas se fazem importante em um contexto de popularização de um sistema neoliberalista no Brasil nas últimas décadas e geram curiosidade em seu manejo com o uso do passado medieval em suas criações.

3.1. A organização *subpartidária* Lux Brasil

Em 3 de março de 2020, um vídeo postado na Internet e compartilhado por diversas redes sociais e aplicativos de mensagens por um canal chamado Lux Brasil possuía um homem vestindo uma fantasia de cavaleiro templário convocando as pessoas para uma manifestação de 15 de março de 2020. Agindo contra os “comunistas e traidores da pátria”, em prol de “resgatar nosso Brasil e nossa bandeira” (e a favor do atual presidente Jair Messias Bolsonaro), o “cavaleiro” entoava frases em latim como: *Ordinem et Progress* (Ordem e Progresso) e *Venit ad Lux* (Venha até a Luz). Ao final do vídeo, o homem parte em cima de seu cavalo em volta ao campo onde estava no início do vídeo e é possível ver o logotipo da organização.

¹⁴ MORAES, Thiago Aguiar de. O conceito de think tank e suas possibilidades de aplicação para o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais: um estudo de caso brasileiro (1961-1971). **XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013. Disponível em: <https://cdsa.academica.org/000-010/585.pdf>. Acesso em 17 mai. 2023.

¹⁵ Selecionamos a Brasil Paralelo e a Lux Brasil por suas especificidades no uso da Idade Média. Mas listamos aqui quatro *think tanks* (dentre várias) que atuam contemporaneamente e encontramos durante nossa pesquisa: o Instituto Mises, Instituto Liberal (que ainda se mantém ativo), Instituto Conservador Liberal (ICL) e o Centro de Liberdade Econômica Mackenzie.



FIGURA Nº 1 – Vídeo: “O cavaleiro da Lux convida você!...”¹⁶

A respeito de seu impacto o que se sabe é que mais de 60 mil pessoas¹⁷ viram esse vídeo no Youtube e mesmo que a maioria dos comentários mais populares seja em tom jocoso, é fato que a mensagem foi passada e viralizada pelas redes sociais. A produção dessa peça de comunicação política da Lux Brasil evoca a ideia da virilidade que a imagem do cavaleiro parece possuir no imaginário popular, sendo sua força violenta e política, mas também religiosa. Além disso, todo o discurso presente no vídeo reafirma o patriotismo, proposto a defender o povo brasileiro de inimigos comuns, os traidores da pátria. A todo momento a bandeira brasileira é visualizada, bem como as cores verde, amarelo e azul. Esses elementos reforçam a busca de manter o compromisso e devoção para com a nação.

A Lux Brasil, que se mostra como a criadora do vídeo, é uma organização política direitista subpartidária¹⁸ negacionista que foi apoiadora do governo Bolsonaro e figura presente no cenário político de Santa Catarina.¹⁹ Ela surgiu como uma forma de apoio aos candidatos

¹⁶ Imagem retirada do vídeo postado no YouTube pela Lux Brasil: LUX BRASIL. O cavaleiro da Lux convida você!... **YouTube**, 3 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JTQMu4TzoG4>. Acesso em 21 fev. 2023.

¹⁷ Número de acessos visualizado em 23 de mai. 2023.

¹⁸ O termo “subpartidário” não é uma informação que conseguimos elaborar com precisão. Contudo, de acordo com o uso por parte da Lux Brasil, há uma interpretação que a função subpartidária da organização seria uma forma de agir secundariamente aos partidos políticos, com um papel subordinado. O termo é fortemente usado nas postagens do site da organização.

¹⁹ Informações disponíveis pelo próprio criador da Lux Brasil, o empresário Emilio Dalçoquio: LUX BRASIL. Conheça a LUX BRASIL. **YouTube**, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pE8wDkXIVTw>. Acesso em 23 mai. 2023.

que defendem seus valores, que são: o estado mínimo, ser “pró-vida” (contra o aborto) e conservador dos costumes e tradições, bem como apoiar ideais como o livre mercado e a liberdade individual.²⁰ Atualmente se apresentam em seu site como possuidores do intuito de atuar em prol da divulgação de pensamentos e ações da direita.²¹ Além disso:

A Lux Brasil tem a pretensão de compreender as forças políticas e ideológicas que movem a sociedade, se colocando como uma opção estruturada e organizada para todos que queiram participar de forma mais ativa da vida política, por objetivo descobrir e orientar lideranças em todos os municípios, focados na metodologia do aprimoramento ideológico e na promoção destes para o exercício de cargos eletivos.²²

Com forte anticomunismo, os integrantes da Lux Brasil possuem como missão criar mecanismos que sejam capazes de formar, disciplinar e realizar ações coordenadas entre pessoas unidas pelos mesmos laços ideológicos, segundo eles mesmos defendem em seu site.



FIGURA Nº 2²³

Como na imagem acima, a Lux Brasil age conforme as visões políticas direitistas, conservadoras e anticomunistas da direção. Durante o ano em que foi produzido e divulgado o

²⁰ Entendemos a Lux Brasil como uma think tank, pois, apesar de não explicitamente se apresentar como uma, a organização tem como objetivo a disseminação de concepções políticas e sociais.

²¹ LUX BRASIL, 2020. Disponível em: www.luxbrasil.org.br. Acesso em: 20 mai. 2023.

²² QUEM SOMOS. LUX BRASIL, 2020. Disponível em: <https://luxbrasil.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 21 mai. 2023.

²³ Conheça as Propostas LUX BRASIL. LUX BRASIL, 2020. Disponível em: <https://luxbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/08/12-PROPOSTAS-LUX.pdf>, p. 15. Acesso em 15 mai. 2023.

vídeo do homem vestido de cavaleiro, havia no site da organização um documento com os “interesses” da Lux Brasil. O interessante desse documento é que lá explicitamente há uma série de símbolos que se referem a Idade Média, assim como as ideias políticas anticomunistas:



FIGURA Nº 3²⁴

Além de tais referências políticas, há também algumas representações políticas que se fazem importantes para o debate desse grupo de direita que atuou online. Há muitas referências, por exemplo, ao político Enéas. Enéas Ferreira Carneiro (1938-2007) foi um político brasileiro e considerado um dos maiores ícones do conservadorismo nacionalista brasileiro. Como político, em 1989 ele fundou o extinto Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA) e foi filiado dele até 2006, ano em que houve a fusão do PRONA com o Partido Liberal formando o Partido da República que ele foi filiado até sua morte. O PRONA era um partido com forte caráter ultranacionalista, militarista, chauvinista e ufanista, cuja imagem era fortemente centralizada no entorno da figura do Enéas. A escolha de utilizar a ideia de uma “reedificação” (presente no nome do partido) tem forte caráter de “volta a um passado” existente em grupos conservadores e ultranacionalistas. Além disso, é também uma forte característica de movimentos fascistas e o próprio Enéas foi diversas vezes apontado enquanto

²⁴ Ibidem, p. 64.

um representante fascista. Fato esse que ele chegou a comentar sobre e não negar.²⁵ A figura do Enéas, com a ascensão da extrema direita contemporânea a posições políticas, vem sendo reabilitada e o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro o mencionou em diversos discursos.²⁶ Além disso, durante nossa pesquisa foram encontradas várias referências a figura do Enéas em



nossas fontes.

FIGURA Nº 4 – Compilação minha²⁷

²⁵ F PARANHOS. Dr. Enéas - "A imprensa podre me chamou de nazista e fascista". **YouTube**, 23 out. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VE8IGall_04. Acesso em 15 mai. 2023.

²⁶ Bolsonaro compartilha um vídeo do Enéas sobre o interesse de outras nações nas riquezas nacionais e comentou que o Brasil foi “transformado num anão em suas relações internacionais” durante os últimos 22 anos. BOLSONARO lembra Enéas e cita “guerra de informação” por Amazônia. **Carta Capital**, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-lembra-eneas-e-cita-guerra-de-informacao-por-amazonia>. Acesso em 15 mai. 2023.

Postagem na conta oficial de Jair Messias Bolsonaro em que menciona o Enéas:

JAIR MESSIAS BOLSONARO. DR. Enéas, um dos homens mais inteligentes [...]. **Facebook**, 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/dr-en%C3%89as-um-dos-homens/359935017488824/>. Acesso em 15 mai. 2023.

O filho de Jair Bolsonaro, o Carlos Bolsonaro também já o citou algumas vezes:

EDUARDO BOLSONARO. 16 anos sem Enéas Carneiro [...]. **Twitter**: @BolsonaroSP, 2023. Disponível em: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1656070480762224646>. Acesso em 15 mai. 2023.

²⁷ A imagem da esquerda já foi apresentada anteriormente em nosso trabalho. A citamos aqui apenas para exemplificar a presença do Enéas nas fontes. Imagem disponível em: <https://hmagazine.com.br/narciso-acha-feio-o-que-nao-e-espelho-reflexoes-sobreomasculinismo-na-invasao-ao-capitolio-e-as-suas-ligacoes-com-o-bolsonarismo/>. Acesso em 17 dez. 2021. A imagem da direita está disponível em: <https://luxbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/08/12-PROPOSTAS-LUX.pdf>, p. 64. Acesso em 15 mai. 2023.

De 2020 para 2023, o ano da publicação dessa dissertação, muito mudou no site da Lux Brasil e em outras redes sociais da organização. Acreditamos que com a perda das eleições de Jair Messias Bolsonaro em 2022, a Lux Brasil optou por uma mudança em sua forma de atuação política, agindo de forma mais “discreta” nas redes sociais. No entanto, se faz interessante mencionar esse uso político do passado medieval nas publicações da Lux Brasil no ano de 2020 como uma forma de análise de impacto a longo prazo: como o resultado das publicações nas redes sociais foi um engajamento voltado para a sátira, a organização optou por permanecer a proliferar conteúdos negacionistas e conservadores, mas de forma mais “discreta” agindo em postagens no Facebook. Com a perda nas eleições de 2022 de Bolsonaro, eles diminuíram consideravelmente o fluxo de postagens nas redes sociais, mantendo apenas a conta no Facebook e excluindo redes sociais como o Instagram e o Twitter.²⁸

No contexto da atuação das *think tanks* e o uso do passado medieval, no próximo tópico iremos discutir uma das mais populares *think tanks* ativistas de atuação no Brasil.

3.2. Brasil Paralelo

Nesse contexto, a segunda empresa que iremos analisar é a Brasil Paralelo. A empresa é uma produtora de vídeos, filmes, artigos e livros de posicionamento conservador e neoliberal que versam sobre história, filosofia, economia, política e sociedade. Sendo fortemente conhecida nas redes sociais (o canal do Youtube tem 3,4 milhões de inscritos e uma média de 100 mil visualizações por vídeo) e com o faturamento de cerca de 30 milhões²⁹ o canal desponta na Internet por suas grandes produções e por seu posicionamento político.

Dentre sua produção audiovisual, entre 2017 e 2018, o canal do Youtube do Brasil Paralelo lançou uma série documental (que posteriormente se tornou um livro)³⁰ intitulada *Brasil: A última Cruzada*. A série tem como base a ideia de que, em último instante, a chegada dos portugueses em terras brasileiras se deu por meio de um *longo* processo histórico, fruto dos Cavaleiros Templários e suas lutas nas Cruzadas. Segundo a série, esses cavaleiros que estavam em busca da Reconquista da Terra Santa defendiam os ideais cristãos e pouco teriam mudado ao longo de sua história e seus últimos representantes seriam os marinheiros que desarmaram

²⁸ Interpretamos esses dados por meio das informações obtidas no site da Lux Brasil no ano de 2023. As demais redes sociais foram excluídas e a última postagem do Facebook da Lux Brasil aconteceu em 13 de novembro de 2022, cuja temática central da postagem é a facada de Bolsonaro: <https://fb.watch/klw-b-kXZR/>. Acesso em 23 mai. 2023.

²⁹ ZANINI, Fábio. Produtora Brasil Paralelo vive crescimento meteórico e quer ser 'Netflix da direita'. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 29 mai. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/produtora-brasil-paralelo-vive-crescimento-meteorico-e-querser-netflix-da-direita.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2021.

³⁰ BRASIL PARALELO, **BRASIL: A última Cruzada**. 1.ed. São Paulo: LVM Editora, 2022.

suas velas em território ainda de outro nome, mas que logo se tornaria o Brasil. Trazendo entrevistas com nomes como Olavo de Carvalho³¹ e Alberto da Costa e Silva, a série de vídeos se destaca por sua interpretação histórica dotada de sobreposições e reconstruções históricas tendenciosas e inconsistentes, voltadas para a noção de que Portugal tenha sido uma nação que arriscou tudo que possuía para continuar defendendo sua cristandade. O resultado desse esforço, segundo a produção, seria a descoberta de terras desconhecidas e frutíferas, que viria ser o Brasil.

3.2.1. Uma empresa privada de entretenimento que busca resgatar os “bons valores”

A empresa Brasil Paralelo Entretenimento e Educação S/A ou simplesmente *Brasil Paralelo*, fundada em 2016 em Porto Alegre, diz ter como objetivo:

[...] resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros. Acreditamos que o entretenimento é uma das principais ferramentas para esse resgate. Nossa orientação é sempre a busca pela verdade histórica, ancorada na realidade dos fatos, e somos contrários a qualquer tipo de ideologização na produção de conteúdo.³²

Para realizar tal feito eles se colocam como idealizadores de um Brasil a parte, paralelo, tal qual o seu nome procura significar. Na explicação deles retirada do site em 2021:³³

O nome é uma referência ao nosso modo de agir, totalmente independente. Não somos ligados a nenhum movimento, partido, ou figura política. Há no Brasil uma cultura patrimonialista que vincula toda evolução social e cultural a uma ação do Estado ou de um movimento político. Nós, por outro lado, acreditamos que a iniciativa privada é a mais eficiente força motriz para produção da cultura no país. São as pessoas que devem voluntariamente escolher o que querem consumir – e, por consequência, destinar os seus recursos – e não algum burocrata.

Apesar de falarem abertamente em seu site sobre a forte crença na iniciativa privada, que não recebem um centavo de dinheiro público e que toda a receita que ganham advém dos mais de 250 mil inscritos, em dezembro de 2019, a série documental *Brasil: A última Cruzada*

³¹ Olavo de Carvalho (1947-2022) foi um influenciador digital, ensaísta e ideólogo brasileiro que também atuou como jornalista e astrólogo. Ele era considerado um representante intelectual do dito conservadorismo no Brasil e possuía forte influência na extrema-direita brasileira. Seu discurso era caracterizado pela recusa do nomeado “politicamente correto” e por uso de ataques *ad hominem* (uma tática discursiva que propõe que se ataque com palavras e busque destruir a pessoa que apresentou o argumento e não o argumento que ela utilizou) e pelo grande uso de termos chulos. Há diversas publicações que demonstram que os trabalhos de Carvalho eram recheados de teorias conspiratórias, informações incorretas e discursos de ódio. O trabalho de Olavo de Carvalho era (e ainda é) altamente referenciado nas produções da Brasil Paralelo e sua figura era tida como um “guru” político de diversos grupos da extrema direita, incluindo o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

³² SOBRE A BRASIL PARALELO. **Brasil Paralelo**. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>. Acesso em: 17 dez. 2021.

³³ Tal alegação foi retirada do site em 2021. Em 2023, ano de publicação dessa dissertação, a Brasil Paralelo atualizou seu site e não conta mais com a explicação do nome da empresa.

foi exibida no canal TV Escola, vinculado ao Ministério da Educação durante o governo Bolsonaro (2019-2022).³⁴

Toda a produção da empresa é fruto da onda conservadora e direitista presente na última década, e da insatisfação dos participantes desse grupo que proclamam que as produções culturais populares estão dominadas por uma perspectiva da esquerda. Para combater tais pontos, eles buscam se alinhar a figuras da extrema direita como a família Bolsonaro (no canal do Youtube há entrevistas com o Eduardo Bolsonaro e vídeos sobre a eleição de Bolsonaro como presidente) e Olavo de Carvalho (presente em diversos vídeos no canal e na série que será analisada neste capítulo).

Em relação à Brasil Paralelo, tendo uma série de vídeos a respeito de momentos históricos, podemos citar as séries *1964: O Brasil entre armas e livros* em que houve críticas por sua forte relativização da repressão e da tortura do período ditatorial empresarial-militar brasileiro (e teve sua sessão no cinema Cinemark cancelada por tais críticas).³⁵ Há também a série de vídeos sobre a educação brasileira após a ditadura de 1964 com críticas a educação brasileira e ao educador Paulo Freire chamada *Pátria Educadora: A Trilogia* (o título faz alusão ao lema da ex-presidenta Dilma Rousseff em sua segunda eleição - Brasil: Pátria Educadora). E a série *Cortina de Fumaça* lançada em 2021 que nega o trabalho de cientistas e de ONGs sobre o desmatamento da Floresta Amazônica. Um conteúdo altamente conservador, negacionista e neoliberalista. Nesse sentido, de que forma tal propagação de um ideal conservador desagua em concepções sobre a Idade Média trabalharemos no tópico a seguir.

3.2.2. Brasil: Uma última Cruzada?

Sendo formada por cinco capítulos, a série documental *Brasil: A última Cruzada* fomenta a discussão do passado histórico brasileiro indo dos antecedentes da chegada dos portugueses no Brasil até o fim do chamado Brasil Império. Eis o nome dos vídeos da série: Capítulo 1 - *A Cruz e a Espada*; Capítulo 2 - *A Vila Rica*; Capítulo 3 - *A Guilhotina da Igualdade*; Capítulo 4 - *Independência ou Morte*; Capítulo 5 - *O Último Reinado*, sendo também

³⁴ FILHO, João. Todos nessa foto prometeram jamais receber dinheiro do governo. A maioria recebeu. **The Intercept**. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/01/allan-terca-livre-governo-bolsonaro/> Acesso em: 17 dez. 2021.

³⁵ CINEMARK emite nota de esclarecimento após exibição de filme sobre 1964. **Correio Braziliense**, 02 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/04/02/interna-brasil,746968/cinemark-emite-nota-de-esclarecimento-apos-exibicao-de-filme-sobre-196.shtml>>. Acesso em: 18 ago. 2022.

indicado assistir a “sequência” que seriam *Era Vargas* e *1964 - O Brasil entre armas e livros*.³⁶ Em nossa análise, focaremos no primeiro episódio *A cruz e a espada*, episódio voltado para o passado português, em que há uma maior discussão sobre a história medieval europeia e o apontamento para uma história da nação brasileira.

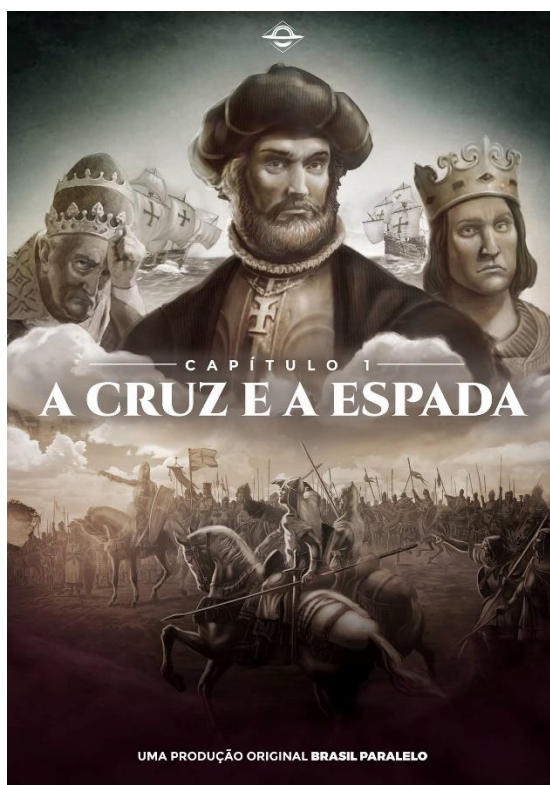


FIGURA Nº 5³⁷

A produção original do canal inicia com os dizeres que selecionamos para o início do capítulo: “*Você está prestes a conhecer uma história de sacrifício, virtude e coragem que por muito tempo nos foi negada*”.³⁸ Este é o tom da narrativa presente em todo o vídeo. A série do Brasil Paralelo tem como fio condutor inicial o contexto político europeu antigo e medieval, quando segundo eles a história contada é: “uma narrativa séria sobre a *sua* história”. Afirma-se que ao saber a história europeia e o processo de expansão da fé cristã, a luta entre os muçulmanos e cruzados e todo o movimento de expansão de território da cristandade seria um

³⁶ A Brasil Paralelo transformou sua empresa em uma plataforma de streaming. Por isso, para ter acesso aos vídeos é preciso ter conta na plataforma. Contudo, a prévia destes episódios está disponível em seu site (https://www.brasilparalelo.com.br/originais-bp/brasil-a-ultima-cruzada?utm_medium=originais-bp. Acesso em 10 mai. 2023). Durante a produção desse capítulo, os episódios ainda estavam disponíveis no canal do YouTube da empresa.

³⁷ Cartaz do primeiro capítulo “A cruz e a espada” da Brasil Paralelo. Imagem disponível em: <https://pt-br.facebook.com/brasilparalelo/photos/dia-18-de-setembro-%C3%A0s-19h-estreia-o-primeiro-cap%C3%ADtulo-da-s%C3%A9rie-brasil-a-%C3%BAltima-c/617861835270158/>. Acesso em 15 mai. 2023.

³⁸ BRASIL: a Última Cruzada. Produtora: Brasil Paralelo. **YouTube**, 18 jan. 2019. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyQeAaMSn62T86Zzq336k8rF>. Acesso em: 16 dez. 2021.

componente importante da história brasileira. Comenta-se inicialmente o Brasil antes de ser Brasil. Ou, nas palavras do narrador:

Assim como a biografia de um homem começa na história de seus ancestrais, nossa pátria não pode ser compreendida apartada daquela que a concebeu e gestou. E a nossa identidade terá de ser buscada em acontecimentos enterrados por muitos anos, há milhares de quilômetros, no velho mundo e nas profundezas do oceano.³⁹

O objetivo do canal é mais do que apenas ressaltar as terras brasileiras ou adentrar em uma discussão sobre propriedade enquanto noção resultante do que é ser brasileiro. Mais do que isso, o interesse da empresa é dar crédito aos até então “esquecidos” heróis que foram responsáveis pela dominação do território. É um movimento de defesa desta história que, segundo eles, por muito tempo foi esquecida e precisa ser lembrada. Essa omissão seria a responsável pela falta de identidade do brasileiro e a imersão nessa história motivaria o resgate dos valores identitários nacionais.

Ao longo de cinquenta minutos, o episódio fala sobre o “passado brasileiro” em uma perspectiva eurocêntrica, ou seja, centrada na história da Europa e unindo a atuação de Portugal frente a criação da nação brasileira. Para isso, se coloca em espaço de destaque, como origem do Brasil, o movimento das Cruzadas. O que fica implícito nesse uso das Cruzadas para construir uma história do Brasil é uma crença da superioridade do povo brasileiro pela existência de um passado europeu que “origina” a nação.

Além disso, em todo o episódio a narrativa sobre os muçulmanos aparece de forma má construída, sempre sendo caracterizados como o outro lado da história, com uma proposta tipificada de “heróis x vilões”. Como apresenta Samira da Silva e Bruna Cataneo Zamparetti:

No primeiro episódio, denominado como *A Cruz e a Espada*, os relatos dos *especialistas* enaltecem constantemente a coragem e heroísmo dos colonizadores; assimilam a conquista pelos visigodos ao desarmamento dos romanos, muito semelhante às discussões atuais sobre a *política de desarmamento* no Brasil. Além disso é possível identificar falas agressivas contra o islamismo e a povos muçulmanos (embora possa parecer que estavam se referindo a momentos passados, deixam implícito como se fosse uma crítica atual). A exemplo disso, tem-se a fala do Olavo de Carvalho ao afirmar que “(...) nem os romanos fizeram tanta devastação quanto os muçulmanos fizeram”. Ocorre, ademais, o enaltecimento do papel da Igreja Cristã na conquista do Novo Mundo, além de uma visão reducionista e seletiva, sempre arraigada a visão de história e mundo que desejam passar.⁴⁰

³⁹ Ibid. 1min35s.

⁴⁰ SILVA, Samira da; ZAMPARETTI, Bruna Cataneo. Revisionismo, **História e Negacionismo: uma análise a partir das produções midiáticas do Brasil Paralelo**. Santa Catarina: 2021. 33 p. Monografia (Graduação em História) - Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/17229/1/Artigo%20-%20Samira%20da%20Silva.pdf>. Acesso em 23 mai. 2023, p.18.

Muito da perspectiva de “apresentar uma história brasileira” que parte da Brasil Paralelo participa do contexto de utilizar o passado como uma metáfora para o presente. As opiniões conservadoras e estereotipadas divulgadas sobre a história são representativas de uma visão de mundo neoliberal e tradicionalista que se pretende propagar. Nesse sentido, os momentos históricos selecionados para narrar (como a chegada dos portugueses no território que viria ser o Brasil ou a ditadura empresarial-militar), são utilizados como estandarte de um posicionamento político pertencente a Brasil Paralelo. Fala-se sobre história para evitar falar-se a todo momento sobre o presente.

A ANPUH (Associação Nacional de História) se declarou contra a série documental, alegando que:

A série é, de fato, uma peça de propaganda ideológica de um grupo extremista. Profissionais sem trabalhos de pesquisa e sem formação específica em História dedicam-se a construir uma narrativa fantasiosa, equivocada e preconceituosa do processo de colonização do Brasil. É uma produção alheia aos métodos avalizados pelas instituições e profissionais que têm trabalhado com afincamento durante muitos anos. O objetivo da série é defender uma posição política de extrema direita, alinhada com o pensamento do atual grupo que exerce a Presidência da República e sua guerra particular contra a cultura e o conhecimento científico.⁴¹

A atuação do canal versa bastante pelas noções neoliberalistas que estão em voga na sociedade por grupos de direita. Defensores do livre-mercado e da suposta ideia de imersão da nação em eixos corruptivos, um processo bastante comum em grupos neoliberais é a defesa de valores conservadores como família, a moral e os bons costumes. Nos Estados Unidos da América, ao final dos anos de 1960 houve uma aproximação do conservadorismo à reforma política neoliberal, impulsionada pela compreensão de que o apoio à família poderia trazer oportunidades rentáveis de planejamento econômico, defesa econômica e criação de uma ideia de "bem-estar" para a população.⁴² A autora Melinda Cooper, voltando-se para o contexto estadunidense do neoliberalismo conservador destaca que:

A mudança do investimento público para o privado no chamado capital humano revigorou vigorosamente a importância das redes de dívidas familiares e da riqueza herdada na formação dos destinos sociais. O efeito de mais de três décadas de reforma econômica neoliberal foi restaurar a função

⁴¹ ANPUH-SP Apoia Nota de Alerta. ANPUH. Disponível em: https://anpuh.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=5585:nota-de-alerta-2019. Acesso em: 15 dez. 2021

⁴² COOPER, Melinda. **Family values**: between neoliberalism and the new social conservatism. New York: Zone Books, 2017.

legal e econômica da família privada como provedora primária de bem-estar, inteiramente de acordo com as prescrições políticas dos próprios neoliberais.⁴³

É nesse sentido que as obras do canal descrevem os representantes e combatentes das cruzadas como corajosos guerreiros cristãos, defensores dos “bons” ideais presentes em uma família tradicional. No Brasil, o ideal do modelo de uma família tradicional é vital na propagação do neoliberalismo pois, segundo a pesquisadora Rayani Mariano dos Santos:

De um lado, a família é mobilizada por conservadores no Brasil; de outro, a racionalidade neoliberal facilita a implementação de políticas e a aprovação de leis que dificultam as vidas das pessoas – sobrecarregando ainda mais as famílias. Essa mobilização da família por conservadores contribui para perpetuar a ideia de que as famílias devem ser fortalecidas, que elas são independentes e autossuficientes, que são as únicas legitimadas a terem posições morais respeitadas. Dessa forma, o corte de verbas, a destruição dos serviços públicos etc. podem afetar os trabalhadores, os estudantes, mas nunca afetam as famílias – que são tratadas no discurso conservador como entidades abstratas; e no discurso neoliberal, elas praticamente não são mencionadas – apesar de continuarem fornecendo, na medida do possível, o que o Estado não fornece mais.⁴⁴

O conservadorismo do Brasil parte de um longo histórico escravista e oligárquico e nesse contexto, para a nação, a inserção dos ideais neoliberais encontra um espaço fecundo na parcela conservadora (e grande possuidora de posses) do território brasileiro. Nesse panorama, na linha construída pela Brasil Paralelo, a representação “bondosa” desses guerreiros cristãos é uma tentativa de estabelecer uma relação com os “bons” cidadãos brasileiros, que, assim como os “guerreiros do passado” devem ter o dever de proteger a nação com o mesmo afinho.

Além disso, no sentido do neoliberalismo conservador, a aproximação e a proteção da noção de família também encontram um terreno fértil na religiosidade, que vem a funcionar como uma característica de união para os dois grupos. Por um lado, quem é conservador e cristão vê nas noções neoliberais a oportunidade de prosperidade, por outro, os neoliberais encontram nos ideais conservadores e cristãos a chance de se popularizarem.

⁴³ Do texto original: The shift from public to private investment in so-called human capital has forcefully reinvigorated the importance of family debt networks and inherited wealth in the shaping of social destinies. The effect of more than three decades of neoliberal economic reform has been to reinstate the legal and economic function of the private family as the first-line provider of welfare, very Much in keeping with the policy prescriptions of neoliberals themselves.

COOPER, Melinda. Neoliberalism's Family Values: Welfare, Human Capital, and Kinship. In: PLEHWE, Dieter Plehwe; SLOBODIAN, Quinn; MIROWSKI, Philip. **Nine Lives of Neoliberalism**. Verso, 2020, p.119.

⁴⁴ SANTOS, Rayani Mariano dos. Pensando a família como um dos pontos de intersecção entre o neoliberalismo e o conservadorismo. In: **III Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social: Populismos e Democracias**, 2019, Pelotas. Anais eletrônicos [...] Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2019, p. 17. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/legadolaclau/files/2019/07/ARTIGO-Santos.pdf>. Acesso em 23 mai. 2023.

Nesse contexto, as Cruzadas surgem como um movimento “perfeito” para a construção histórica desses grupos. Historicamente reconhecida como um momento histórico de luta pelo domínio de uma região sagrada para os dois lados do combate, Jerusalém, as Cruzadas despontam como um “[...] confronto sangrento que durou dois séculos, reconfigurando a história do Islã e do Ocidente.”⁴⁵ Elas representam um período importante da história islâmica e cristã, sendo constantemente articulada de forma contemplativa para cristãos.

Por serem um acontecimento histórico bastante conhecido na sociedade, as Cruzadas constantemente são lembradas e associadas a noção de bravura e coragem, conforme discutimos previamente no primeiro capítulo dessa dissertação. Tais exemplos mostram como o conhecimento histórico das Cruzadas já foi e continua sendo utilizado de forma política. A produção do Brasil Paralelo ao representar a Cruzada de modo endeusado por parte dos cristãos endossa tal posicionamento e com um agravante: tecendo, a partir da noção de longa duração, um prolongado fio que parte da antiguidade, passa pela medievalidade até a modernidade do povo europeu e português para pintar nos colonizadores do Brasil uma versão adulterada do papel que eles realmente produziram no Brasil: a exploração e a colonização.

O interessante da explanação do Brasil Paralelo é que há uma noção distinta do que vem a definir o Brasil enquanto nação. O Brasil, para eles, se torna uma entidade, país e nação já formados ainda em seu “descobrimento”, e, a ligação direta para esse motivo seria o fato de seus “descobridores” serem pessoas predestinadas ao sucesso, pois eram cristãos e guerreiros, responsáveis pelo movimento de Reconquista⁴⁶ e de defesa da cristandade. Por isso, a máxima de resgatar os heróis responsáveis por “conceber e gestarem” o Brasil, defendendo e propagando as convicções cristãs.

O historiador Alain Guerreau entende o *dominium* como um conceito interligado a noção de poder e de território, e além disso:

O *dominium* é uma relação social, um complexo de relações sociais, ou antes uma relação multifuncional: é esta necessária multifuncionalidade que faz dela uma noção-chave; entre essas funções, os aspectos materiais, embora não distintos, são muito importantes, dado que recobrem toda a dependência de homens e de terras: não se avançará, portanto, muito dizendo que o *dominium* inclui o essencial daquilo que se coloca analiticamente na categoria de relações de produto (controle do acesso às fontes).

O que me parece aqui decisivo é a ligação intrínseca e primordial entre a dependência das terras e a dos homens, ligação que implica necessariamente que a condição absoluta da existência dessa relação é a ligação dos homens ao

⁴⁵ASBRIDGE, Thomas. **A chegada dos Cruzados**. 1. Ed. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2021, p. 21.

⁴⁶ Sobre a ideia de Reconquista e todos os embates em torno de seu conceito, ver: ALVARO, Bruno Gonçalves; PRATA, Rafael Costa. Guerras rendilhadas da erudição: Um breve panorama dos combates e debates em torno do conceito de Reconquista. **Signum: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 104-126, jul./dez., 2014.

solo, o que confirma a organização do campo semântico relativo aos cultivadores; donde se deduz imediatamente que a análise das relações de produção feudais deve ser o primeiro que tudo uma análise dessa ligação dos homens ao solo.⁴⁷

Enquanto para Guerreau o *dominium* englobava a terra e as relações de posse, para os criadores de conteúdo da Brasil Paralelo o domínio também perpassa pelo viés ideológico. O domínio da terra tem forte poder junto as relações de posse, e aqui, ao se falar sobre Brasil, mais do que apenas uma discussão sobre um território situado ao sul da América, também se fala sobre todas as relações de poder que envolvem a terra. As Cruzadas nesse contexto surgem como um movimento de submissão cristã em prol de algo maior que é defesa da Terra Santa. O “descobrimento” da América surge como uma gratificação divina pelos esforços de Colombo em realizar sua expedição:

[...] um processo de mais de 700 anos de luta por **posse de território**. Lá das distantes Asturias eles foram, os cristãos foram crescendo, foram baixando e foram se expandindo até conquistar todo seu território. Então eles foram formados geração em geração na conquista de território e desbravamento de território. Até que não tem mais território a conquistar, só lhes restam o mar.⁴⁸

E, dessa forma, por meio da sucessão de acontecimentos, ocorre a chegada dos europeus em terras americanas. Primeiro por Colombo, em 1492, depois com a frota de Pero Vaz de Caminha, chegando em território que atualmente chamamos de Brasil. Então eles encerram o primeiro capítulo defendendo o porquê de considerarem importante relembrar tal história. Em tom lusófono, o narrador diz:

A preservação desse lugar cabe a nós, não podemos deixar que roubem os degraus da nossa **civilização**. Sempre que estivermos perdidos e sem saber para onde ir, eles estarão lá. De braços abertos, para nos contar tudo que sacrificaram para dar um passo além do que parecia possível. Não se trata apenas de não esquecermos de onde viemos, se trata de não esquecermos para onde estamos indo. Nos momentos mais difíceis, a história deve ser lembrada.⁴⁹

Sobre a discussão sobre civilização, é importante ressaltar de sua problemática: o conceito de civilidade diversas vezes vem a ser utilizado para refletir uma ideia de “hierarquia” cultural, em que há normas culturais e sociais dominantes frente a outras que são marginalizadas. Traremos um breve subtópico para discutir sobre o grande apreço à ideia de civilidade para a nação brasileira em eixos de “criação” de uma gênese do Brasil.

⁴⁷ GUERREAU, Alain. **O feudalismo: um horizonte teórico**. Lisboa: Edições 70, 1982, p. 222-223.

⁴⁸ BRASIL PARALELO, op.cit., 38min36s, grifo nosso.

⁴⁹ BRASIL PARALELO, op.cit., 49min18s, grifo nosso.

3.2.3. Varnhagen – Colonialismos e visões sobre a “origem” do Brasil

Partindo da discussão sobre criações de versões de uma *história oficial* do Brasil, em História Geral do Brasil, Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) se propõe a realizar um trabalho historiográfico acerca da história do Brasil, e em seus dois volumes produzidos, o autor trata da história dos povos indígenas, da escravidão africana, do início da colonização (incluindo as invasões sofridas no território), administração de Marquês de Pombal e as conspirações em Minas Gerais. O trabalho de Varnhagen retrata a visão do autor, que justifica a subjugação dos povos nativos e impõe uma superioridade do europeu frente a outros povos, utilizando de determinismos sociais e geográficos.

Varnhagen foi um homem do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Como apontado por Laura Nogueira de Oliveira:⁵⁰

Nas páginas da Revista do Instituto, foram publicados vários de seus trabalhos. No segundo semestre do ano de 1851, quando se encontrava no Rio de Janeiro, Varnhagen foi eleito e ocupou o posto de primeiro-secretário da instituição. Em 1854 e 1857, respectivamente, Varnhagen publicaria o primeiro e o segundo tomos de sua História Geral do Brasil. Entretanto, esses mesmos autores, afirmam que a perspectiva adotada por Varnhagen, no que se refere aos indígenas brasileiros, era diversa do indianismo do IHGB. Segundo Canabrava: “sua História Geral do Brasil (1854), afastou-se de algumas tendências que marcavam a mentalidade dos homens daquele sodalício, como o indianismo (...)”.

Nesse contexto, é possível encontrar em seu livro História geral do Brasil, especificamente na Seção V voltada para apresentar intitulada sobre a chegada dos europeus em terras americanas, e por isso nomeada de Descobrimento da América e do Brasil, o autor aponta que:

Os interesses do commercio, mais que a curiosidade natural ao homem, e que a sede das conquistas, tem sido em geral a causa da facilidade do trato e comunicação dos indivíduos da espécie humana entre si. Foi ao da especieria do Oriente que originariamente se deveu o grande acontecimento que denominamos Descobrimento do Novo-Continente.

Seguindo seu argumento, passando por histórias da Grécia e da Ásia, o autor centra sua argumentação em falar sobre as Cruzadas e até mesmo apresentando a história do escritor Raimundo Lúlio (1232-1315):⁵¹

⁵⁰ OLIVEIRA, Laura Nogueira. **Os índios bravos e o Sr. Visconde: Os Indígenas brasileiros na obra de Francisco Adolfo de Varnhagen**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/VCSA-6UZMQN>. Acesso em 23 mai. 2023, p. 123.

⁵¹ Sobre a história de Raimundo Lúlio e uma possibilidade de aplicação de sua trajetória ao ensino de História, indicamos o artigo: SOUZA, Guilherme Queiroz de. Raimundo Lúlio, a Idade Média global e o ensino de História: perspectivas de abordagem. **Esboços**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 531-557, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/76832/47074>. Acesso em 23 mai. 2025.

Ambas as civilizações, grega e asiática, começaram depois a auxiliar-se e a assimilar-se pelas propagandas religiosas do islamismo e das cruzadas. Peregrinos das duas religiões narravam o que observavam, e um dos que publicou observações mais profundas, e que deviam algum dia ter maior influencia na historia da humanidade foi o beato malhorquino Ray mundo Lull.

Lull ou Lullio, como vulgarmente o appellidam, talvez o sábio mais encyclopedico da idade media, depois de haver corrido grande parte do mundo, segundo elle ingenuamente diz, escreveu em princípios do século XIV (1305), um livro intitulado *De fine*, no qual lembrou a conveniência de acabarem os christãos com o improficuo systema das cruzadas marítimas, com que nunca ficariam por uma vez senhores da Terra-Santa; e propoz para aggredir os musulmanos um plano mais razoável.

Consistia em ir rechassando passo a passo os infiéis das terras por onde se avisinhavam da christandade, obrigando-os assim a abandonarem todas as conquistas feitas áquem da Arábia, e a retrocederem pelo mesmo caminho por que tinham avançado victoriosos. Insistia se começasse a nova cruzada terrestre pela conquista de Granada, sendo depois a guerra transferida a Ceuta, e dahi por toda a África septentrional, até o Egypto, paiz que se devia tratar desde logo de empobrecer por meio de um aturado bloqueio, que desviasse para outra parte o commercio da especiaría do Oriente; o qual os Catalães e Genovezes, que freqüentavam Alexandria, se veriam obrigados a fazer de outro modo, indo inclusivamente em pessoa dizia elle, a,, Bagdad e a própria índia".

As obras de Lull adquiriram nome e fama, e até certa popularidade, no sul da Europa, muitos annos depois; e o dito projecto nellas contido só foi estudado e seguido d'ahi a um século, de maneira que pareceu então nascer de novo.⁵²

As escolhas de Varnhagen de tecer uma história do Brasil a partir do descobrimento e a um “ímpeto” português/ europeu colonizador são demonstrativas da busca pela criação de nacionalismo brasileiro centrado na atividade dominadora de Portugal. Por isso, internamente às discussões e a diversidade do indianismo do IHGB e a forte demonstração anti-indigenista de Varnhagen,⁵³ os esforços do participante do IHGB para construir uma história do Brasil passavam pela existência de um passado português medieval. Como apontado por Laura Nogueira Oliveira:

A atualidade se miraria no passado e nele buscaria forças para prosseguir a grandiosa construção da nacionalidade, então iniciada. Segundo Lacombe, a HGB é a história da *continuidade*, pois o grande interesse de Varnhagen era o de estabelecer um nacionalismo fundado na obra colonizadora. Wehling

⁵² VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História geral do Brazil** [...] antes da sua separação e independência de Portugal [...]. 2º ed. Rio de Janeiro: Casa de E. & H. Laemmert, s.d., 1877. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4825>. Acesso em 23 mai. 2023, p. 59-60.

⁵³ CEZAR, Temístocles; SANTOS, Evandro SANTOS. Ver e dizer: Ensaio sobre o gênero biográfico em Varnhagen. **História**: São Paulo, v.32, n.1, p. 144-161, jan/jun 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/m9HXsSGWG5q4cXqHgWFKkfQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 21 mai. 2023, p. 156.

CEZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. **Topoi**, v. 8, n. 15, jul.-dez. 2007, p. 159-207. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/YGqZYsNRYC7nHPxBWz939Xx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 21 mai. 2023, p. 162.

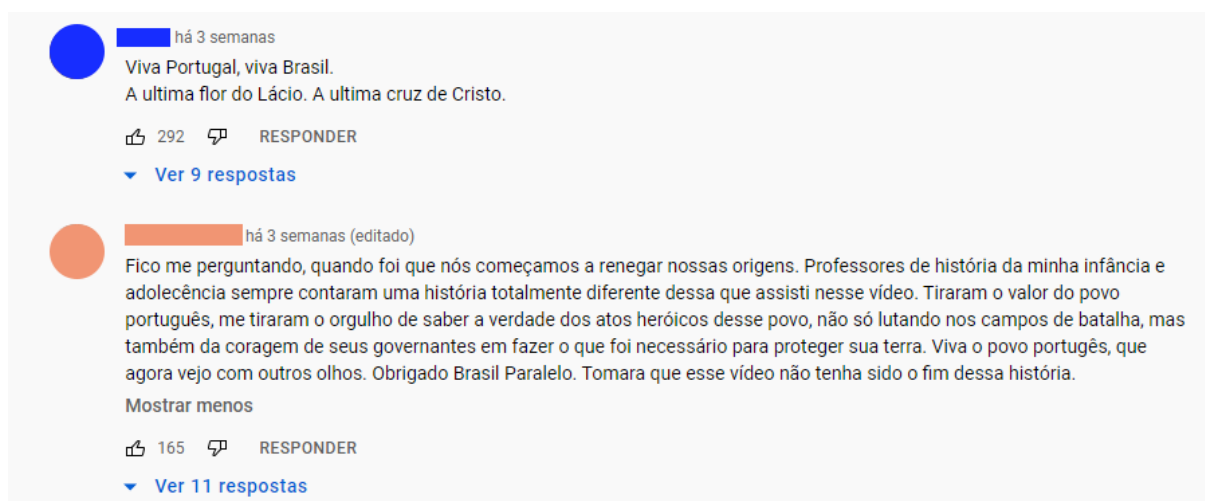
afirma que na ausência de um “*cadinho medieval*”, Varnhagen procurou, no passado colonial, a formação da nacionalidade. A identidade nacional fora forjada no processo de sua colonização e somente sua história poderia servir de bom guia para todos os homens do presente.⁵⁴

Encerrando este tópico, abordamos brevemente essa discussão apenas para demonstrar o quão longínquo é esse debate sobre uma ideia de civilidade na construção da identidade nacional brasileira e em quais bases a Brasil Paralelo vem se firmar. Mas qual seria a recepção do público a essa discussão sobre nossa história? Sobre isso, detalharemos no próximo tópico.

3.2.4. Recepção das produções da Brasil Paralelo

Encaminhando para a atividade de empresas contemporâneas como a Brasil Paralelo, a narrativa para a gênese do Brasil seguindo desse processo colonizador e até mesmo de um “dever” do colonizador português é uma reconfiguração de um longo processo de tentativa da construção de uma nacionalidade brasileira fincada em um passado europeu. A ideia de um Brasil que desponta como uma nação formada por homens valentes e tementes a Deus, muito imbricada na noção de dominação frente aos dominados, fomentando uma suposta relação entre o futuro da sociedade brasileira e as glórias do passado e “origem”. Nesse sentido, a ideia de a nação brasileira partir de um passado europeu surge como uma característica que demonstra uma superioridade europeia que justifica a exploração e o colonialismo em território brasileiro.

E qual seria a aceitação de tais produções da Brasil Paralelo para a população brasileira? Não temos como estipular com certeza todo o impacto provocado pelas produções do canal, mas uma pista da recepção que podemos retirar comentários versam por alguns (gritantes) caminhos.



⁵⁴ OLIVEIRA, op.cit., p. 135.

FIGURA Nº 6⁵⁵

Nessa primeira imagem selecionamos dois comentários presentes na postagem do Brasil Paralelo no canal do YouTube no vídeo do episódio, *Brasil: A última Cruzada*. O primeiro foi selecionado por ser um representativo de uma série de comentários realizados com o mesmo intuito de parabenizar Portugal por seu “heroísmo” e especialmente por sua atitude dotada de cristandade. Já o segundo comentário presente nessa imagem versa por um outro caminho bastante consistente nos comentários dos vídeos da produtora: o de descoberta de um lado da história não falado em salas de aula, com um forte intuito de descredibilizar a docência de história. Esses dois comentários são uma demonstração de que, para muitos, o vídeo deu a compreender que apesar de ser um lado da história não discutido nas aulas de histórias, todo o processo colonizatório português partiu de uma atividade corajosa e missionária cristã com um conveniente resultado.

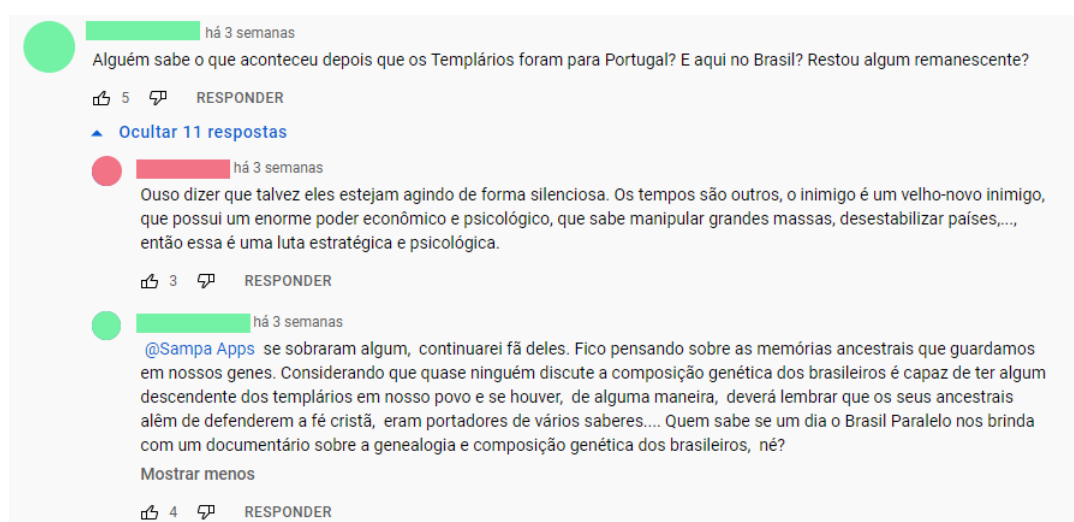


FIGURA Nº 7⁵⁶

Nesse contexto, separamos também esses comentários que apresentam uma discussão entre dois internautas sobre a existência dos Templários após a chegada em Portugal. A conversa apresenta uma forte característica presente na seção de comentários: conversas negacionistas e conspiracionistas. O comentário reservado na cor rosa apresenta uma teoria da conspiração da construção de um inimigo poderoso a ser derrotado, detentor das grandes massas

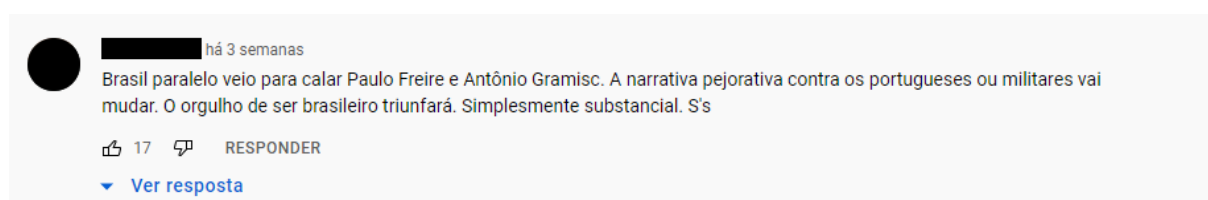
⁵⁵ Comentário retirado do canal do YouTube da Brasil Paralelo: BRASIL: a Última Cruzada. Produtora: Brasil Paralelo. **YouTube**, 20 set. 2017-09 abr. 2018. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyQeAaMSn62T86Zzq336k8rF>. Acesso em: 9 nov. 2021.

⁵⁶ Comentário retirado do canal do YouTube da Brasil Paralelo: BRASIL: a Última Cruzada. Produtora: Brasil Paralelo. **YouTube**, 20 set. 2017-09 abr. 2018. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyQeAaMSn62T86Zzq336k8rF>. Acesso em: 9 nov. 2021.

e que silenciosamente os “templários” estão agindo de forma silenciosa para a proteção do bem-estar mundial.

Esse tópico muito tem a nos dizer a respeito da funcionalidade das teorias da conspiração e da disseminação de *fake news* para a mobilização política da sociedade. Assim como o caso PizzaGate⁵⁷ nos Estados Unidos, muito se há discutido sobre a capacidade de mobilização e contestação de grupos de extrema-direita e papel dos algoritmos nas redes sociais como possibilitadores de disseminação de histórias falsas. Os algoritmos na internet são responsáveis por processar um largo volume de informações em tempo recorde. Eles são utilizados para classificar conteúdos em redes sociais, com o objetivo de criar buscas mais eficientes e personalizadas. A grande questão é que os algoritmos também são responsáveis por criar uma série de movimentos dominó nas redes sociais: se a pessoa curte algum conteúdo político, a tendência é que ela receba cada vez mais conteúdos semelhantes ao recebido previamente. Na continuidade, os algoritmos tendem a manipular cada vez mais os conteúdos enviados para a pessoa. Ao preservar os cliques em notícias espalhafatosas e muitas vezes mentirosas, com apenas a intenção de aumentar seu engajamento na rede social, o algoritmo lhe deixa mais dependente do que as redes sociais lhe enviam e sem a criticidade importante para o uso da internet.

Por fim, selecionamos este último comentário, que apresenta mais uma faceta dos comentários presentes no vídeo da Brasil Paralelo:



⁵⁷ O PizzaGate foi uma teoria da conspiração que se tornou popular durante o clico das eleições presidenciais nos Estados Unidos da América em 2016. Em março de 2016, a conta de e-mail pessoal do diretor de campanha de Hillary Clinton foi invadida. O WikiLeaks publicou os e-mails em novembro de 2016. Nisso, vários defensores da teoria da conspiração alegaram falsamente que os e-mails continham mensagens codificadas que conectavam vários funcionários de alto escalão do Partido Democrata e restaurantes dos EUA a um suposto tráfico humano e quadrilha de abuso sexual de crianças. A teoria da conspiração tomou uma proporção tão grande além de inúmeras ameaças de morte, invadiram uma pizzaria de Washington, D.C. e um homem disparou um rifle dentro do restaurante na intenção de quebrar a fechadura de uma porta de um depósito. Todo o envolvido do Pizzagate é considerado um predecessor da teoria da conspiração QAnon, uma teoria da conspiração da extrema-direita estadunidense que alega ter um conchavo secreto formado por admiradores de Satanás, pedófilos e canibais que dirigem uma rede global de tráfico sexual infantil e que conspirava contra o ex-presidente Donald Trump durante seu mandato.

Para mais informações indicamos o artigo: BLEAKLEY, Paul. Panic, pizza and mainstreaming the alt-right: A social media analysis of Pizzagate and the rise of the QAnon conspiracy. **SAGE Publications**, vol. 71, n. 3, 2023. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/00113921211034896>. Acesso em 21 mai. 2023.

FIGURA Nº 8⁵⁸

Esse comentário nos apresenta dois tópicos a serem discutidos: o uso de figuras acadêmicas conhecidas como a do educador Paulo Freire (um dos mais brilhantes educadores brasileiros e reconhecido mundialmente por sua luta pela emancipação e libertação da população por meio da educação)⁵⁹ e do filósofo Antonio Gramsci⁶⁰. Esses usos partem de um propósito de desacreditar figuras acadêmicas marxistas e de propor uma “guerra cultural” a ser lutada e vencida pela extrema direita (representada pela citação de Freire e Gramsci e da ideia de disseminação uma narrativa “pejorativa” contra os portugueses e militares que a Brasil Paralelo vem a combater).

Contudo, o que mais nos chama atenção nesse comentário é as últimas duas frases. “Simplesmente substancial” e o “S’s” dão a entender de se tratar de mensagens codificadas, chamadas popularmente de dog-wistles.

O *dog-wistle politics*, traduzido como política do apito de cachorro, é uma mensagem política codificada de modo a parecer significar uma coisa para a população geral, mas tem um significado mais específico para um subgrupo que a mensagem é alvo. O termo vem da analogia aos apitos de cachorro que são produzidos para com frequências sonoras que não são ouvidas na audição humana, mas podem ser ouvidas pelos cães.⁶¹

O uso do “S’s” parece ser uma referência a Schutzstaffel, comumente abreviada na sigla SS, uma organização paramilitar ligada ao Partido Nazista na Alemanha Nazista e posteriormente na Europa ocupada pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial.

⁵⁸ Comentário retirado do canal do YouTube da Brasil Paralelo: BRASIL: a Última Cruzada. Produtora: Brasil Paralelo. **YouTube**, 20 set. 2017-09 abr. 2018. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXyQeAaMSn62T86Zzq336k8rF>. Acesso em: 9 nov. 2021.

⁵⁹ Nesse contexto, indicamos um artigo que elucida como a Pedagogia Libertadora proposta por Paulo Freire é uma potente oposição a uma perspectiva de educação neoliberal da extrema direita brasileira: FEITOSA, D. S.; SANTOS, G. F. dos; SILVA, S. R. P. da. Paulo Freire e a pedagogia libertadora: uma ameaça à perspectiva de educação neoliberal da (extrema) direita no Brasil. **Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 201–221, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8668581>. Acesso em: 21 mai. 2023

⁶⁰ Reconhecido no mundo acadêmico, principalmente, por sua teoria de Hegemonia Cultural que descreve como o Estado usa as instituições culturais para conservar o poder, e famoso na extrema-direita brasileira pelo grande afincamento de Olavo de Carvalho em disseminar uma ideia de revolução cultural por parte da esquerda participante de uma “nova era” utilizando os escritos de Gramsci. Para essa discussão, apontamos um escrito do próprio Olavo de Carvalho: CARVALHO, O. **A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci**. 4ª edição. Campinas: Vide Editorial, 2016. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/a-novaera-e-a-revolucao-cultural/>. Acesso em 21 mai. 2023.

⁶¹ É importante citar que em 2020 o Secretário Nacional da Cultura do governo Bolsonaro, Roberto Alvim, realizou um vídeo dotado de referências ao ministro da Propaganda de Hitler, Joseph Goebbels. No vídeo, Alvim chega a parafrasear trechos do discurso de Goebbels e ainda a visualmente compôs um cenário dotado de referências às fotografias de Goebbels. Por causa da repercussão do vídeo, Alvim foi demitido. Para mais informações, acessar: ALESSI, Gil. Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido. **El País**, São Paulo, 17 jan. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html>. Acesso em 21 mai. 2023.

Simpatizantes do nazismo utilizam a sigla SS ou o símbolo que se assemelha a dois raios em referência à Schutzstaffel:

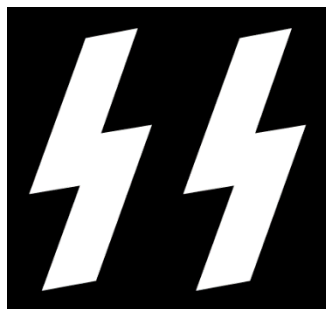


FIGURA Nº 9⁶²

O uso de dog-whistles é bastante presente na internet por se tratar de uma forma de evitar ser denunciado nas redes sociais. Como apontam Prashant Bhat e Ofra Klein⁶³:

O uso de linguagem codificada por supremacistas brancos não é um fenômeno novo, como Sanchez (2018) constata em sua análise de termos-chave usados por grupos como a Ku Klux Klan. O que é novo, no entanto, é a facilidade com que essas palavras codificadas podem ser disseminadas mais amplamente usando a Web 2.0. Não é surpresa, portanto, que o dog-whistle também tenha se tornado uma estratégia online popular, especialmente após a introdução da ferramenta Perspective do Google, destinada a detectar insultos e toxicidade online. A remoção automatizada de insultos explícitos força os grupos de ódio a usar símbolos e palavras-chave para contornar essas formas de detecção.⁶⁴

Devido um filtro que retira mensagens explícitas de ódio das redes sociais, há uma maior cautela no uso de mensagens nazistas nas redes sociais. Contudo, isso não significa que essas mensagens deixam de existir, mas que apenas são decodificadas. A presença de um comentário neonazista na seção de comentários da Brasil Paralelo muito nos revela sobre o resultado do uso deturpado sobre o passado brasileiro e seu potencial de mobilização política.

Além disso, há um direcionamento fortemente existente nesse episódio e em todas as produções do canal que é a noção de “desencanto” com a situação social contemporânea. Esse uso, que parte de uma suposta experiência em um Brasil “atolado em vermelho” nos últimos anos, se faz presente na produção de diversos discursos conservadores, e possui uma clara

⁶² Imagem disponível em: <https://www.infoescola.com/segunda-guerra/ss-schutzstaffel/>. Acesso em: 21 mai. 2023.

⁶³ BHAT, Prashant; KLEIN, Ofra. Covert Hate Speech: White Nationalists and Dog Whistle Communication on Twitter. In: BOUVIER, G; ROSENBAUM, J. E. **Twitter, the Public Sphere, and the Chaos of Online Deliberation**. Suíça: Palgrave MacMillan, 2020, p. 151-172.

⁶⁴ Do texto original: “The use of coded language by white supremacists is not a new phenomenon, as Sanchez (2018) finds in his analysis of key terms used by groups including the Ku Klux Klan. What is novel, however, is the ease with which such coded words can be disseminated more widely using Web 2.0. It is no surprise then that dog whistling has also become a popular online strategy, especially after the introduction of Google’s Perspective tool aimed at detecting insults and online toxicity. The automated removal of explicit insults forces hate groups to use symbols and keywords so as to circumvent these forms of detection.”, p. 156.

oposição aos anos de governo do PT – Partido dos Trabalhadores. Foi no uso dessa narrativa que esteve centrada grande parte das falas do até então candidato Jair Messias Bolsonaro em 2018, e, mesmo após sua eleição, continuou participando em seus discursos.

Essas sensações de desencanto frente a suposta perda de controle de grupos até então donos de diversas lógicas de poder, como homens cis, brancos e héteros, frente as mudanças da sociedade (como o avanço dos Movimentos LGBTQIA+, dos Movimentos Negros e dos Movimentos Feministas) são frutíferas nas produções de discursos políticos conservadores contemporâneos.

E é a partir dessa perspectiva que grupos como a Brasil Paralelo ganham espaço e apoiadores, nessa busca de mostrar “o outro lado da História” que supostamente não é vista em sala de aula, numa clara e perigosa ação contra os professores e historiadores, que, segundo eles, por anos estiveram contando a História de lado esquerdistas. Por isso se é importante estudar e conhecer os discursos produzidos na internet, pois além de terem uma forte adesão, cada vez mais conseguem vazão para fora dos espaços cibernéticos.

Nessa maré, a História Medieval mais uma vez é tecida no bem-querer do comunicador. Seja para explicar uma história tipicamente medieval ou até mesmo uma história brasileira, o passado medieval é utilizado como uma força motriz do que chamamos de “desencanto motivador” que é gerado por essas empresas e discursos políticos. Em um contexto das redes sociais, o uso da Idade Média em postagens (como as vistas no capítulo anterior e as da Lux Brasil) e em produções empresariais como as da Brasil Paralelo surgem como uma tentativa de regaste de um período que se retoma ideais e concepções inviáveis de sociedade e ainda uma retomar uma representação viva no imaginário popular de um passado medieval masculino, branco, cristão, mesmo que na prática ele nunca tenha realmente existido em sua totalidade. Nesse sentido, esse “desencanto” suscita uma sensação de ilusão e decepção pelas mudanças políticas e, por isso, surge a necessidade de se contra-atacar as instituições que supostamente defendem seus adversários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desta dissertação estão sendo oficialmente redigidas ao término do primeiro semestre de 2023. Ao longo desta pesquisa, iniciada em 2020 e que utilizou dados de 2018 a 2022, houve diversas transformações significativas na utilização da internet pela população mundial e em particular no contexto brasileiro. E com toda certeza existirá novas mudanças nos próximos anos. Essas transformações certamente afetarão a recepção dos leitores às considerações levantadas ao longo desse estudo, assim como aos questionamentos que nos motivaram a produzir a dissertação e a maneira como a conduzimos. Algo inevitável (e maravilhoso de existir!) em todo trabalho acadêmico.

É possível perceber que muita coisa foi mudada durante a própria produção deste trabalho. Algumas fontes deixaram de existir na internet, outras mudaram, algumas organizações estudadas modificaram sua forma de acessar o público e tudo isso foi sentido enquanto se escrevia essa dissertação. Além disso, “fora” dos espaços cibernéticos, houve ainda mais mudanças políticas no Brasil. Em 2022, ocorreram as eleições presidenciais que, após um segundo turno conturbado e tenso, resultaram na vitória de Luís Inácio Lula da Silva, candidato do PT – Partido dos Trabalhadores contra seu adversário político Jair Messias Bolsonaro. Após a posse de Lula, em 8 de janeiro de 2023, um ataque à democracia ocorreu quando manifestantes pró-Bolsonaro invadiram e depredaram o patrimônio público das sedes dos Três Poderes em Brasília, demonstrando o grande poder contestatório e das ações violentas da população brasileira alinhadas à extrema direita.

Durante a produção deste trabalho foi tentado ao máximo buscar entender os caminhos trilhados pela população brasileira que nos trouxeram até aqui e qual seria o papel do imaginário relacionado à Idade Média nesse contexto. Inúmeros caminhos foram encontrados e mais incontáveis questionamentos foram levantados que continuarão sem respostas. Mas o que pode ser considerado (e foi tentado ser compreendido em todo esse trabalho) é que a Idade Média enquanto período histórico possui um forte imaginário para a população e esse imaginário tem um enorme potencial de mobilização política, já tendo sido utilizado diversas vezes em governos autoritários ao longo da história.

Foi percebido que a Idade Média desponta como um exemplo histórico, sendo constantemente esvaziado e transbordado conforme as necessidades políticas do presente. Isso foi analisado durante a construção do primeiro capítulo, em que em alguns casos, o período

medieval surge como uma época maléfica, perigosa e *bárbara*, como o discutido no primeiro capítulo sobre a fala da Vice-ministra de Defesa da Ucrânia Hanna Maliar em 2022 ou na fala do ex-presidente estadunidense George W. Bush em 2001. Em outros casos, desponta como um período heroico que precisa ser remontado, como nos casos em Portugal antes e durante o Salazarismo (1933-1974), na Espanha durante o Franquismo (1939-1975), na Alemanha durante o Nazismo (1920-1945) e novamente nos Estados Unidos da América durante o período eleitoral de Donald Trump (2016-2021). Essa dualidade a respeito da interpretação sobre a Idade Média nos dá a tônica dos usos do passado.

O que nos chama a atenção aqui seria que a especificidade do uso da história em meio aos discursos políticos brasileiros. No Brasil, país esse que não experimentou a Idade Média da mesma forma que países europeus, para grupos alinhados à extrema direita, é possível ver o uso do passado medieval em moldes de outros países. Muitas vezes sendo o período medieval despontado como apenas o “passado comum” da nação brasileira (e, por vezes, da humanidade em geral) ou como um “passado benigno” que deve ser tomado como modelo para o futuro. Por isso, sentimos a necessidade de reiterar que não é a intenção desse trabalho de estudar um aspecto de uma *tradição medieval no Brasil*, ou de *medievalidades brasileiras*. Mas sim de uma busca por entender como de 2018 a 2022 a Idade Média foi manuseada com objetivos políticos.

Nesse contexto, foram apresentadas algumas possíveis causas para compreender a particularidade do uso do passado medieval no recente contexto brasileiro. Focando na utilização do período para grupos de extrema direita, a internet, sendo um profícuo espaço de socialização, foi utilizada como espaço de estudo para se entender esse fenômeno. Para isso, como metodologia nós utilizamos a análise da chamada *small data*, ou seja, mediante um conjunto de dados pequenos que foram analisados estritamente pela pesquisadora, sem o auxílio de um suporte computacional. A extração das fontes foi feita por meio de redes sociais na internet e buscado entender de que modo alguns termos ligados à Idade Média foram utilizados e agregados a pautas da extrema direita brasileira contemporânea.

Baseado nisso e com fontes em mãos, foi-se analisando alguns apontamentos constantes defendidos por grupos de direita e de qual forma o período medieval foi sendo modelado a essas pautas. Com base nisso, foi percebido que, a Idade Média é utilizada enquanto estandarte para o preconceito com o considerado distinto para tais grupos. Nesse contexto, o racismo, a LGBTQIA+fobia, ódio ao Feminismo e as mudanças sociais mais recentes no século XXI são

demonstrados mediante dos memes e montagens nas redes sociais com cenas de filmes de história medieval ou de desenhos digitais de cavaleiros empunhando escudos.

Por meio dessas imagens vinculadas nas redes sociais, foi entendido um certo “perfil” das páginas analisadas: uma grande maioria versa sobre pautas cristãs e conservadoras. Nesse contexto, foi buscado entender o crescimento de teologias cristãs no Brasil atreladas a eixos conservadores e que buscam uma manutenção de pautas preconceituosas e reacionárias. Foi percebido que ao passo em que se cresce no país a adesão a ideologias cristãs mais tradicionalistas, mais há a propagação de pautas conservadoras para outros eixos da sociedade, como, por exemplo, na política.

Além disso, como uma ação consequente do acréscimo conservador, pautas como o nacionalismo e anticomunismo afloram na sociedade. Isso acontece porque o nacionalismo vem a funcionar como uma pulsão da revolta social, e o comunismo surge como um inimigo histórico que deve ser combatido por esses grupos. Nisso, mesmo que não exista uma gigantesca força política comunista em ação, há a fabulação desse inimigo a ser combatido. Por isso, essa figura antagonista a ser produzida é centralizada na figura política de Luís Inácio Lula da Silva e em seu herói na figura de Jair Messias Bolsonaro.

Bolsonaro então surge como um paladino da moral e dos bons costumes, como uma figura quase mítica no campo social. Para cada aspecto a ser defendido existe um Bolsonaro diferente. Para as pessoas que pensam na Idade Média como esse espaço de forte imaginário político, Bolsonaro desponta como um guerreiro combatente, um cruzado preparado para defender a nação que está em perigo. Nisso, várias imagens puderam ser analisadas em que a imagem de Bolsonaro surge colada a de cavaleiros, sempre empunhando uma espada ou em cima de um cavalo, remetendo a uma série de signos que são comumente apontados como medievais.

Utilizando como base tal imagética, analisamos também um outro lado das utilizações do passado medieval buscando entender a especificidade do caso da Lux Brasil, organização que se mostra como subordinada aos partidos políticos, defensora de pautas conservadoras e que em 2020 criou uma peça política em que uma pessoa vestida de cavaleiro medieval chama apoiadores para uma manifestação. Buscamos mostrar as características da organização e quais valores defendidos são entendidos por eles como medievais.

Na sequência, buscamos entender de que modo os usos da Idade Média são construídos como um “passado histórico brasileiro”. Para isso, focamos na produção da empresa Brasil Paralelo, em específico no episódio chamado Brasil: A última Cruzada em que é dito que o passado brasileiro se inicia ainda no movimento das Cruzadas. Foi interessante mostrar a produção de discursos históricos pela empresa, bem como suas implicações na recepção do público a tal assunto.

Foi buscado ao longo de todo o trabalho articular as fontes analisadas a discursos e pautas históricas presentes no contexto brasileiro. Nesse sentido, os estudos de gênero sobre masculinidades e performatividade de gênero nos foram imprescindíveis em toda a discussão. Isso porque argumentamos que muito do imaginário social acerca do medievo é fortemente carregado de representações de masculinidade, virilidade, branquitude e cristandade. Por isso, ao se utilizar a Idade Média enquanto discurso político, almeja-se representar uma masculinidade danosa por um grupo (fortemente masculino) que se sente “desorientado” com as mudanças políticas sociais.

Assim, nossa consideração final é que a História Medieval serve para os dados que analisamos como um mural em branco a ser pintado pelo transmissor da mensagem. Nesse contexto, o passado medieval é utilizado como uma força propulsora de um desencanto coletivo que possui potencial de mobilização política. Para esses grupos, composto em grande parte formado de integrantes masculinos, é uma ferramenta potencializadora de atuação política e por meio dele que surge a necessidade de atacar um inimigo construído.

Diante do que nos foi exposto e dos desafios presentes na compreensão das informações presentes nas páginas, sites, grupos, organizações e empresas analisados, nos foi entendido que esta dissertação é uma representação de um curto tempo do Brasil, com informações e dados que estão em constante mudança. Diante dos perigos inerentes ao avanço da extrema direita reacionária brasileira, encerramos esta dissertação com o objetivo de ressaltar a crucialidade de se manter atento para as mudanças constantes em nossa sociedade. Devemos buscar meios de se resistir e combater firmemente o ódio e a intolerância no Brasil. Ainda há tempo.

REFERÊNCIAS

FONTES

BRASIL: a Última Cruzada. Produtora: Brasil Paralelo. **YouTube**, 20 set. 2017-09 abr. 2018. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyQeAaMSn62T86Zzq336k8rF>. Acesso em: 16 dez. 2021.

BRASIL PARALELO, **BRASIL: A última Cruzada**. 1.ed. São Paulo: LVM Editora, 2022.

CAVALEIROS TEMPLÁRIOS DA OPRESSÃO. Rio de Janeiro, 5 jun. 2017. **Facebook**: CAVALEIROS TEMPLÁRIOS DA OPRESSÃO. Disponível em: <https://www.facebook.com/CavaleirosTemplariosdaOpressao/photos/pb.100050433372132.-2207520000./457142367986746/?type=3>. Acesso em: 27, out. 2022.

CAVALEIROS TEMPLÁRIOS DA OPRESSÃO. Rio de Janeiro, 10 set. 2022. **Facebook**: CAVALEIROS TEMPLÁRIOS DA OPRESSÃO. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=656611006030006&set=pb.100050433372132.-2207520000.&type=3>. Acesso em: 2 set. 2022.

CHEGA. Manifesto político fundador. [S. I.] [2018?]. Disponível em: <https://bit.ly/3AI93Mz>. Acesso em: 1 set. 2022.

Conheça as Propostas LUX BRASIL. **LUX BRASIL**, 2023. Disponível em: <https://luxbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/08/12-PROPOSTAS-LUX.pdf>, p. 15. Acesso em 15 mai. 2023.

DEKU PISTOLA. Bolsonaro nosso guerreiro 😁😁😁. 2 mai. 2020. **Twitter**: @naomi_kenji. https://twitter.com/naomi_kenji/status/1256714033073475584. Acesso em 10 jun. 2022.

EXCLUSIVE - DefesaNet interview the Deputy Minister of Defense of Ukraine Hanna Maliar. **DefesaNet**, 2022. Disponível em: https://www.defesanet.com.br/en/br%20uc_e/noticia/44528/Exclusive---DefesaNet-interview-the-Deputy-Minister-of-Defense-of-Ukraine-Hanna-Maliar/. Acesso em 10 set. 2022.

LUX BRASIL. O cavaleiro da Lux convida você!... **YouTube**, 3 mar. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JTQMu4TzoG4>. Acesso em 21 out. 2020.

LUX BRASIL. Conheça a LUX BRASIL. **YouTube**, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pE8wDkXIVTw>. Acesso em 23 mai. 2023.

LUX BRASIL, 2023. Disponível em: www.luxbrasil.org.br. Acesso em: 20 mai. 2023.

MARTINS, F. Está decretada a nova cruzada. Deus vult!. 28 out. 2018. **Twitter**: @filgmartin. Disponível em: <https://twitter.com/filgmartin/status/1056685470971805704?s=19>. Acesso em 06 out. 2022.

MARTINS, F. A nova era chegou. É tudo nosso! Deus vult!. 31 dez. 2018. **Twitter:** @filgmartin. Disponível em: <https://twitter.com/filgmartin/status/1079923922760540160>. Acesso em: 22 ago. 2022.

QUEM SOMOS. **LUX BRASIL**, 2023. Disponível em: <https://luxbrasil.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 21 mai. 2023.

REMARKS by the President Upon Arrival. **The White House**, 2001. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010916-2.html>. Acesso em 05 out. 2022.

SANCTOS MEMES TEMPLÁRIOS. Rio de Janeiro, 5 out. 2020. **Facebook:** SANCTOS MEMES TEMPLÁRIOS. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=184135669831156&set=g.1159941797513071>. Acesso em 10 set. 2022.

TEMPLÁRIOS DA NOVA ERA. 8 mar. 2021. **Facebook:** TEMPLÁRIOS DA NOVA ERA. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1910365902445550&set=g.1159941797513071>. Acesso em 17 set. 2022.

TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Essa é a pergunta que cada trabalhador com vergonha na cara, cada cidadão que diz amar nossa Pátria, precisa se fazer [...]. Rio de Janeiro, 19 fev. 2021. **Facebook:** TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/TemplariosDaPatria/photos/911115236386400/>. Acesso em: 27, out. 2022.

TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Há exatos 3 anos fundávamos o grupo Templários da Pátria RJ [...]. Rio de Janeiro, 2 jun. 2021. **Facebook:** TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/TemplariosDaPatria/photos/a.201069717390959/975783789919544/>. Acesso em: 27, out. 2022.

TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Hoje se comemora o dia do amigo [...]. Rio de Janeiro, 20 jul. 2021. **Facebook:** TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/TemplariosDaPatria/photos/1006619863502603/>. Acesso em 04 nov. 2022.

TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Proteja seus filhos e netos dos ataques do mundo [...]. Rio de Janeiro, 24 set. 2021. **Facebook:** TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/TemplariosDaPatria/photos/a.201069717390959/1050792672418655/>. Acesso em: 27, out. 2022.

TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Só pode haver um! [...]. Rio de Janeiro, 13 mar. 2020. **Facebook:** TEMPLÁRIOS DA PÁTRIA - RJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/TemplariosDaPatria/photos/a.201069717390959/663395871158339/>. Acesso em 2 set. 2022.

BIBLIOGRAFIA

ALBARRAL, Érica Viana. **Do cantar de Mio Cid ao El Cid em quadrinhos: as representações do cavaleiro medieval em sala de aula**. 2017. Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Programa de Pós-graduação em História Ibérica, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2017. Disponível em: <http://bdtd.unifal-mg.edu.br:8080/handle/tede/1088>. Acesso em 28 set. 2022.

ALBUQUERQUE, Maurício.; BOTAFOGO, Fernando; MANSAN, Rafael. Minha honra se chama lealdade: a mítica cavaleiresca no imaginário nacional socialista - usos propagandísticos de um passado lendário (1933 –1945). **Temporalidades – Revista de História**, Ed. 24, v. 9, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5860>. Acesso em: 12 set. 2022.

ALBUQUERQUE, Mauricio da Cunha. **Por Trás da Capa e da Espada: o neomedievalismo em “Príncipe Valente”, de Hal Foster (1939 – 1940)**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgh/files/2019/06/Por-Tr%C3%A1s-da-Capa-e-da-Espada-O-Neomedievalismo-em-Principe-valente-de-Hal-Foster-1939-1940.pdf>. Acesso em: 27 set. 2022.

ALESSI, Gil. Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido. **El País**, São Paulo, 17 jan. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html>. Acesso em 21 mai. 2023.

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. **Cadernos Pagu**, vol. 50, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Cr9ShrVJbCWsDHMrxTDM3wb/abstract/?lang=pt> . Acesso 20 nov. 2022.

ALVARO, Bruno Gonçalves. **A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII: Um Estudo Comparativo do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2008.

ALVARO, Bruno Gonçalves; PRATA, Rafael Costa. Guerras rendilhadas da erudição: Um breve panorama dos combates e debates em torno do conceito de Reconquista. **Signum: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 104-126, jul./dez., 2014.

AMARAL, Clínio; BERTARELLI, Maria. Discursos sobre a Divina Comédia ou temporalizações de Dante Alighieri? A construção do conceito de Idade Média e uma análise por meio da teoria do medievalismo. **Revista Signum**, v. 21, n. 2, p. 37-62, 2020. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/561>. Acesso em: 22 set. 2022.

ANGENOT, Marc. **Dialogues de sourds: traité de rhétorique antilogique**. Paris: Mille et une nuits/Fayard, 2008.

ANPUH-SP Apoia Nota de Alerta. **ANPUH**. Disponível em: https://anpuh.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=5585:nota-de-alerta-2019. Acesso em: 15 dez. 2021.

ASBRIDGE, Thomas. **A chegada dos Cruzados**. 1. Ed. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2021.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: Leach, Edmund et Alii (org.). **Anthropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARRIO, Juan Antonio Barrio. El Cid de Anthony Mann, a través del cine histórico y la edad media. In: UROZ, José (ed.) **Historia y Cine**. San Vicente del Raspeig: Publicaciones de la Universidad de Alicante Campus de San Vicente, 1999.

BERNS, Ute; JOHNSTON, Andrew. Medievalism: A Very Short Introduction. *European Journal of English Studies*. Volume 15, 22 jul. 2011. Tradução GUERRA, Luís. TEMPONI, Eduarda. v. 11 n. 3 (2020): Edição 31 - **Temporalidades**, Belo Horizonte, Vol. 11, n.3, 2019.

BERRIEL, Marcelo. Pour un autre moyen age au Brésil: a perspectiva decolonial na busca de uma episteme para a compreensão dos medievalismos brasileiros. **Antíteses**, v.13, n. 26, p. 68-96, 2020. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/40347>. Acesso em: 15 set. 2022.

BHAT, Prashant; KLEIN, Ofra. Covert Hate Speech: White Nationalists and Dog Whistle Communication on Twitter. In: BOUVIER, G; ROSENBAUM, J. E. **Twitter, the Public Sphere, and the Chaos of Online Deliberation**. Suíça: Palgrave MacMillan, 2020.

BLEAKLEY, Paul. Panic, pizza and mainstreaming the alt-right: A social media analysis of Pizzagate and the rise of the QAnon conspiracy. **SAGE Publications**, vol. 71, n. 3, 2023. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/00113921211034896>. Acesso em 21 mai. 2023.

BOLSONARO lembra Enéas e cita “guerra de informação” por Amazônia. **Carta Capital**, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-lembra-eneas-e-cita-guerra-de-informacao-por-amazonia>. Acesso em 15 mai. 2023.

BOTTON, Fernando Bagiotto. As masculinidades em questão: Uma perspectiva de construção teórica. **Revista Vernáculo**, n. 19/ 20, 2007, Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/20548/13731>. Acesso em 10 jun. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **Dominação Masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa/Rio de Janeiro: Bertrand/Difel, 1989.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017. DOI: 10.15848/hh.v0i23.1236. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1236>. Acesso em: 27 set. 2022.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. O germano e os Ritter a serviço do nacionalsocialismo – propaganda e reapropriação política da imagem dos germanos e dos cavaleiros medievais na Alemanha dos anos 40. **Brathair – Revista de Estudos Celtas e Germanicos**, vol. 14, n. 2, 2014. ISSN 1519-9053. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/902>. Acesso em 3 ago. 2022.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Tradução: DIAS, Maria Carmelita Pádua. Revisão técnica: VAZ, Paulo. 2 a. Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. 1. ed. Campinas, SP: Editora Filosófica Politeia, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. Uma História Global antes da Globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. **Revista de História**, [S. l.], n. 179, p. 1-19, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.160970. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/160970>. Acesso em: 27 set. 2022.

CARDOSO, Luís; SANTOS, Joaquim. Estado Novo Português e Estado Novo Brasileiro: afinidades e divergências nas relações com o patrimônio arquitetônico (décadas de 1930 e 1940). In: **Encontro Internacional ArquiMemória**. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/20221>. Acesso em 22 set. 2022.

CARVALHO, Luís Fernando de. **O recrudescimento do nacionalismo catalão: Estudo de caso sobre o lugar da nação no século XXI**. Brasília: FUNAG, 2015. Disponível em: https://funag.gov.br/loja/download/1139-O_Recrudescimento_do_Nacionalismo_Catalao_13_01_2016.pdf. Acesso em 10 nov. 2022.

CARVALHO, Olavo. **A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci**. 4ª edição. Campinas: Vide Editorial, 2016. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/a-novaera-e-a-revolucao-cultural/>. Acesso em 21 mai. 2023.

CEZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. **Topoi**, v. 8, n. 15, jul.-dez. 2007, p. 159-207. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/YGqZYsNRYC7nHPxBWz939Xx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 21 mai. 2023.

CEZAR, Temístocles; SANTOS, Evandro SANTOS. Ver e dizer: Ensaio sobre o gênero biográfico em Varnhagen. **História**: São Paulo, v.32, n.1, p. 144-161, jan/jun 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/m9HXSsGWG5q4cXqHgWFKkfQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 21 mai. 2023.

CINEMARK emite nota de esclarecimento após exibição de filme sobre 1964. **Correio Braziliense**, 02 abr. 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/04/02/interna-brasil,746968/cinemark-emite-nota-de-esclarecimento-apos-exibicao-de-filme-sobre-196.shtml>. Acesso em: 18 ago. 2022.

CONNELL, Raewyn. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul-dez, 1995.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.21, n.1, jan-abr, 2013.

COOPER, Melinda. **Family values**: between neoliberalism and the new social conservatism. New York: Zone Books, 2017.

COOPER, Melinda. Neoliberalism's Family Values: Welfare, Human Capital, and Kinship. In: PLEHWE, Dieter Plehwe; SLOBODIAN, Quinn; MIROWSKI, Philip. **Nine Lives of Neoliberalism**. Verso, 2020.

COSTA, Priscila Borba da. O Destino Manifesto do Povo Estadunidense: Uma Análise dos Elementos Delineadores do Sentimento Religioso Voltado à Expansão Territorial. In.: **V CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA**, 2011. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/?l=trabalhos&id=224>. Acesso em 10 set. 2022.

COUTO, Livia Maria Albuquerque. Rodrigo Díaz de Vivar: reflexões entre o Cid literário e o histórico em Castela. **Revista Espacialidades**, [S. l.], v. 12, n. 01, p. 01–16, 2018. DOI: 10.21680/1984-817X.2017v12n01ID17652. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17652>. Acesso em: 8 out. 2022.

COUTO, Livia Maria Albuquerque. “**Dios, qué buen vassalo, si oviesse buen señor!**”: as relações de negociação e poder monárquico em Castela no século XIII à luz do Poema de Mio Cid (1207). 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/12525>. Acesso em 16 set. 2022.

CUKIER, Alexis. O neoliberalismo como “desdemocratização” do trabalho. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, Vol. 11, n. 4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/6LggRFfYJXmk4KcM9HKB5PB/?lang=pt&format=html>. Acesso em 17 mai. 2023.

DIAS, Gabriel. 'Deus, Pátria, Família': de onde veio o lema fascista usado por Bolsonaro?. **Notícias Uol**. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/29/deus-patria-familia-lema-de-bolsonaro-tem-origem-fascista-entenda.htm?utm_source=twitter&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral. Acesso em 17 nov. 2022.

DERMURGER, Alain. **Os Cavaleiros de Cristo – Templários, Teutônicos, Hospitalários e outras Ordens Militares na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

DERMURGER, Alain. **Os templários – Uma cavalaria cristã na Idade Média**. Lisboa: DIFEL, 2007.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A Conquista do Estado: Ação Política, Poder e Golpe de Classe**. Petrópolis: Vozes, 1981.

EDUARDO BOLSONARO. 16 anos sem Enéas Carneiro [...]. **Twitter**: @BolsonaroSP, 2023. Disponível em: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1656070480762224646>. Acesso em 15 mai. 2023.

FEITOSA, Danillo; SANTOS, Geisa; SILVA, Sandra. Paulo Freire e a pedagogia libertadora: uma ameaça à perspectiva de educação neoliberal da (extrema) direita no Brasil. **Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 201–221, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8668581>. Acesso em: 21 maio. 2023.

FILHO, João. Todos nessa foto prometeram jamais receber dinheiro do governo. A maioria recebeu. **The Intercept**. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/01/allan-terca-livre-governo-bolsonaro/> Acesso em: 17 dez. 2021.

F PARANHOS. Dr. Enéas - "A imprensa podre me chamou de nazista e fascista". **YouTube**, 23 out. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VE8IGalI_04. Acesso em 15 mai. 2023.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu: reflexões sobre mentalidade e imaginário. In: **Os Três Dedos de Adão. Ensaios de Mitologia Medieval**. São Paulo: EDUSP, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 22ª edição, 2006.

GARCÍA MARTÍN, Pedro. El *Quijote* en el nuevo orden del franquismo, **eHumanista: Journal of Iberian Studies**, vol.28, 2014, p. 759-789.

GEARY, Patrick. **O Mito das Nações: A invenção do nacionalismo**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

GÓMEZ MORENO, Angel. El Cid y los héroes de antaño en la Guerra Civil de España. **eHumanista: Journal of Iberian Studies**, vol.14, 2010, p. 210-238. Disponível em: https://www.academia.edu/1300574/_El_Cid_y_los_h%C3%A9roes_de_anta%C3%B1o_en_l_a_Guerra_Civil_de_Espa%C3%B1a_en_e_Humanista_14_2010_pp_210_238. Acesso em 11 ago. 2022.

GUERRA, Luis. Neomedievalismo político no Brasil contemporâneo. In: BERTARELLI, M.; BIRRO, R.; JÚNIOR, J. (orgs.). **Medievalismos em olhares e construções narrativas - Volume 1**. Pará: Editora Itacaiúnas, 2021, p. 47-64.

GUERREAU, Alain. **O feudalismo: um horizonte teórico**. Lisboa: Edições 70, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 11ª ed., 2006.

HÉLIO Ibiapina Lima. **Memorial da Resistência de São Paulo**. Disponível em: <http://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/helio-ibiapina-lima/>. Acesso em 17 mai. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em 10, set. 2022.

JAIR MESSIAS BOLSONARO. DR. Enéas, um dos homens mais inteligentes [...] **Facebook**, 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/dr-en%C3%89as-um-dos-homens/359935017488824/>. Acesso em 15 mai. 2023.

JONES, Dan. **Templários: ascensão e queda dos guerreiros sagrados de Deus**. São Paulo: Planeta, 2021.

LANZIERI JÚNIOR, Carlile. **Cavaleiros de cola, papel e plástico: Sobre os usos do passado medieval na contemporaneidade**. 1. ed. Campinas, SP: D7 Editora, 2021.

LATZKO-TOTH, G., BONNEAU, C.; MILLETTE, M. Small data, thick data: thickening strategies in trace-based social media research. In: SLOAN, L.; QUAN-HAASE, A. (ed.). **The SAGE handbook of social media research methods**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/313240983_Small_Data_Thick_Data_Thickening_Strategies_for_Trace-Based_Social_Media_Research/link/5db2daf4a6fdccc99d9c1558/download. Acesso em: 24 mai. 2023.

LÍDER da Frente Nacional pode ser julgado por chamar câmaras de gás de "mero detalhe" da Segunda Guerra. **Folha de São Paulo**, 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft07109801.htm>. Acesso em 10 out. 2022.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

LEITE, Lucas Amaral Batista. **A construção do inimigo nos discursos presidenciais norte-americanos do pós-Guerra Fria**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

LOYN, Henry R. (org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 04, out, 1998, p. 103-107. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 16 set. 2022.

KIMMEL, Michael Scott. Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. **Equatorial**. v. 03, n. 04, p. 97-124, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/14910>. Acesso em 10 jun. 2022.

KOCKA, Jürgen. Comparison and Beyond. **History and Theory**, n. 42, p. 39-44, fev. 2003. Tradução de Maria Elisa Bustamante.

MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 22ª edição, 2006.

MILICIANO, Isabel. Cortejo Templário hoje à noite em Tomar. **O templário**, 2019. Disponível em: <https://otemplario.pt/local/cortejo-templario-noturno-hoje-a-noite-em-tomar/> Acesso em 04 out. 2022.

MORAIS, Luan Lucas. O “Mito” fundador Luso-Brasileiro: Apropriações do passado medieval europeu na construção de uma identidade nacional em *Brasil, A Última Cruzada*. In: GATT, Pablo, CARNIEL, Joana (org.). **Estudos em Medievalismo: Sociedade, Poder e Cultura**. Espírito Santo: LETAMIS – Laboratório de Estudos Tardo Antigos e Medievais Ibéricos e Sefaradis, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/44358846/O_mito_fundador_luso_brasileiro_apropri%C3%A7%C3%B5es_do_passado_medieval_europeu_na_constru%C3%A7%C3%A3o_de_uma_identidade_nacional_em_Brasil_a_%C3%BAltima_cruzada_. Acesso em 2 set. 2022.

MORAES, Thiago Aguiar de. O conceito de think tank e suas possibilidades de aplicação para o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais: um estudo de caso brasileiro (1961-1971). **XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013. Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-010/585.pdf>. Acesso em 17 mai. 2023.

MOTA, Bruna. **E por esta razão conuino que fuessen los reyes, e lo tomassen los omes por señores: Uma Análise Da Legitimidade, Autoridade E Poder No Reinado De Alfonso X Através Das Suas Redes De Negociações Senhoriais (1252-1284)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/8376/2/BRUNA_OLIVEIRA_MOTA.pdf. Acesso em 16 set. 2022.

MOTTA, Rodrigo. **Culturas Políticas na História**: Novos Estudos. Editora Fino Traço, 2009.

NASCIMENTO, Myllena; BRAGA, Amanda. O homem viril em evidência: O funcionamento do dispositivo da virilidade em memes da direita alternativa brasileira. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 41, set-dez (2021). Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/index>. Acesso em set. 2022.

NUSBICKEL, Alex. **Antigo Portugal no Estado Novo: Como um governo cooptou a história nacional**. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.17615/pc5d-bw45> Acesso em: 21 ago. 2022.

OLIVEIRA, Laura Nogueira. **Os índios bravos e o Sr. Visconde: Os Indígenas brasileiros na obra de Francisco Adolfo de Varnhagen**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/VCSA-6UZMQN>. Acesso em 23 mai. 2023, p. 123.

OLIVEIRA, Terezinha. A historiografia francesa dos séculos XVIII e XIX: as visões iluminista e romântica da Idade Média. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 21, p. 175-185, 1999. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/4205>. Acesso em 10 set. 2022.

PACHÁ, Paulo. Deus vult: uma velha expressão na boca da extrema direita. Entrevista concedida a Ethel Rudnitzki, Rafael Oliveira. **Pública – Agência de Jornalismo Investigativo**.

Disponível em <https://apublica.org/2019/04/deus-vult-uma-velha-expressao-na-boca-da-extrema-direita/>. Acesso em: 24 out. 2020.

PINTO, António. **Os Camisas Azuis – Rolão Preto e Fascismo em Portugal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Recife: EDUPE, 2016.

PESAVENTO, S. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 15, nº 29, 1995, p. p. 9-27. Disponível em: https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3770 Acesso em: 4 abr. 2021.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Tradução Maria da Graça M. Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 3ª edição, 2001.

REMOND, René. **Por uma História Política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ROCHA, Camila. O papel dos think tanks pró-mercado na difusão do neoliberalismo no Brasil. **MILLCAYAC – Revista Digital de Ciências Sociais**, vol. IV, n. 7, 2017, ISSN: 2362-616x. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6128657>. Acesso em: 15 mai. 2023.

RUNCIMAN, Steven. **História da Cruzadas: A Primeira Cruzada e a Fundação do Reino de Jerusalém**. Rio de Janeiro: Imago, 2003. 3v. V. 1.

SALIBA, Pedro José Nasser. Expressão política e história através dos memes de Michel Temer. **Revista Visagem**, v. 03, n. 02, p. 188-234, 2017. Disponível em: http://grupovisagem.org/revista/edicao_v3_n2/acervo/artigo_08.pdf. Acesso em: 24 mai. 2023.

SAMPAIO, Paulo. 'Nunca namorei na vida', diz Paulo Kogos, influencer com 126 mil seguidores. **TAB Uol**, 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/11/05/nunca-namorei-na-vida-diz-paulo-kogos-influencer-com-116-mil-seguidores.htm>. Acesso em 06 out. 2022.

SAMPERE, Isabel. La recreación de la biografía en el cine de Samuel Bronston. El caso de la preproducción de El Cid. In: CAMARERO, Gloria (ed.). **La biografía fílmica: actas del Segundo Congreso Internacional de Historia y Cine**. Madrid: T&B editores, 2011, pp. 628-645 Disponível em: <http://hdl.handle.net/10016/11363>. Acesso em 10 out. 2022.

SANTOS, Rayani Mariano dos. Pensando a família como um dos pontos de intersecção entre o neoliberalismo e o conservadorismo. In: **III Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social: Populismos e Democracias**, 2019, Pelotas. Anais eletrônicos [...] Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2019, p. 17. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/legadolaclau/files/2019/07/ARTIGO-Santos.pdf>. Acesso em 23 mai. 2023.

SCOTT, Joan Wallach. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. **The American Historical Review**, Oxford, Oxford University Press, v. 91, n. 5, 1986, p. 1053-1075. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/1864376#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 17 set. 2022.

SEIXAS, R. A retórica da pós-verdade: o problema das convicções. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 18, p. 122-138, abr.2019. DOI [dx.doi.org/10.17648/eidea-18-2197](https://doi.org/10.17648/eidea-18-2197). Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2197>. Acesso em 13 set. 2022.

SOUZA, Guilherme Queiroz de. Raimundo Lúlio, a Idade Média global e o ensino de História: perspectivas de abordagem. **Esboços**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 531-557, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/76832/47074>. Acesso em 23 mai. 2025.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. A construção medieval da memória de santos venerados na cidade do Rio de Janeiro: reflexões sobre um projeto de pesquisa em andamento. In: **Revista Digital Simonsen**. Rio de Janeiro, n.4, 2016. Disponível em: http://www.simonsen.br/revista-digital/wp-content/uploads/2016/06/46-Revista-Simonsen_N4-Andreia.pdf. Acesso em 22 set. 2022.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. São Jorge, a Ordem dos Pregadores e a Legenda Aurea. 2019. In: **Atas Do XII Encontro Internacional De Estudos Medievais e III Seminário Internacional sobre Hagiografia Medieval**, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/39897270/S%C3%A3o_Jorge_a_Ordem_dos_Pregadores_e_a_Legenda_Aurea. Acesso em 22 set. 2022.

SILVA, Júlia de Matos. **História da Ditadura Portuguesa: Salazar versus Humberto Delgado (1952-1965)**. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/14800/2/Julia_Matos_Silva.pdf. Acesso em: 22 set. 2022.

SILVA, Samira da; ZAMPARETTI, Bruna Cataneo. Revisionismo, **História e Negacionismo: uma análise a partir das produções midiáticas do Brasil Paralelo**. Santa Catarina: 2021. 33 p. Monografia (Graduação em História) - Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/17229/1/Artigo%20-%20Samira%20da%20Silva.pdf>. Acesso em 23 mai. 2023.

TOMAR – Festa Templária está prevista para 7 a 10 de Julho. Câmara ‘analisa’ moldes do evento nesta segunda-feira. **Rádio HERTZ**, 2022. Disponível em: <https://radiohertz.pt/tomar-festa-templaria-esta-prevista-para-7-a-10-de-julho-camara-analisa-moldes-do-evento-nesta-segunda-feira/>. Acesso em 04 out. 2022.

TORRES-AYALA, Daniela. Historia pública. Una apuesta para pensar y repensar el quehacer histórico. **Historia y Sociedad**, n. 38, p. 229-249, 2020. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/hisysoc/article/view/80019>. Acesso em: 29 jul. 2022.

TYERMAN, Christopher. **A guerra de Deus: Uma nova História das Cruzadas**. 2 Volumes. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

UM AGENTE da CIA: General diz que teve contato com informante da agência. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 23 ago. 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs23089810.htm>. Acesso em 17 mai. 2023.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História geral do Brasil** [...] antes da sua separação e independência de Portugal [...]. 2º ed. Rio de Janeiro: Casa de E. & H. Laemmert, s.d., 1877. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4825>. Acesso em 23 mai. 2023.

VIANA, N.; VIEIRA, W., BODENMÜLLER, L.; MOTA, J. Documentos sobre atuação da Stratfor no Brasil expõem o amadorismo de espiões e fontes. **Yahoo! Notícias**, 2012. Disponível em: https://br.noticias.yahoo.com/documentos-sobre-atua%C3%A7%C3%A3o-stratfor-brasil-exp%C3%B5em-amadorismo-espi%C3%B5es-fontes.html?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2xlLmNvbS8&guce_referrer_sig=AQAAAMdJKhNPSnlx47xmyM2lgrUj12WraH2m6hJKvHVeGPoIn9VctWG-Tn0PoeccEDDPu2EgdO1Z6bPckBJSQdboHFW0Dvfy8y9gIESnVrZlb74qY5XQb9zfbnGlhsfbuLBcHHwjSfZfPLUJozu012KZAuixiJVHtSf7b6xR7edkjpPo. Acesso em 10 set. 2022.

ZANINI, Fábio. Produtora Brasil Paralelo vive crescimento meteórico e quer ser 'Netflix da direita'. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 29 mai. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/produtora-brasil-paralelo-vive-crescimento-meteorico-e-quer-ser-netflix-da-direita.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2021.